

Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 6 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 5 de Fevereiro de 1944





FANTASIAS



1 — Quem quizer se apresentar como *sócio* de Bing Crosby e Raymond Walburn (Paramount) pode fazê-lo. 2 — Em estilo romântico é esta fantasia tipo 1830, original e sugestiva, que Lynne Cverman (Paramount) apresenta ao lado de Bing Crosby. 3 — Ann Sothern (Universal) nos manda um modelo realmente luxuoso. 4 — Maria Montez (Universal) oferece aparatosa fantasia, sugestão tipo *Mil e Uma Noites*. 5 — Judy Garland e Mickey Rooney (Metro) também sugerem algo interessante.

VAI PARA O CÉO SEM QUERER

de ROBERTO LYRA

colegial sabia nomes de poetas, oradores, políticos. Fantasia, retórica, nomeação... Romancistas nem tanto, pois os pupilos do sr. Reitor, na época do chamado naturalismo, não ouviam falar sequer nos monstros. Mingãosinho de Alencar sem "Luciola". O mais eram vegetais e minerais, no tempo do celerado Julio Ribeiro. O de "A Carne".

Eu não sabia da existência de um Clovis Bevilaqua. Nem quando troquei o colegio religioso pelo Lyceu, já namorando a aliança bacharelícia, um rubi do Mororó. Que me entendam os contemporâneos do milagroso joalheiro nordestino, concertador de relógios sempre pontual na devolução das peças "que sobravam..."

Clovis era do outro mundo, o que adivinhávamos nas intuições ansiosas cortadas pelas paredes tradicionais. E o Recife estava ali ao lado. Mas impediam qualquer contato entre a nossa e a geração anterior.

E foi assim que ignorei a existência de Clovis até o fim do curso de "humanidades". Com que gosto repito a designação! Era tão bela! Pena que não passasse do vocabulo o programa de curiosidade e dúvida, ao mesmo tempo base e transformação.

Vim a conhecer o nome de Clovis Bevilaqua na lombada dos livros de academico de direito. Hoje, diríamos "universitário" para tudo exprimir, recuperando, pelo menos verbalmente, no levantamento da cumieira, o que se perdeu de força renascente e liberal nos alicerces.

Devo os primeiros contatos com a obra de Clovis às lições de Prudente de Moraes Filho que, "lições" mesmo, tinham mais proveito do que as "dições" dos outros, sem aquela prova escrita de probidade, zelo e segurança feita em tom de conversa — frizante e metódico.

A "Teoria Geral do Direito Civil" foi o livro que Prudente adotara. Aqui o tenho ainda, com as manchas, as dobras, os riscos do manuseio. Ensinaí, professores, que os alunos estudarão!

Só depois de formado, porém, conheci Clovis pessoalmente. Visitei-o para pedir um parecer, naquela casa recolhida e afastada, que mais parece jardim zoológico — passaros, papagaios, cachorros, gatos, galinhas, que ali são mesmo animais domésticos, enrolando-se nas pernas,

pulando ao ombro, ao colo do Mestre. E foi alisando um bichano a sorrir doce e levemente, a abanar a cabeça com indulgência humilde e paciente que ele ouviu a consulta. A timidez do novato diante daquele homem glorioso, de uma glória benéfica e sem espetáculo, desapareceu ao seu gesto bondoso, atraindo suave mas irresistivelmente, o olhar disperso pelas estantes transformadas em poleiros, pelas janelas desfeiteadas, pelo desalinho do Mestre, o paletot velho e lustroso, os sapatos com furos precursores de alta moda feminina. No dia seguinte, fui buscar o parecer, que é sempre um remédio de sua inexgotável e infalível farmácia para as necessidades do doente. Pedi-lhe que arbitrasse seus honorários e, quando ele o fez, compreendi a razão de sua pobreza e a autenticidade de sua virtude.

Mais tarde, professor da Faculdade, mereci a honra da presença de Clovis à conferência em que estudei um dos aspectos menos versados de sua universal sabedoria jurídica — o criminalista. E, ouvindo-me os louvores, ele tinha no olhar um fulgor de gratidão constrangida e modesta.

Não é diferente o seu vexame quando sumidades estrangeiras vêm prostrar-se, como discípulos, a seus pés.

Por iniciativa e obra do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, a herma de Clovis Bevilaqua está ali na Praça Paris. Naquele recanto luminoso da metrópole — igrejas evocando o passado, jardins marcando o presente, entre a montanha e o mar, este dinâmico tal o progresso, aquela estática como a tradição, os símbolos se reúnem para emoldurar um sábio que iluminará o futuro com o seu saber; um Homem que será, para sempre, modelo de tolerância, de bondade e de renúncia. Elaborando, doutrinando, aplicando o Direito, tanto nas culminâncias da filosofia e da sociologia como na planície das normas positivas, Clovis, sem jamais haver ocupado uma cátedra, foi, desde moço, mestre dos mestres projetando a sua obra além fronteiras para o bem da humanidade. A política diplomática do Brasil recebeu de seu Consultor, durante muitos anos, conselhos que encerravam lições, decretos e sentenças, mas também nossa vocação pacifista, nossa mensagem fraternal para todos os povos.

Clovis encerra, não só a ciência, mas ainda o culto do Direito. A sua efígie tem a gravidade simples, intensa e duradoura do original. Perpetuando-a na praça pública, o Instituto dos Advogados honrou as comemorações do próprio centenário e deu ao povo mais um refúgio para a meditação que inspira, estimula e consola todos os que lutam pela Verdade!

Os crentes dizem de um livre pensador assim: "vai para o céu mesmo sem querer..."



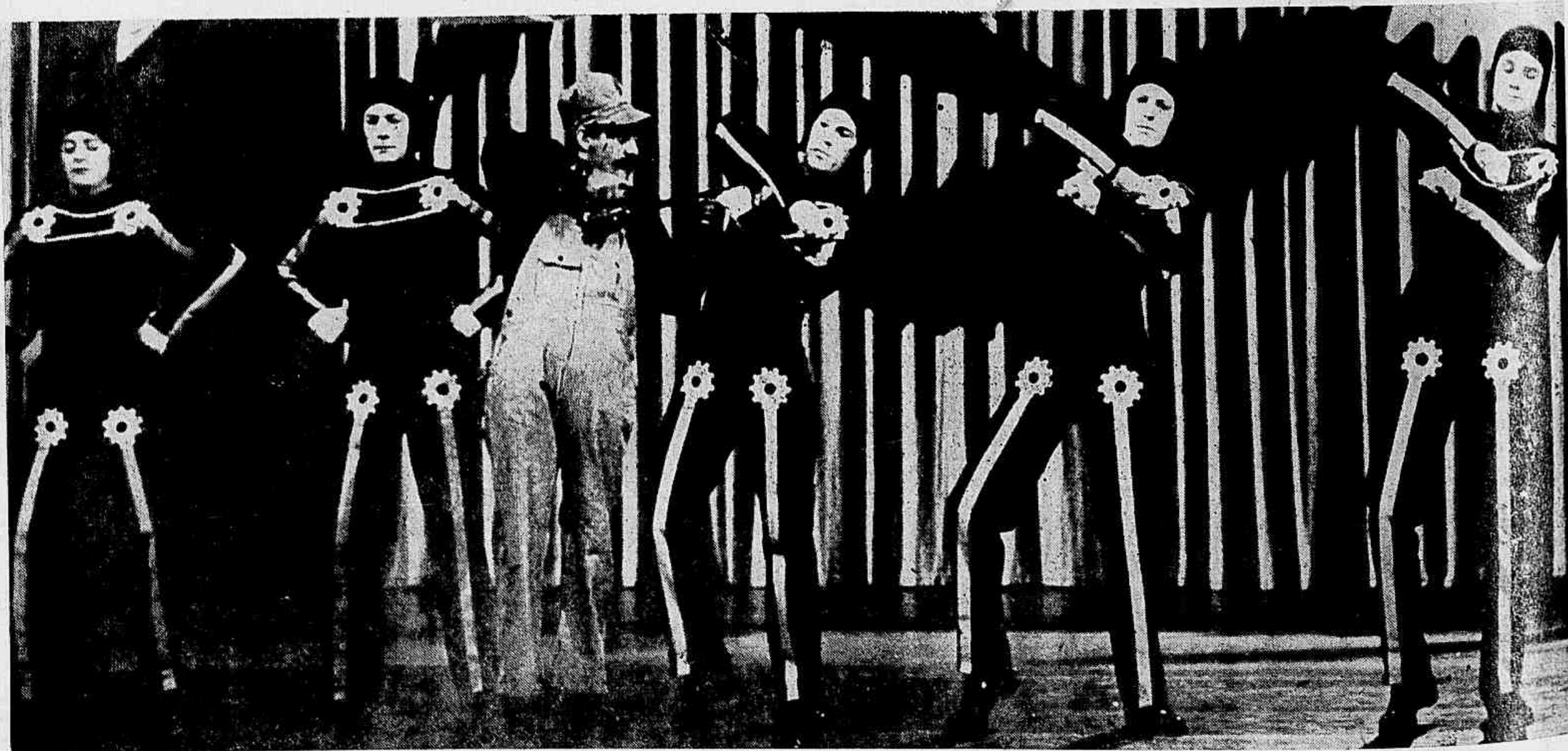
FOLIAS E FOLIÕES



Duas irmãs na harmonia e duas folionas, que vão pintar o sete no filme de Eleanor Powell (Lena Norne e Hazel Scott. Metro).



Um meias de malha rendada e trinta centímetros de seda, e ainda sobra pano para as... mangas... **QUE FANTASIA RACIONADA!** Breve ela vem aí num filme musicado (Miriam Lavelle. Metro).



Este grupo de Camouflados sugere algo de infernal! Pois não é a Canção da Vitória? (Foto Paramount).



Que bloco maluco! Quem é que vai entrar no cordão? (Foto Paramount).

*

Duas semanas a escorrerem da ampulheta do tempo e teremos de volta o reinado efêmero de Momo. Nada poderia fazer-nos sentir tanto o peso da guerra como o retraimento do carioca quando estamos tão próximos do Carnaval.

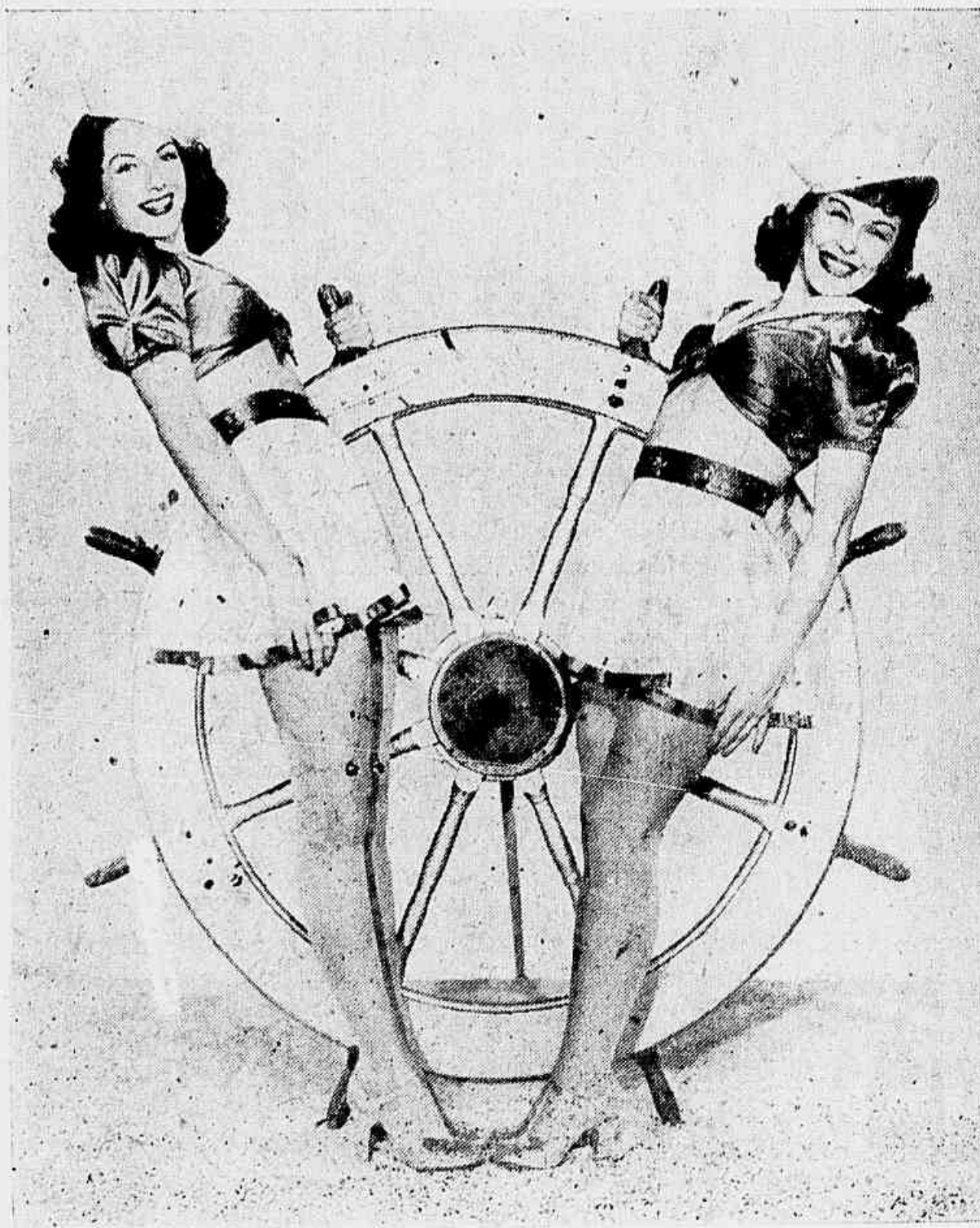
O Radio grita diariamente as novas marchas; os sambas, deturpados da sua origem sagrada, gemem as malandragens das favelas; contam, descaradamente, os seus vícios e seus fracassos, derramando veneno e lama na alma maleável do povo. Porque, si a musica é quasi sempre inspirada, a letra repisa o velho e sujo tema: poetas arvorados em rapsodos de uma gente degradada, refúgio que ainda não recebeu o batismo de oxigenio da natureza tropical, sensual talvez, mas pura apesar de tudo; refúgio humano que ainda não encontrou o caminho de luz de um nativismo sadio e redentor. E' preciso casinar a cantar a gente brasileira, cantos dignos da nossa terra uberrima e fecunda, da nossa crença sentimentalizada, da nossa raça em formação.

Mesmo por causa da tragedia universal, o carnaval serve de tonico para as massas; pela alegria, extravasante e contagiosa, ele mantém a força interna, o moral do povo, o esquecimento, momentaneo embora, como quem mergulha num banho de alegria para suportar a realidade crúa e dura do presente. Afrouxam-se os freios, a alma do povo se espalha como fogueira na ventania; a loucura feliz desses breves dias ajuda a viver. Em Pernambuco o carnaval é uma instituição, organizada com o criterio de conservar puros seus costumes e tradições, sua musica típica e seus grupos característicos, que são como um monumento folclorico regional. Sem o contacto muito intimo com o cosmopolitismo das metropoles, ele pode até hoje fugir ao contagio externo.

(Conclue na pag. 7).

*

Duas pequenas do barulho. Elas estão dispostas a aguentar o leme do barco do rei Momo e... rumo á folia. (Foto Columbia).



ESCRAGNOLLE DORIA

Viajantes de Marca

A lei de 20 de Outubro de 1823, revogada a 3 de Outubro de 1854, mandava considerar substitutos dos presidentes de província os conselheiros do Governo mais votados.

Conselheiro do Governo, em Abril de 1828 o bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade assumiu a presidência de S. Paulo. Af os dous personagens mais destacados eram o diocesano e o governador das armas.

A 5 de Setembro de 1828 sahia nomeado governador das armas de S. Paulo o brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

Requeru ele a D. Pedro I. expondo que "havia de transportar-se para S. Paulo com sua numerosa familia, mas faltavam-lhe os meios para tanto. Tendo S. M. I. attenção a circumstancias identicas mandava dar a titulo de ajuda de custo aos Commandantes de Armas officiaes generaes a quantia de quinhentos mil réis, que o requerente, por seu procurador, Carlos Cesar Burlamaqui, esperava obter de S. M. I."

Informe a Secretaria — primeiro despacho da petição. A burocracia não cultiva a hydraulica se tem "canais competentes" de curso moroso. Sem duvida à vista da informação burocratica a petição obteve ultimo despacho. "Mande-se dar 200\$ como se praticou com os ultimos Governadores do Pará e Maranhão". Realmente S. Paulo era mais perto que Belem ou S. Luiz.

Novo requerimento, do punho de Lima e Silva, "pedindo a S. M. I. fosse servido mandar passar as ordens necessarias para que o peticionario e pessoas com ele seguindo para S. Paulo não encontrassem impedimento nos registros", isto é tivessem livre transito.

Anexa à petição Lima e Silva ainda de proprio punho apresentava a relação das pessoas a que aludia no seu requerer, relação redigida pelo interessado na seguinte ordem.

Ajudante de ordens — Tenente Manoel Antonio da Fonseca Costa; alferes de ordens Carlos Miguel de Lima e Silva e Joaquim Antonio Leal.

Pessoas de familia — D. Marianna Candida Bello e Lima; D. Bernardina, D. Carlota, D. Carolina, menores as tres ultimas.

Escravos — Pedro André e Jorge, menores; Feliciano, Albano e Faustino; escravas Barbara, Senhorinha, Henriqueta e Cecilia.

Crianças tres, condutores de tropa quatro.

D. Marianna, a esposa do brigadeiro Lima e Silva, levava consigo Bernardina Mafalda, Carlota Guilhermina e Carolina Leopoldina, suas filhas menores.

O tenente Fonseca Costa fôra ajudante de ordens de Lima e Silva ao combater este a separatista Confederação do Equador. Seria o marquês da Gavea do fim do Imperio após longa vida militar, mui bem biograficamente evocada por Paulo Pires Brandão.

Carlos Miguel, alferes de ordens do pai em 1828, o seria de glorioso irmão repressor da luta dos Farrapos em 1845, e em 1828 o major Luiz Alves de Lima. Naquele posto morreria Carlos Miguel em 1846, no Rio Parado, Rio Grande do Sul.

De Joaquim Vieira Leal, o outro alferes de ordens de 1828, dirá fé de officio para se lhe seguir carreira.

Em S. Paulo, o brigadeiro Lima e Silva, com o bispo D. Manoel, partilhou o prestigio dos dous mais altos cargos da provincia.

Imperial Cidade desde 1823, S. Paulo, a cujo estado militar vinha presidir o brigadeiro Lima e Silva, aquartelava um batalhão de caçadores, distribuindo guarnições para os pontos fortificados da provincia, Santos e S. Sebastião.

S. Paulo crescia em população, cujo recenseamento apresentaria a cidade em 1838 com vinte mil almas. O baixo custo da vida facilitava o gosto de viver, o do brigadeiro Lima e Silva mesmo provendo ao tratamento de familia de quatro pessoas, afóra serviçais. Chefe de familia de representação, mantinha-a Lima e Silva com decencia vencendo soldo sem larguezas. Um lente catedratico da Academia Juridica de S. Paulo percebia então um conto e duzentos por ano, oitocentos mil réis anuais ganhava o substituto.

Ninguém contudo passava vergonha, ou fazia feio.

Não se demoreu Lima e Silva em S. Paulo, dispensado do comando de armas em Novembro de 1829. Tornaria à provincia em 1830, em Março de 1831 lhe sendo confiado o comando das armas da Côrte quando o Primeiro Reinado à beira de queda.

Na celebrisante madrugada de 7 de Abril, abdicava D. Pedro I. e Lima e Silva levava ao Senado o ato da renuncia do trono. Pouco depois o portador se achava regente do Imperio no triunvirato de emergencia formado por ele Lima e Silva, Caravellas e Vergueiro.

A' evocação da viagem de Lima e Silva a S. Paulo em 1828 siga-se lembrança de outra viagem de quem, como o regente do Imperio, gravaria nome no regime.

Ao alvorecer do seculo XIX, na capital da Bahia, no seu commercio em grosso prosperava o negociante português Agostinho da Silva Paranhos. Sensível prejuizo sofreria ele com a entrada de tropas de sua nação na cidade do Salvador.

Morria Paranhos não muito depois, ainda assim deixando à viuva, D. Josefa Emerenciana Barreiro Paranhos, com que provêr os filhos e o lar sem mingua de conforto.

Concorreu porém a espólio um irmão de Paranhos, seu socio e pretenso credor. Liti-gando com ele a cunhada exgotou recursos em pendencia judiciaria. Na casa abastada entrou pobreza, triunfante a injustiça; cousa é corriqueira se pungente.

Alguem acudio à despojada familia, foi o coronel de linha Eusebio Gomes Barreiro velando por irmã e sobrinhos. Em um, José Maria, descobriu o tio intelligencia e gosto precoce pelo estudo, protegendo-o no curso primario e no secundario.

Concluido este, José Maria da Silva Paranhos, de motu proprio ou influenciado pela carreira militar do tio, desejou e conseguiu viajar para o Rio de Janeiro, de 1835, vivendo o Brasil grande na minoridade de D. Pedro II, pupilo de Regencia.

Com a saudade dos seus, com a esperança de afirmar-se, o Paranhos de verdes anos partio para o Rio de Janeiro nalgum navio veleiro habituado a longos dias no oceano, às suas belezas e inconstancias.

No Rio propoz-se Paranhos a matricula na Academia de Marinha, que em trans-plantação continuava na America a Academia naval creada em Portugal reinante D. Maria I, datando os guardas-marinhas do reinado de D. José.

Recente e valiosa obra do capitão de mar e guerra Lucas Boiteux — sob o titulo *A Escola Naval* — permite conhecer a historia da Academia de Marinha, mercê de pes-quizador incansavel cujos serviços o futuro apreciará.

Em 1836, com mais trinta e oito colegas, pertenceu Paranhos à Academia de Ma- rinha. Vencia o aspirante Paranhos o soldo de onze mil reis mensais, uma vez guarda-

marinha percebendo vinte e dous mil reis por mez. Que puras satisfações as dos primeiros dinheiros ganhos honestamente!

Da Academia de Marinha, alojada em dependencias do convento de S. Bento, passou Paranhos a cursar a Academia Militar, de séde no largo de S. Francisco de Paula, no edificio onde ora funciona a Escola Nacional de Engenharia.

Para aumentar recursos recorreu Para-nhos ao que sabia. Exerceu o magisterio particular, que se não enriquecia dava para viver e não era explorado.

De progresso em progresso, de talento chegou Paranhos a lente da Academia Mi-litar Que fui hontem? dir-se-ia ele? Pouco ainda. Que sou hoje? dir-se-ia ele em 1849 já então cada vez mais. Para confirmar ai está história patria.

Dissêra alguem a Paranhos estudante: "Snr. Paranhos, o Snr. ha de ser ministro. E, ministro seis vezes, Paranhos principiou por o ser em 1854, justamente detentor da pasta da Marinha no gabinete Paraná. Quanto ca-minho percorrido dezesete anos depois de as-pirante no quartel de S. Bento!

Nos seus dias de calma e meditação, não muitos em vida sempre requerida pelo ser-viço publico, Paranhos, visconde do Rio Bran-co, repassaria seus tempos de adolescente e talvez da farda de ministro de Estado, verde escuro e doirada, se reportasse ao seu uni-forme de guarda-marinha.

O conde de Porto Alegre tenente-gene-ral recordava o maior prazer de sua vida militar, o de vestir garboso a farda de alferes para tirar retrato e galantemente oferecê-lo

respeitoso a moças bonitas de Porto Alegre. Manoel Marques de Souza teve avô e pai soldados de relevo, o avô alcançando a patente que o neto receberia, a patente de te-nente general, o pai já brigadeiro ao morrer envenenado em Montevideu.

Na historia militar do Brasil o nome do conde de Porto Alegre sobresaí na Guerra Cisplatina, aureola-se de vitória na ação decisiva de Monte Caseros, Marques de Souza á testa de divisão brasileira e de um destacamento de soldados veteranos alemães, des-tacamento "que se portou com bravura na batalha", conforme o general Paula Cidade prefaciando obra traduzida do major Danforth, editada em *Boletim do Centro Rio Gran-dense de Estudos Historicos*.

Marques de Souza reformara-se em tenente-general em 1856. Ao ferir da guerra do Paraguai reverteu á atividade, aos sessenta anos de idade comandante em chefe das forças no Rio Grande do Sul talado pelo inimigo paraguaio.

Ao sahir do Rio de Janeiro, Marques de Souza apresentou oficialmente, de proprio punho, a relação de sua bagagem. Documento curioso por vir de quem vinha e mostrar o tido por necessario a homem de tanta importancia social e militar: "Um bahu de sola preta com tachas amarellas, duas latas, uma com roupa de viagem, outra com papeis, uma pequena mala preta, um sacco de lona com arreios, um de panno de algodão ada-mascado com a cama, um sacco de panno de linho contendo tres ponches, uma arma de caça de dous canos, um revolver de seis tiros, um sacco de caça, um par de botas gran-des não usadas, um caxote, um chapéo de sol. Total 6 volumes com 113 Kilos."

Num dos seis volumes sem duvida ia a farda de grande gala vestida por Porto Ale-gre na hora das pelejas, nelas a sorte de cada um segundo a segundo entre vida e morte.



Casa onde nasceu o Visconde do Rio Branco, na cidade da Bahia.

Folias e Foliões

(Conclusão da pág. 5)

E' trepidante e bello, o melhor carnaval do Brasil. Sua musica segue, em linha geral, a inspiração nativa arrancada aos maracatús, congadas, chegarças, côcos e emboladas das eras colonias e negreiras.

"Oh! que beco estreito — chegado a espinho
E' a Cambinda bonita que vem no caminho...
Temos rei, temos rainha"... etc...

A cidade mauricéa revive, nesses dias, todo o esplendor da terra dos donatarios.



Eleanor Powell e sua turma, sugerindo fantasias para um formidável bloco. (Foto Metro).

senhores de engenho, fidalgos de Olinda contra os mascates do Recife; as hôstes de Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias desfalam, e ao lado deles, em galas opulentas, estão as mulheres de Tejuco-papo e Casa Forte. E' um Brasil avito e heroico que canta com entusiasmo eletrisante.

O carnaval carioca, de tanta fama, tem decaído lamentavelmente; fartos motivos são apontados pelos entendidos, contudo isso talvez não seja mais do que uma despersonalização causada pela preocupação excessiva de... cinemismo. A despersonalização traz um periodo de transformação incerta, titubeante, destruidora. E' pena. O carioca deve defender as características tradicionais da sua famosa festa popular, impô-la à força a quem nos quer arrebatrar, com propósitos financeiros, de cenaristas eméritos, toda a grandeza que se oculta na simplicidade nativa, afro-portuguesa do nosso carnaval.

Canta Brasil com tua inubia, teu réco-réco, teu pandeiro e teu chapéu de palha, um carnaval brasileiro.

J. B. MACHADO.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gestelra**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gestelra**

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gestelra**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Sels meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Sels meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Sels meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

NOSSA CAPA

A guerra é um fenomeno tão avassalador que todos os aspectos da vida, mesmo aqueles que menos se relacionam com ela, sofrem a sua influencia.

Se esta verdade se verificava quando a guerra se limitava às trincheiras, muito mais agora que alcançou as cidades alterando toda a sua vida.

Tambem a vaidade, que entrou com todos os outros pecados no coração da nossa veneranda Mãe Eva, e que como os outros se perde na origem dos tempos, divindade absoluta do belo sexo, teve de ceder ante a supremacia do terrível Marte.

Mas as espertas filhas de Eva tudo sabem conciliar habilidosamente, con-

servando mesmo nas situações mais trágicas a graça que tanto ameniza a nossa existencia.

O interessante é que os proprios homens, inspirados pela beleza feminina, descobrem meios de unir o util ao agradável.

Este esforço, que fazemos para conservar um pouco do encanto da existencia nos dias cruéis em que vivemos, é bem o símbolo da nossa época atormentada, fator de grande importancia na luta contra aqueles que espalham pelo mundo a miséria e a destruição.

Nossa capa, focalizando um novo e inesperado efeito da guerra total sobre a moda feminina, apresenta um dos muitos modelos de chapéus e bolsas fosforescentes a que nos referimos na reportagem que vai no texto.

ARRANJO DIÁRIO DA MESA

D. LALINHA

por Mme. RISOLETA

Atendendo seu pedido damos aqui dois modelos de mesa com toalhas individuais. Realmente, esta maneira de pôr a mesa é prática e muito bonita, desde que haja gosto na combinação das cores, no serviço e arranjo; mas nunca se pôde usar a toalha individual em almoços ou jantares de cerimônia; contudo, quando os convidados são mais ou menos íntimos, a mesa pode ser posta assim.

O modelo abaixo é uma mesa elegante: os acessórios são finos, as toalhinhas originais, pois são de oleado; os cristais e os finos candelabros conferem-lhe um grande *chic*, ela pode muito bem servir aos almoços que seu marido oferece aos amigos com os quais tem o hábito de jogar. Este sistema realmente resolve satisfatoriamente o problema da lavadeira.

O modelo ao lado é mais simples, serve para os jantares íntimos ou o chá com as suas amigas.

Hoje, com a extravagância característica dos nossos dias, as mais extraordinárias inovações não causam admiração a ninguém. Substituir as toalhinhas individuais por espelhos é uma ideia original e a mesa com cristais e flores ha de dar um magnífico aspecto, mas não é nem tudo em que esse sistema seja prático. Os espelhos estão caros e as criadas não têm o menor interesse em poupa-los; e para quem é supersticioso... quebrar espelho traz azar! Dizem...

Mais adiante respondemos às perguntas sobre *blusas práticas*. Obrigada pela sua gentileza; não conhecia a receita que me enviou; deve ser deliciosa, vou transcrevê-la para o nosso *menu* de hoje. Sempre ao seu dispor com prazer.

MARIA ANTONIA

Então você tem só 14 anos mas gosta de saber quaes as melhores vitaminas e desejaria conhecer os alimentos mais ricos em elementos para se desenvolver normalmente? Muito bem, Maria Antonia, você é uma gentil menina, inteligente e digna de louvor. Digo-lhe que para o seu caso a Vitamina C é a mais indicada; os alimentos que você costuma ingerir contêm essa vitamina, os pimentões também; o fígado de vaca ou vitela é excelente como tônico. O paladar se educa, minha querida, como se educa o espírito e o caráter. Coma aquilo que lhe seja útil, mesmo sem gostar, e acabará gostando. Está



Mesa arrumada com toalhinhas individuais feitas de oleado verde com margaridas do mesmo material branco, os guardanapos são de linho no mesmo tom de verde com as margaridas brancas bordadas. Candelabros de ferro forjado pintado de branco, pratos de porcelana com folhas em vários tons de verde.



Outra mesa com toalhinhas individuais; esta tem um jogo feito de crochet grosso. Cores: terracota e amarelo-limão, as flores também amarelas.

certo, vou arranjar um *menu* para você: sairá oportunamente, pois tudo tem de ser feito de acordo com o espaço.

Obrigada pelo abraço carinhoso, que retribuo. Gostei muito de você.

M E N U

GALINHA HOLANDEZA — Faça uma galinha ensopada com todos os temperos, e que fique com bastante molho. Retire a galinha e desfie; engrosse o molho com 3 gemas, maisena e queijo, deve ficar com a consistência de pirão. A este molho junta-se presunto picado, 1 colher de manteiga e a galinha desfiada; ponha numa forma untada de manteiga, e vai gelar. Dura dois dias e pôde acrescentar-se *petits-pois* ou palmito, passados em manteiga.

PÃOZINHOS RECHEADOS — Tome 6 pãozinhos e retire parte do miolo, molhe em leite e sal, passe manteiga por dentro. Faça um recheio com carne passada na máquina, e temperada com cebola, alho, salsa, pimenta, tomate, tudo picado bem finos; refogue em manteiga ou toucinho, depois misture um ovo. Encha os pães e leve ao forno quente.

BEIJOS DE CABOCLA — 250 grs. de açúcar em calda rala, 8 gemas, 4 claras batidas em neve, 250 grs. de queijo de Minas, 1 colher de farinha de trigo. Misture-se tudo com a calda, depois de fria não mexer muito; pôr em forminhas untadas de manteiga. Vai ao forno em banho-maria.

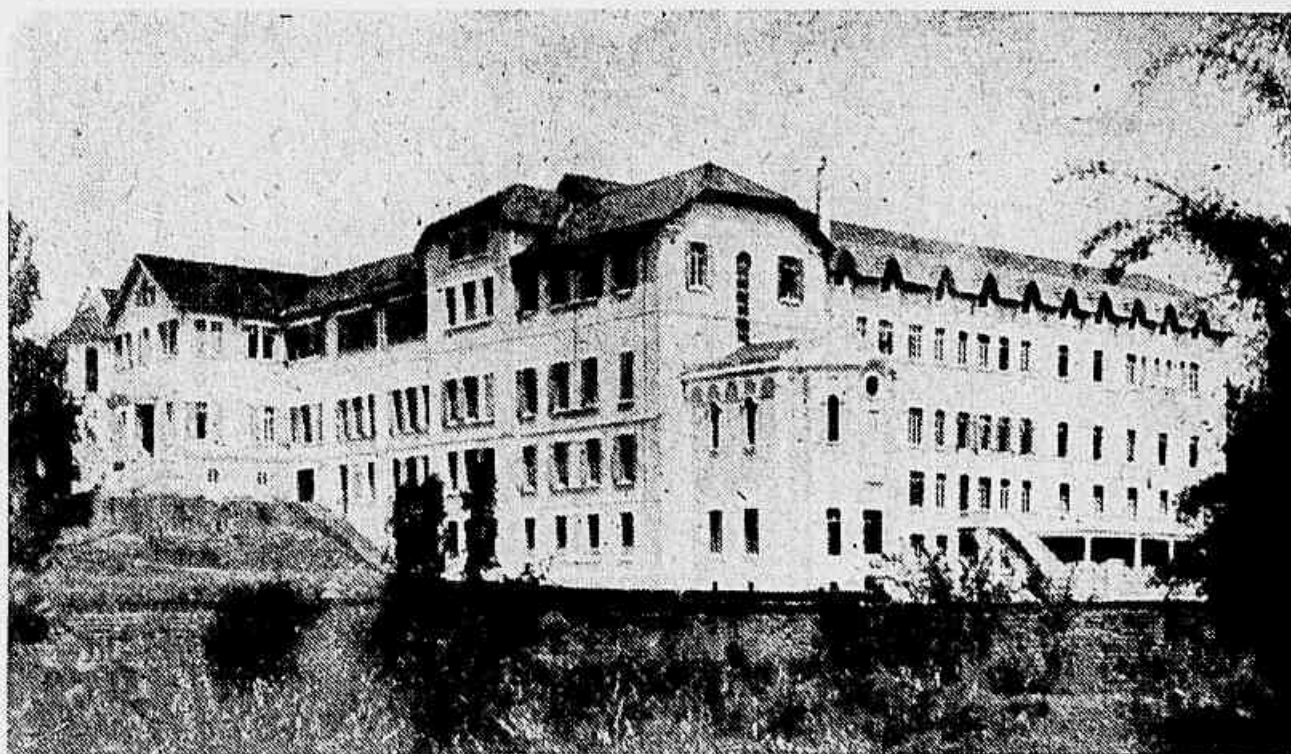
CONSELHOS PRATICOS

Para aproveitar as gemas pôde guarda-las pondo por cima agua; mas é necessario que elas estejam inteiras.

Contra as baratas, use partes iguaes de gesso e açúcar, pondo nos lugares mais infestados.

O cheiro de gasolina sae logo lavando as mãos com sal.

COLÉGIO SANTO ANTONIO



Vista parcial da fachada principal do Colégio Santo Antonio.

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932)

S. JOÃO DEL-REI -- MINAS

DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES

O Estabelecimento mantém cursos de admissão, secundário fundamental e colegial (científico e clássico).

PREÇOS PARA INTERNATO

Curso de admissão, por ano	Cr\$ 2.000,00
Curso secundário fundamental, por ano	Cr\$ 2.200,00
Curso colegial, por ano	Cr\$ 2.700,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.

O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

NÃO COMETA ESSE ERRO

DRA. SILVA ROGER



Maria Montez e Jean Pierre Rimon, recém-casados.

FORMOSA RECEM-CASADA:

Certo filósofo escreveu uma vez: "Si desculpassemos as faltas alheias como desculpamos as nossas e fossemos complacentes com as fraquezas do próximo como somos com as nossas, essa compreensão nos tornaria mais felizes." Mas você é muito jovem para saber o valor desta verdade: os seus vinte e poucos anos, a sua sensibilidade concorrem muito para aumentar as proporções dessa tragédia doméstica. Acho que foi Frederico II quem disse: "A Experiência tem uma escola, mas só os velhos e os sofrendores a frequentam". A juventude não pôde conhecer a Senhora Experiência, rúde e severa, como as professoras do tempo das palmatorias, mas eficiente e útil. Conselhos dados à juventude são como punhados de penas atiradas ao vento. E' a lei natural da vida!

Não pense, minha amiga, que he vou tirar o direito da revolta e mesmo da amargura que extravasa de sua longa missiva. Não seria humano fazê-lo.

Compreendo, perfeitamente, o seu caso. Conheço, mesmo, esse tipo de mãe que é sua sogra.

Em diferentes períodos de sua carta você explica certos fatos. Por exemplo, diz num certo trecho: "Minha sogra é bem conservada, e bonita; foi mesmo linda, mas já passou no casamento embora d'gam ter sido boa esposa." Está aí o ponto nevrálgico. Na clínica dos psicanalistas existem explicações para tais doenças. Porque, não duvide, minha amiga, que se trata de uma doente. Você diz ainda: "Qualquer moça que namorasse

sofia uma perseguição implacável, até desmoralizante." — E' que todo o poder de amar, toda a capacidade de carinho do seu temperamento ardente, ela os concentrou no filho, gerando esse sentimento mó-bido e egoísta. O amor materno, sadio e puro, se caracteriza sobretudo pela falta de egoísmo. Tudo quanto torna feliz o filho alegra o coração materno.

Em outro período da carta você diz: "Imagine que os próprios amigos faziam alusões maldosas a esses exageros pois ela chegava a perder até a noção de que é uma cristã. Os loucos não raciocinam e loucura não é só o acesso que leva ao manicomio. Há muita espécie de nevrose mais prejudicial do que a do louco reconhecido. Veja você que essa mãe, com todo esse imerso amor que dedica ao filho, está cavando-lhe a ruína do lar que ele construiu com amor, no anseio muito humano de ser venturoso, de ter um teto, uma companheira escolhida por ele, a seu gosto, e que tem qualidades para torna-lo um homem digno do esforço despendido.

Sua sogra diz que: *O filho poderia ter encontrado alguém melhor que você?* Teria a sogra dela dito o mesmo? Não se amargure com frases banaes, ditadas por um despeito inconsciente. Só quem pôde afirmar alguma coisa sobre a escolha feita é seu marido e só quem pôde provar que ele acertou é você. Isto deve ser um ponto de honra para ambos, mas sobretudo para você. Nenhuma vingança pôde ser mais nobre e razoável. Antes de você se casar muitas vezes a Senhora Experiência a aconselhou pela voz da vovósinha. Ela podia ter uma previsão de tudo sem ser "adivinha". Agora, vá para diante, coragem e fé. Tudo será fácil em quanto houver amor e compreensão entre vocês dois e só aos dois importa. Evite repetir com azedume e tantas vezes essa palavra: sogra. Si ela não quer que lhe chame mãe, lembre-se que é, de qualquer forma, a mãe do seu marido e será a avó do seu filhinho. Nas horas da borrasca pense assim: "Um dia o meu filho se casará, e a minha nora será bonita e inteligente como eu, será jovem e desejará construir seu lar com o filho que é meu e que lhe cedo de coração. Ela me chamará mamã, terei um neto lindo como este meu *le-ê*; ele me chamará — avósinha querida do coração, e eu terei esquecido este mau pedaço do caminho."

Toda felicidade tem um preço: pague a sua, com generosidade e grandeza; seja uma bondosa enfermeira dessa infeliz creatura que não soube compreender a força avassalante da vida.

- Que perfeição de pele!
É adorável!

Ouça elogios como esses, dizendo adeus à

Cutis Lustrosa

Aquele brilho que enfeia a pele chama-se "Cutis Lustrosa". Ela é evitada com a fôscia tonalidade do PÓ DE ARROZ ROYAL BRIAR. Sua tênue textura suaviza a pele e fixa o pó durante várias horas.

Complete a "maquillage" com Rouge Royal Briar, de cores vivazes, que se harmonizam melhor com as tonalidades da cutis.



...e tem o perfume que deixa saudades

PÓ de ARROZ

Royal Briar

ATKINSONS

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

PRISÃO de VENTRE?



Numeros atrasados desta Revista em Sergipe

PROCURAR NA

LIVRARIA REGINA



PENSAMENTO

Quando em uma idade avançada criticas os atos e as palavras dos outros, lembra-te do que fizeste na tua mocidade.

ALEXANDRE

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



"RODELAS"...



ROBERT

BURNS

O maior poeta da Escócia

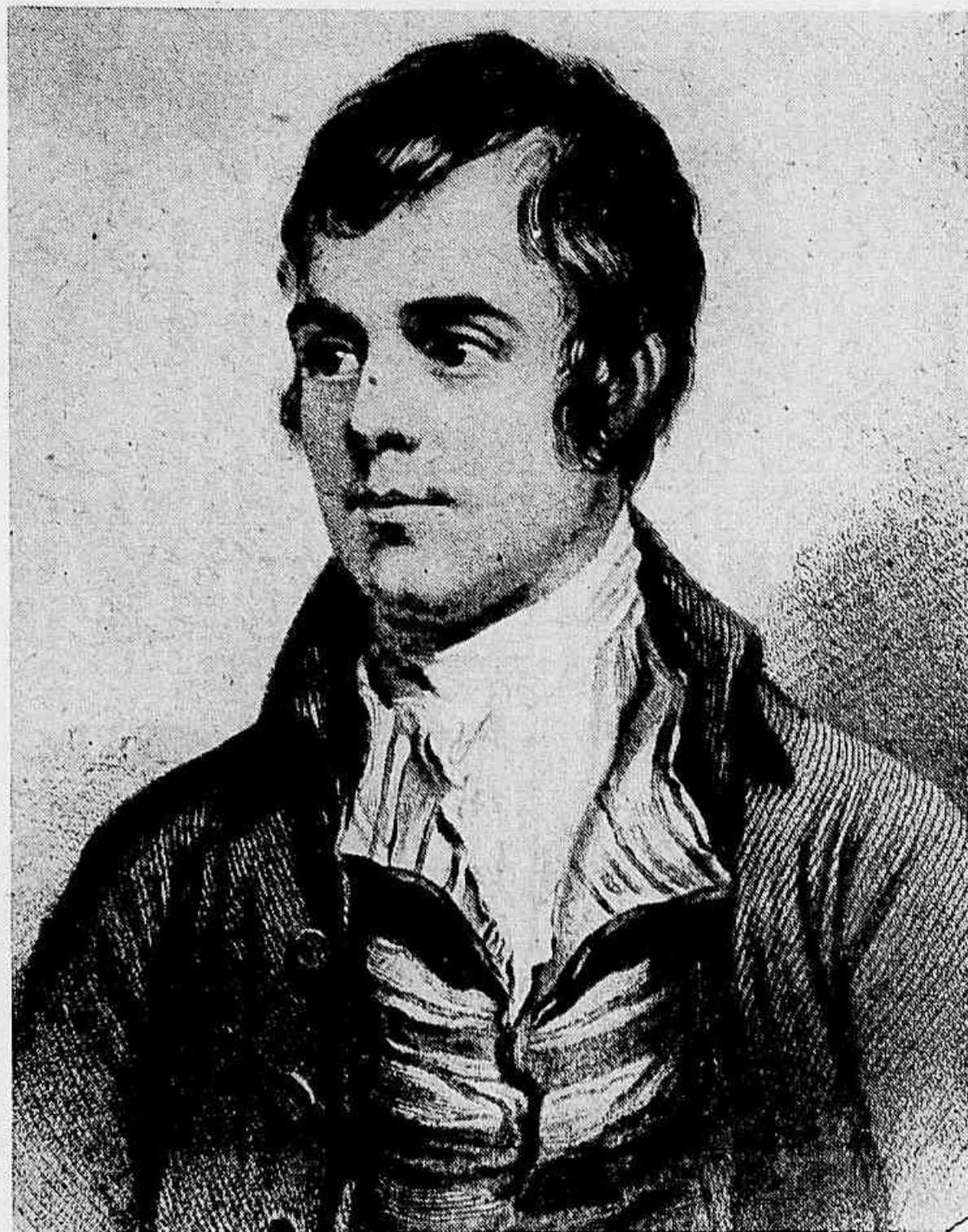
(Por Augustus Muir. Do B. N. S. especial para REVISTA DA SEMANA)

ROBERT BURNS não foi somente o autor de canções memoráveis, mas foi também o poeta que descreveu a vida do povo escocês, na sua época. Ha outros poetas cujos nomes fulguram no templo da fama, e talvez o principal entre eles seja William Dunbar, morto há mais de quatrocentos anos. Os méritos de Dunbar são notáveis e poucos críticos desejariam remover Robert Burns do lugar que ocupa — entre os poetas do coração dos escoceses. Certamente, quando Burns escrevia no idioma inglês tal qual é falado no sul do reino, deixou muitas vezes de atingir os píncaros a que chegou quando escreveu, no seu dórico nativo, a língua que ouviu falar ao seu redor durante a maior parte da existencia.

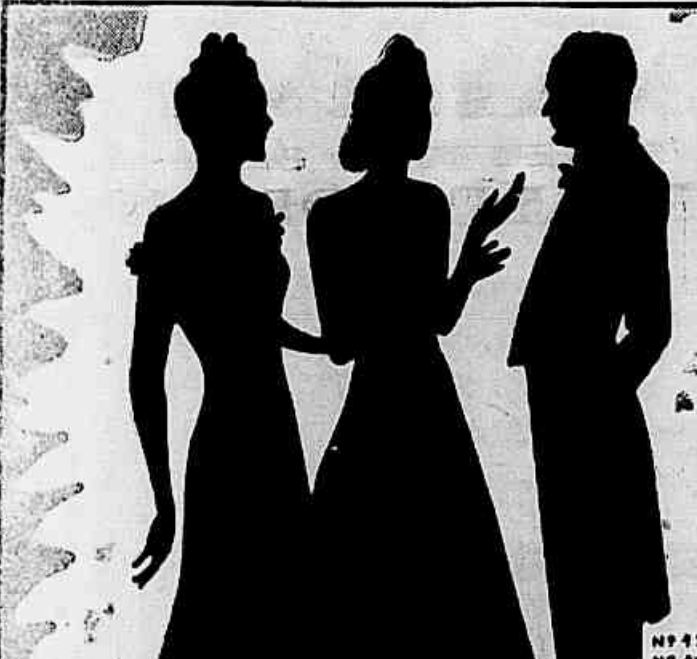
Robert Burns viveu na segunda metade do século XVIII e os seus poemas estão cheios de pinturas brilhantes daqueles dias. *The Cottar's Saturday Night*, por exemplo, é memorável pelos traços de ventura e contentamento domésticos, e nos outros poemas o autor encara outros aspetos da vida rural — as suas fadigas e prazeres, a alegria trazida pela feira anual, danças e passeios, os amores, os ódios e as maguas dos camponeses. O seu poema *Halloween* (*All Hallow's Eve*, como é conhecido na Inglaterra), fornece um quadro de superstição com um mixto de hilaridade, e esta última inegavelmente predomina. O poema como que é uma pintura da escola holandesa, na fiel atenção dispensada aos detalhes. É a vida do seu próprio povo, o povo da sua própria região de Ayrshire, que Burns descreve com tanto prazer e, ao descrever essa vida, o seu gênio encontrou um esboço natural.

Mas voltemos às suas canções, tidas por muita gente como ainda mais belas do que os poemas. Dezenas delas foram retiradas de canções antigas, passadas de geração em geração pela tradição oral. Tirou delas o que queria — talvez pouco mais do que uma ou duas linhas — desprezou o restante e produziu uma obra prima característica do seu próprio genio e que se enquadra na melodia com graça perfeita. Muitas das canções tradicionais escocesas foram assim imensamente aprimoradas por esse grande mestre do lirismo. Mas dezenas de outras surgiram espontaneamente, saídas do coração do poeta. A amargura causada pela separação de seres amados, a saudade do lar, a esperança de melhores dias — conheceu bem todos esses sentimentos, que traduziu em versos encantadores.

Burns é muitas vezes apresentado como um amante ardente. É verdade que fez loucuras pelo amor e algumas vezes arrependeu-se quando já era demasiado tarde, tal como acontece com outros grandes homens. Sempre se colocou do lado daqueles para os quais o destino se mostrou ingrato, sempre se mostrou pronto a consolar os infelizes e era tão generoso que, se tivesse sido um homem rico, a riqueza não



Retrato de Robert Burns, o maior poeta da Escócia, nascido em Kincardineshire em 1759. Seu pai era um simples agricultor. Com os seus belos poemas Burns logo atraiu a atenção da aristocracia escocesa e inglesa, e de trabalhador da granja paterna, cujas terras arava, chegou a gozar da intimidade de algumas das figuras da maior projeção social nos fins do século XVIII.



ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL



EXTRACTO
 Nº 1210 C/CX.
 Nº 1217 C/CX.

SABONETE
 Nº 1280

PÓ Nº 1250

EXTRACTO
 Nº 1211 C/CX.
 Nº 1211 S/CX.
 Nº 1211-M

BRILHANTIMA
 Nº 1212

Nº 1200
 Nº 1201
 Nº 1202-F
 Nº 1201-F
 Nº 1202-F

Nº 1220
 Nº 1221
 Nº 1222

Nº 1243

Nº 1240
 Nº 1241
 Nº 1242

Nº 1243

Nº 1244

Nº 1245

Nº 1246

Nº 1247

Nº 1248

Nº 1249

Nº 1250

Nº 1251

Nº 1252

Nº 1253

Nº 1254

Nº 1255

Nº 1256

Nº 1257

Nº 1258

Nº 1259

Nº 1260

Nº 1261

Nº 1262

Nº 1263

Nº 1264

Nº 1265

Nº 1266

Nº 1267

Nº 1268

Nº 1269

Nº 1270

Nº 1271

Nº 1272

Nº 1273

Nº 1274

Nº 1275

Nº 1276

Nº 1277

Nº 1278

Nº 1279

Nº 1280

Nº 1281

Nº 1282

Nº 1283

Nº 1284

Nº 1285

Nº 1286

Nº 1287

Nº 1288

Nº 1289

Nº 1290

Nº 1291

Nº 1292

Nº 1293

Nº 1294

Nº 1295

Nº 1296

Nº 1297

Nº 1298

Nº 1299

Nº 1300

Nº 1301

Nº 1302

Nº 1303

Nº 1304

Nº 1305

Nº 1306

Nº 1307

Nº 1308

Nº 1309

Nº 1310

Nº 1311

Nº 1312

Nº 1313

Nº 1314

Nº 1315

Nº 1316

Nº 1317

Nº 1318

Nº 1319

Nº 1320

Nº 1321

Nº 1322

Nº 1323

Nº 1324

Nº 1325

Nº 1326

Nº 1327

Nº 1328

Nº 1329

Nº 1330

Nº 1331

Nº 1332

Nº 1333

Nº 1334

Nº 1335

Nº 1336

Nº 1337

Nº 1338

Nº 1339

Nº 1340

Nº 1341

Nº 1342

Nº 1343

Nº 1344

Nº 1345

Nº 1346

Nº 1347

Nº 1348

Nº 1349

Nº 1350

Nº 1351

Nº 1352

Nº 1353

Nº 1354

Nº 1355

Nº 1356

Nº 1357

Nº 1358

Nº 1359

Nº 1360

Nº 1361

Nº 1362

Nº 1363

Nº 1364

Nº 1365

Nº 1366

Nº 1367

Nº 1368

Nº 1369

Nº 1370

Nº 1371

Nº 1372

Nº 1373

Nº 1374

Nº 1375

Nº 1376

Nº 1377

Nº 1378

Nº 1379

Nº 1380

Nº 1381

Nº 1382

Nº 1383

Nº 1384

Nº 1385

Nº 1386

Nº 1387

Nº 1388

Nº 1389

Nº 1390

Nº 1391

Nº 1392

Nº 1393

Nº 1394

Nº 1395

Nº 1396

Nº 1397

Nº 1398

Nº 1399

Nº 1400

Nº 1401

Nº 1402

Nº 1403

Nº 1404

Nº 1405

Nº 1406

Nº 1407

Nº 1408

Nº 1409

Nº 1410

Nº 1411

Nº 1412

Nº 1413

Nº 1414

Nº 1415

Nº 1416

Nº 1417

Nº 1418

Nº 1419

Nº 1420

Nº 1421

Nº 1422

Nº 1423

Nº 1424

Nº 1425

Nº 1426

Nº 1427

Nº 1428

Nº 1429

Nº 1430

Nº 1431

Nº 1432

Nº 1433

Nº 1434

Nº 1435

Nº 1436

Nº 1437

Nº 1438

Nº 1439

Nº 1440

Nº 1441

Nº 1442

Nº 1443

Nº 1444

Nº 1445

Nº 1446

Nº 1447

Nº 1448

Nº 1449

Nº 1450

Nº 1451

Nº 1452

Nº 1453

Nº 1454

Nº 1455

Nº 1456

Nº 1457

Nº 1458

Nº 1459

Nº 1460

Nº 1461

Nº 1462

Nº 1463

Nº 1464

Nº 146

Ele ficaria muito tempo em
mãos.

Fisicamente, era singularmente belo. Seus amigos costumavam dizer que os seus olhos brilhavam como carvões ardentes, quando o poeta se animava. Embora de nascimento modesto, sentia-se à vontade na melhor sociedade e a Gran-Duquesa de Gordon declarou que Burns fôra o único homem que a "estonteara" com o fascínio da sua conversação. A fama de poeta propagou-se pelo país todo. Dizia-se que se acase entrava num albergue à meia-noite, quando todos já estavam acomodados, a notícia de que *Robbie Burns chegou* logo corria a casa e os hóspedes se reuniam na sala de entrada, na ansia de vê-lo e ouvi-lo. Poucos homens tiveram tanta vitalidade física e mental, e tão vívido magnetismo pessoal.

Os seus conterrâneos escoceses aclamaram-no como um grande democrata, cujas palavras são tão potentes hoje como quando as escreveu. A sua voz era a do espírito da Escócia. Para ele, não havia fronteiras de tempo e espaço, e pugnou pela fraternidade comum de todos os homens de boa vontade. E assim foi o maior dos poetas escoceses, que morreu aos 37 anos, deixando não somente um grande número de poemas encantadores e de quadros patéticos da vida campestre, como também poemas maravilhosos que fazem latejar o pulso daqueles que estão prontos para combater em prol da liberdade.

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o seu fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

SEU ROSTO MANTERÁ MOCIDADE PERMANENTE COM O USO DE

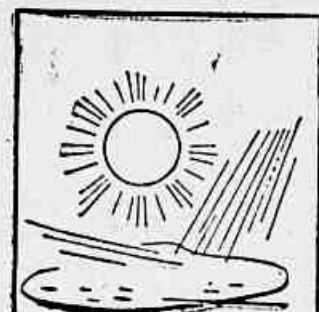
Um Só Creme!



ONDE NASCE A VELHICE
RUGAS NA TESTA: Marcam o fim de uma mocidade... destroem a beleza...
PÉS DE GALINHA: Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, que envelhecem a fisionomia.
CRAVOS E ESPINHAS: Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade.



Prático e eficiente, o tratamento da pele com Rugól é também o mais rápido!



• Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador da cutis!

Ao fazer uma massagem com Rugól, os seus ingredientes penetram até as camadas sub-cutâneas, estimulam a circulação do sangue e ativam o funcionamento das glândulas: ao mesmo tempo, outros elementos da fórmula do Rugól, permanecem sobre a pele, desobstruindo os poros, limpando a cutis e protegendo-a. Rugól faz desaparecer rugas, espinhas, cravos, manchas e todas as imperfeições. O "tratamento experimental de três dias", com Rugól, mostrar-lhe-á os primeiros resultados, mantendo em sua cutis a beleza permanente e inalcançável mocidade!



Creme Rugól

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO



Livros

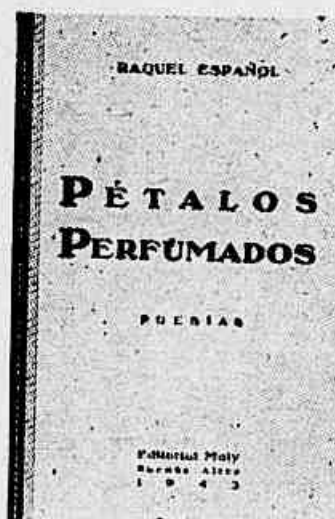
CORNEILLE, AUTOR COMICO — Maria Carmen Cortese — Buenos Aires.



Neste ensaio, editado pelo Instituto de Estudos Franceses, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, a autora estuda o grande comico que existiu em Cornéille a par do trágico de fama universal. De fato, *Le Mentur e L'illusion Comique* são comédias dignas de onbrear com as do genial Molière. Si Cornéille é mais conhecido como trágico, isto não impede que dêmos a suas obras cômicas o lugar que merecem. Maria Carmen Cortese nos fornece um estudo minucioso sobre essa outra face de Cornéille: aponta-nos as influências espanholas que sofreu, esmiuça seus processos de despertar o riso, nos diversos dos seus contemporâneos, construindo situações cômicas mediante pequenos nada: emissão de palavras, situações imprevistas, pequenos defeitos magnificados pela lupa do autor.

O ensaio é documentado com diversas cenas de Cornéille. Sua autora faz-nos seguir no próprio texto as características que aponta. Explicando o motivo de ter Cornéille abandonado a comédia pela tragédia, ela elucida: "O milagre de Molière — segundo Kehler — é que leu tão fundo no coração que transformou nossas mais dolorosas imperfeições em motivos de riso." O milagre de Cornéille, podemos acrescentar, é que tendo lido dentro de nós com tanta penetração, já tido o valor, fechando os olhos, de representar-nos tal como nos via em seu coração.

PÉTALOS PERFUMADOS — Raquel Espanol — Buenos Aires.



Trata-se de uma poetisa de acurada sensibilidade, embora pobre em meios expressivos. Com o tempo, transformar-se-á, sem dúvida numa personalidade poética de real valor. Antes de tudo, porém, precisa trabalhar seu estilo, aprimorar a musicalidade de seus versos. É muito difícil versejar em espanhol; isso porque, paradoxalmente, a língua se presta extraordinariamente ao verso. Dá ser necessária, ao poeta verdadeira capacidade criadora para elevar-se acima do nível comum tão fácil de atingir. Esses poemas são não raro envolvidos por um halo de ingenuidade que está indicando a idade da autora, bem como os atestados críticos, passados por diversos jornais e revistas, que ela cuidadosamente recortou e estampou no começo do livro.

Nada disso! Não se deixe embalar por elogios. Trabalhe seu verso, domine a maravilhosa língua que lhe serve de instrumento — eis o que tem a fazer. Só desse modo conseguirá desenvolver e aperfeiçoar os dotes poéticos que na verdade possui e chegará a ocupar lugar de realce entre as poetisas que honram a América.

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



É o que dirão seus filhinhos ao saborearem sopas, pudins ou cremes preparados com Maizena Duryea. Dê-lhes sempre alimentos saborosos e altamente nutritivos, preparados com a incomparável

MAIZENA DURYEA

LTDA.

Novos

A GAROTA RE LAMBETH — W. Somerset Maugham — Rio

Este livro, o primeiro que Maugham escreveu, quando tinha apenas dezessete anos, vale pelo prefácio. Trata-se de uma novela dos cortiços londrinos, escrita com a crueza de Zola e a incipiência de um Aluizio de Azevedo. O próprio Maugham confessa no seu inteligente prefácio, muito mais interessante que o livro, achar-se naquela época sob a influência dos realistas franceses. Sua profissão de médico ou antes de estudante de medicina puse-o em contacto com a miséria londrina nos seus mais repugnantes aspectos. E seguindo as normas dos artistas franceses que admirava, sobretudo de Maupassant, resolveu-se a contar apenas o que via. Dif. resultou esse livro cheio da ingenuidade dos realistas e que nada mais é do que a história de uma "Dama das Camélias" proletária, o sombrio relato da existência de uma jovem que reparte suas horas entre a fábrica, a cerveja, os mornos divertimentos da rua em que vive e os amores mais ou menos ilícitos das horas noturnas. Com esse livro revela-se-nos um outro Maugham que não ganhamos nada em conhecer, um Maugham que, apesar do realismo que então estava impregnado de forte dose de romantismo, ainda inábil em traçar o plano do romance e em balizar sabiamente o enredo de modo a prender nossa atenção. Nada nos faz adivinhar nesse romancelho de quarta classe o Maugham de *Servividão Humano* e das maravilhosas *Histórias dos Mares do Sul*, a não ser certo humorismo que aponta aqui e se lá mas que é demasiado inglês para ser um característico individual.

Verdadeiramente notável é o prefácio do livro, onde o autor, deixando-nos entrever um pouco dos seus processos criadores, historiando-nos o começo de sua carreira, dá a entender ao leitor percuciente algo do seu drama pessoal. Maugham é um escritor dividido entre a finalidade artística e a necessidade monetária. Forçado muitas vezes a escrever para vender, sua capacidade criadora sofre altos e baixos, bastante perceptíveis a quem conhece sua obra. Entre *Um Gosto e Seis Vintens* e o *Agente Britânico* medeia um abismo. Ele próprio confessa que "um autor tem o direito de ser julgado pela sua obra melhor: será prudente se tornar a tarefa da seleção tão leve quanto possível. Si o seu único meio de vida é a pena, e forçado muitas vezes a escrever para fazer dinheiro e é improvável, embora não inevitável, que, sob tais circunstâncias, escreva alguma coisa de valor". Mais adiante, porém, afirma ser útil essa necessidade: "Esse aguilhão é muito útil, como o prova o fato de homens de dinheiro, não importa qual seja o seu trabalho, raramente se terem entregado às penas necessárias para a produção de uma obra sólida" — o que é falso. Outra falsidade que emite mais adiante é: "Uma das inconveniências a que o escritor está sujeito é a de que deve aprender á custa do público". O verdadeiro artista que há em Somerset Maugham jamais diria semelhante absurdo que escraviza a arte ao gosto do público si com ele não coexistisse o escritor mercenário que produz por dinheiro. A par desses erros ditados pelo dualismo que luta em sua alma, Maugham diz coisas muito sensatas sobre a tarefa do escritor e sobre si mesmo, temperadas com o condimento agri-doce daquele septicismo muito seu e já bastante nosso conhecido.

DESPORTOS E EDUCAÇÃO SOCIAL. — João Lira Filho. Rio. 1943.

O Sr. João Lira Filho, que é, sem favor, uma das mais brilhantes figuras da nova geração brasileira, aplica grande parte de sua cultura e considerável porção de seu tempo em batalhar pelo desenvolvimento dos esportes em nosso país.

Economista e literato, não são poucas as obras que o Sr. João Lira Filho tem lançado com sucesso.

"Desportos e Educação Social" é uma conferência que o jovem e talentoso escritor proferiu por ocasião do cinquentenário da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. E com ser um trabalho de pouca extensão não deixa de constituir mais um cometimento bem sucedido do autor e uma palavra a mais na pregação pelo desenvolvimento do gosto esportivo entre nós.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome, endereço e fins a que as mesmas se destinam

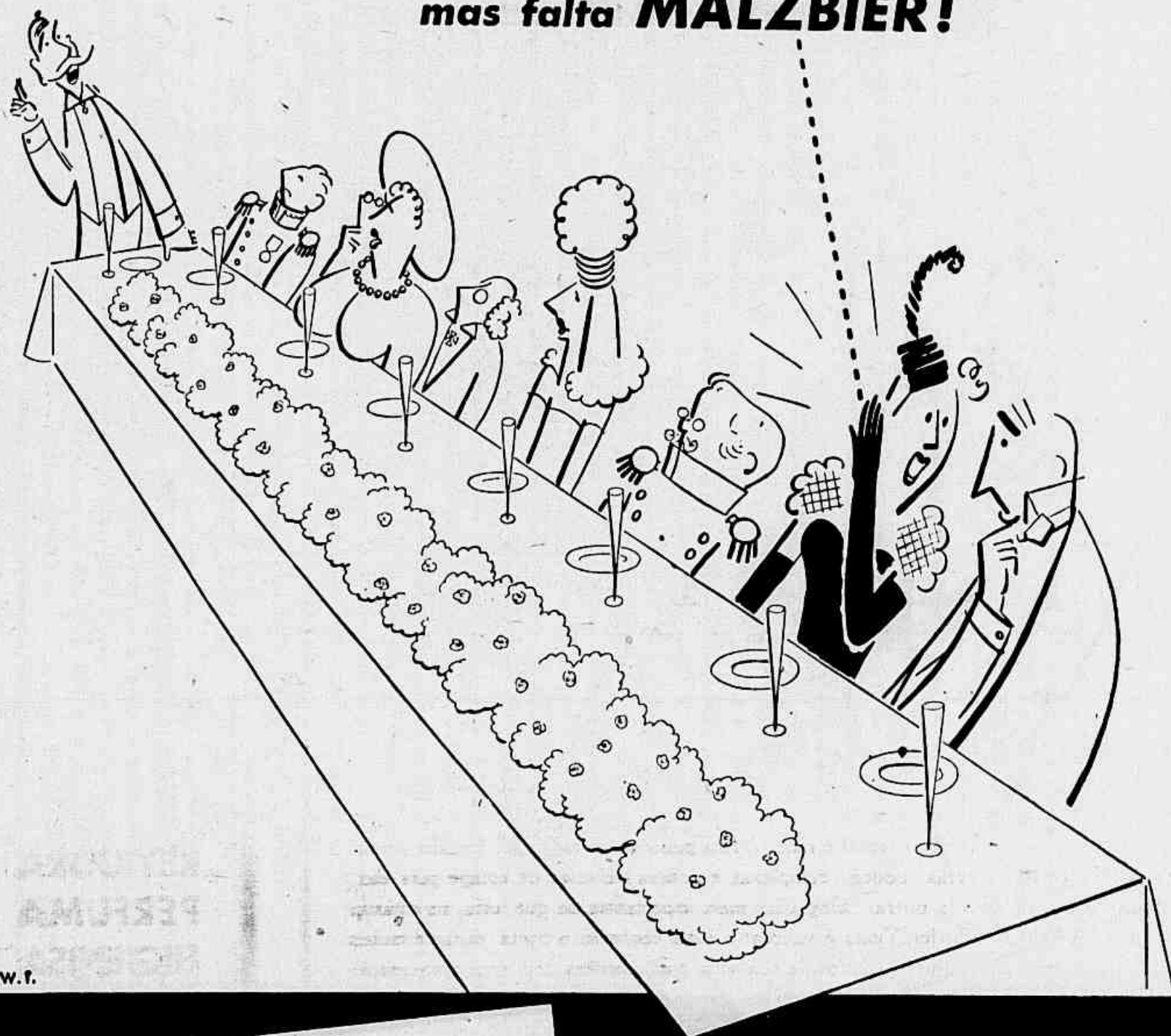
ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Tanto discurso...

Tantos petiscos...

mas falta MALZBIER!



Devido ao seu alto teor em rico malte, a Malzbier da Brahma é de grande poder nutritivo. E o seu sabor levemente adocicado a faz recomendável para completar qualquer refeição. Ao sentar-se à mesa do almoço, do lanche ou do jantar, peça uma Malzbier da Brahma. Proporcionará um prazer ao seu paladar, aumentando, também, o valor nutritivo dos alimentos.

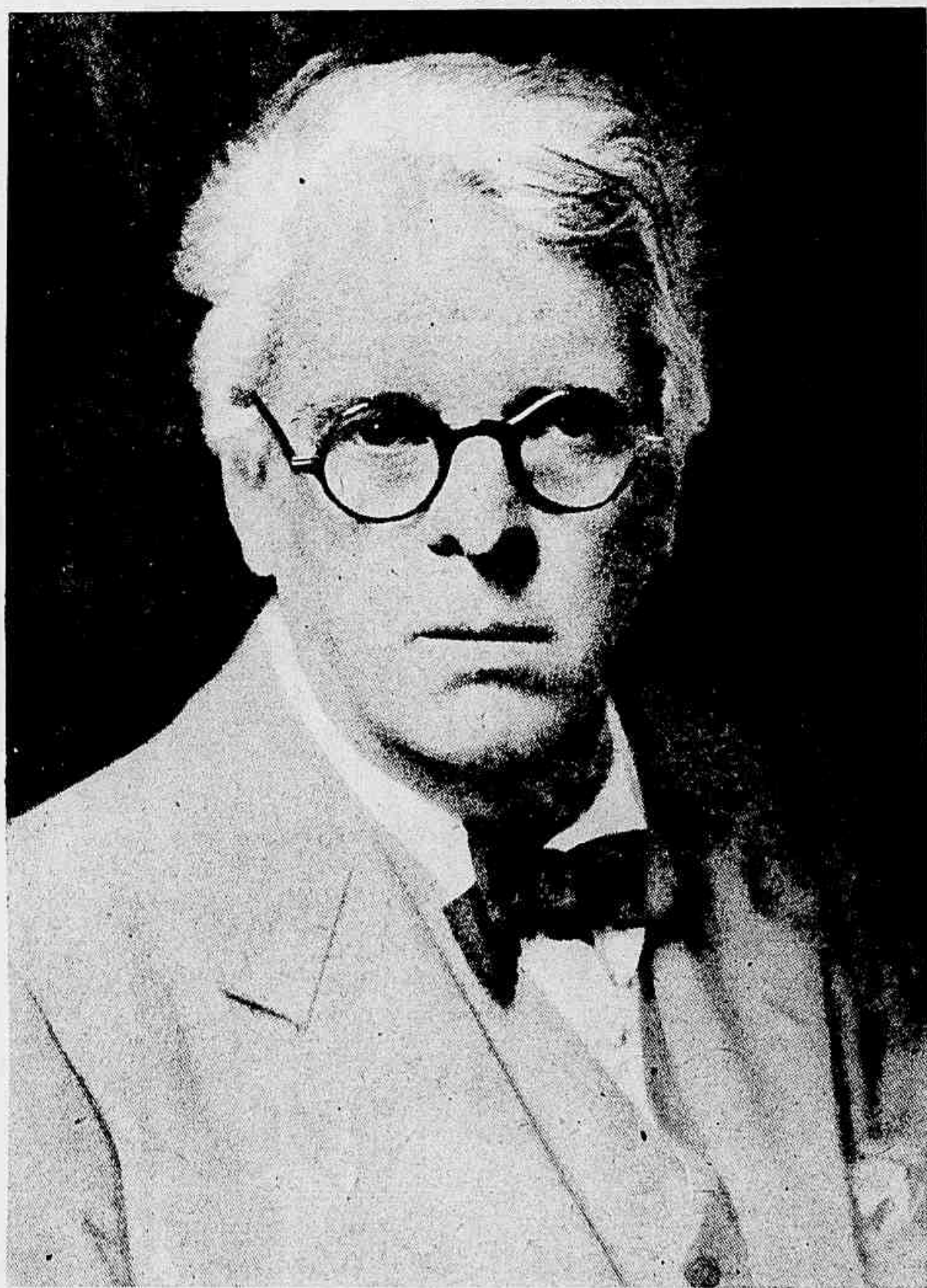


Malzbier
da
Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

A VIDA PERFEITA DE YEATS



WILLIAM BUTLER YEATS.

Há pouco foi lançado em Nova York um livro de Joseph Hone sobre o poeta Yeats, os principais fatos de sua vida, suas atividades e seus amigos. Escrevendo de um modo simples e direto, o biógrafo não empreendeu uma análise de psicologia profunda ou uma tentativa de encontrar as correntes subterrâneas da vida e da obra do poeta. Quanto a nós, não cremos que na vida de Yeats se pudessem encontrar essas coisas que fazem a alegria de um psicanalista: por mais extraordinária que fôsse a personalidade de Yeats, por mais difícil que fôsse entendê-la, pensamos que essa dificuldade provém da complexidade de seu espírito e dos seus raros interesses intelectuais do que de qualquer complexidade emotiva, incapacidades ou outros fatos semelhantes que os modernos biografos se deliciam em descobrir.

Si um homem de visão normal é raro, Yeats possuía essa raridade. Era um homem de emoções fortes, diretas, pouco complexas e achava válvulas de escape para elas. Embora haja sem dúvida outras biografias mais importantes do que esta, no entanto, esta vida de William Butler Yeats é valiosa: o autor conheceu o poeta durante muitos anos, tinha meios de reunir os dados de sua vida e os coordena com uma aproximação e um conhecimento que qualquer pessoa que não fôsse irlandesa e de Dublin raro conseguiria. Esta biografia tem o objetivo de corrigir algumas das informações errôneas que acêrca do poeta e de sua obra correm neste país.

A história aqui contada é, sob muitos pontos de vista, fascinante. É a vida de um homem extraordinário, uma vida feliz em quasi todos os seus aspectos. Si, como o próprio Yeats declarou num poema, "Nunca dansei de alegria", pelo menos obteve grandes recompensas e a consciência de ocupar um lugar elevado na história e na literatura de seu país. Foi feliz com seu pai, o pintor, o melhor mestre que um artista de qualquer espécie poderia desejar como homem que deveria ser uma figura proeminente na vida irlandesa; teve a orientação do velho líder geniano John O'Leary; foi feliz em suas amizades; as mais importantes delas foram de mulheres, mulheres de espírito brilhante e personalidade dominadora que o ajudaram e o auxiliaram em diversos setores; sua camaradagem literária com Lady Gregory foi fecunda; Miss Horniman deu-lhe um teatro, que ele necessitava não só para a produção de peças suas e alheias como também como forja para a sua poesia, para experimentar os efeitos das palavras e metros e sua sonoridade. Sempre compôs em voz alta; era essencial para ele saber como soava sua poesia para si e para os outros. Foi feliz até em seu longo e malogrado amor pela bela e indomável Maud Gonne; ela deu azas a suas emoções e temas heroicos a seu verso. Florence Farr, também amiga de Shaw, trabalhou com ele num processo de traduzir o verso

em canto. Houve muitas outras amigas: a misteriosa a quem chama Diana Vernon, que foi sua amante; sua amiga de toda a vida, Olívia Shakespeare; no fim havia Dorothy Wellesley. Talvez tivesse sido também feliz em ter permanecido solteiro grande parte de sua vida.

Muito cedo mergulhou na história da Irlanda e nas suas lendas, e felizmente sua carreira acompanhou *pari passu* uma ressurreição da vida nacional. Cedo também, arremessou-se aos estudos esotéricos em todos os planos — práticas mágicas, simbolismo oriental, a exploração do que se convencionou chamar percepções extra-sensíveis. Foi por um tempo adepto de Madame Blavatsky, e, com a idade de 20 anos, iniciou-se na Ordem de Mac-Gregor Mather, da Aurora Dourada, uma sociedade cujo ritual era cheio de simbolismos misteriosos e um dos membros da qual afirmava ter descoberto o elixir de longa vida. A influência desses estudos de ocultismo, magia, teosofia e astrologia perdurou até o fim de sua existência e forneceu-lhe o simbolismo de muitos poemas. Ao contrário do que se afirmou muitas vezes neste país, Yeats ignorou a influência dos simbolistas franceses.

Nos seus sessenta e poucos anos muita coisa lhe aconteceu: escreveu as mais belas poesias de seu tempo em língua inglesa, e mesmo em qualquer língua, como afirmou T. S. Eliot. Dirigiu um movimento literário e um teatro; desenvolveu prodigiosa atividade em prol do nacionalismo irlandês, foi membro da Fraternidade Republicana Irlandesa, tornou-se, no fim de sua vida, senador do seu país, serviu em comissões de governo, recebeu uma grande recompensa literária — o Prêmio Nobel — e conquistou fama universal. Provavelmente conheceu ao amor em todas as suas formas, pois era homem de enorme capacidade emocional; foi um amigo devotado, forte partidário de suas amizades, não destituído do que pode chamar-se nepotismo. Não era estranho a ódios e ressentimentos e a cóleras apaixonadas, mas todas se prendiam a causas que defendia ou a seus amigos e não a motivos particulares. Casou-se aos cinquenta, numa idade em que muitos homens se preparam a ser avôs e a ver declinarem suas capacidades. Seu casamento foi também feliz tanto para sua obra como para ele próprio; o que a crítica atual considera sua melhor poesia é a que escreveu durante a vida de casado.

Foi feliz também no seu público teatral. Muitas vezes dizia que as galerias têm um ótimo ouvido para o verso. Quando se representava uma peça sua em verso, costumava dirigir-se para o fundo do teatro, afim de ouvir os comentários. Frequentemente, o público levantava-se e aplaudia entusiasticamente de pé.

Sua carreira foi assim uma série de harmonias e deslumbramentos. Raramente encontramos na poesia universal uma vida tão perfeita, refletida numa obra tão grandiosa. Ao morrer em 1939 era Yeats o maior poeta vivo de língua inglesa.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Das notas de uma viúva

Conto de ALUIZIO AZEVEDO

Ilustração de RENATO LINS

"Eu tinha dez meses de viúva e havia seis que Paulo me fazia a corte. Por esse tempo propôs-me ele um passeio ao campo e eu aceitei.

A manhã era esplêndida; uma bela manhã de Setembro, cheia de luz e temperada por um calor comunicativo e doce. Cedo metemo-nos num carrinho de vime, leve como uma cesta, rasteiro como um divã, e cômodo como um leito. Paulo deu rédeas ao animal e o carro conduziu-nos para fora da cidade.

Eu sentia um bom humor extraordinário; o ar puro e consolador daquela madrugada, pulverizado no espaço em vapores cor de rosa, enchia-me toda como de uma grande alma nova, feita de cousas alegres e benfazejas. Tive vontade de rir e de cantar.

O sol principiava a destacar o contorno irregular das árvores e derramava sobre as montanhas uma luz sanguínea e transparente. Achei-me expansiva, travessa, com repentes de criança; e, não sei porque, Paulo nessa ocasião se me afigurou muito melhor do que nas outras. Cheguei a descobrir-lhe espírito e a desfazer-me em risadas com algumas pilhérias suas que, fora dali, me fariam bocejar.

Em certa altura paramos. Ele ajudou-me a descer, prendeu o cavalo, abriu a minha sombrinha, e começamos os dous a andar de braço dado por debaixo das árvores.

Que delicioso passeio! Ninguém pode calcular quanto me sentia feliz. Mais alguns passos e tínhamos chegado a um caramanchão, ou melhor, alpendre de verdura, misterioso, morno, impregnado de perfumes resinosos e embebido de azul sombrio. Ao lado, uma cascata corria em sussurros; e as suas águas esfrelavam-se nas pedras, irradiando na fulguração do sol.

Paulo deixou-me por um instante, para ir buscar o carro. E, nesse momento, de inteira liberdade, quando senti que não era observada por ninguém, levantei-me, batí palmas e pús-me a dançar como uma doida; depois galguei aos saltos, o lado da cascata e recebi no rosto o pó úmido das águas, donde o sol tirava cambiantes multicores e dourados. Abaixei-me, colhi água na concha das mãos e bebi. Afinal, assentei-me no chão e abri a cantar uma cousa alegre que aprendera ainda no tempo do colégio.

Paulo voltou com o carro e recolheu ao pavilhão o cesto do almoço. Estendeu a toalha sobre uma mesinha de pedra que havia; pousou uma máquina de café, duas garrafas de Bordeaux, uma de champanhe, uma botija de curaçu, uma empada, um assado, queijo, frutas e pão.

Sentia apetite e confesso que estava encantada com tudo aquilo. Era a primeira vez que me animava a fazer uma folia desse gênero — um almoço ao ar livre, ao lado de um rapaz.

E Paulo não me parecia o mesmo homem: descobria-lhe maneiras e qualidades, para as quais jamais atentara enquanto o vira somente nas frias atitudes circunspectas da vida; notava-lhe agora a distinta estroinice dos pandegos de boa família, criados e animados entre senhoras finas e orgulhosas; um certo pouco caso fidalgo e elegante pelas virtudes comuns e pelos vícios vulgares; um ar altivo e másculo de quem está habituado a gastar forte com os seus prazeres; uma linha moderna, libertina e gentil a um tempo, feita de extravagâncias de bom gosto, e um pouco de viagens, alguns conhecimentos de música, um nada de política, anedotas francesas, algum dinheiro, charutos caros, um monóculo, o uso de várias línguas, duas gotas de mel inglês no lenço, um fato bem feito de casimira cambraia, um chapéu de palha, luvas amarelas, polainas e uma bengala.

E o grande caso é que estava um rapagão cheio de gestos largos, de atiramentos de perna e de grandes exclamações em inglês.

Assentei-me no banco que circulava a mesa e ele fez o mesmo defronte de mim. Informou-se se eu estava satisfeita com o passeio; falou em repeti-lo. Era preciso aproveitar o verão. Mas nos domingos — nada! Havia muita gente!

E abria garrafas, dava lume à máquina de café, servia-me de marisco e falava-me do seu amor. Eu contei-lhe francamente as impressões que recebera aquela manhã e mostrei-me contente.

— Se soubesse, minha amiga, disse-me ele, quanto me sinto bem a seu lado!... Nem mesmo me reconheço, creia! Fico tolo só a pensar em nossa futura felicidade, em nossa casa e em nossos...

la falar nos filhos, mas deteve-se e ficou a olhar-me em silêncio, com os olhos afogados numa grande insistência humilde. Parecia haver um pranto escondido por detrás das suas pupilas verdes.

— Descanse, falta pouco!... respondi, possuída de alguma cousa que não sei bem se era compaixão.

— Falta um século!... emendou ele com um suspiro.

E chegou-se mais para mim. Tinha o ar tão respeitoso que não fugi.

— Porque não fica mais à vontade? aconselhou-me, ajudando-me, muito solícito, a tirar o chapéu e desfazer-me do mantelete.

Houve um silêncio. Ele queixou-se da falta de gelo, abriu uma nova garrafa de Bordeaux e encheu as taças. Depois, leu-me uns versos que a mim fizera no meu tempo de solteiro. Vieram recordações. — O nosso namorado! Quanta criança!

— E o bofetão?...

Esta lembrança trouxe-me uma risada que me fez engasgar. Sobreveiu-me tosse; fiquei um pouco sufocada.

Ele levantou-se logo, começou a bater-me delicadamente nas costas. E, a pretexto de auxiliar-me, afagava-me os cabelos e a fronte.

— Não é nada! não é nada! dizia. Um gole de champanhe!

— Não! antes água...

Correu à cascata e voltou com um copo d'água.

Tornamos à palestra, e não repari logo que o rapaz desta vez ficara inteiramente encostado a mim. Passamos à sobremesa. As pilhérias repetiam-se mais a miúdo. Paulo pôs-se a fumar.

Consenti e disse até que gostava do cheiro do fumo. Ele fez saltar a rôlha do champanhe. Sentia-me enlanguecer; os olhos ardiam-me um tanto e todo o corpo me pedia repouso; insensivelmente fui perdendo alguma coisa da minha cerimônia e pondo-me à vontade; estiquei mais as pernas, recostei-me nas costas do banco e debrucei para traz a cabeça.

Ele ficou a olhar-me muito, com um ar sério e infeliz. Tive vontade de dizer qualquer coisa e nada mais consegui do que sorrir. Esava fatigada.

Paulo aconselhou-me que fumasse um cigarrinho e esta idéia extravagante não me pareceu má. Fumei o meu primeiro cigarro.

Em seguida senti um vago desejo de dormir. Ele serviu o café e o licor. Fez-me tomar antes um pouco de champanhe misturado com Bordeaux.

E continuamos a conversar. As recordações de antes do meu casamento vinham a todo o instante.

— Isto sempre teve gênio!... segredava ele, amei-gando-me o queixo.

Chamava-me criaturinha má, sem coração; ameaçava-me com vingancinhas, que se realizariam quando fôssemos casados. Tinha ditos maliciosos, palavras de sentido dúbio e olhares cheios de paixão.

Eu estendia-me cada vez mais no banco, amolecida por um entorpecimento agradável; as pálpebras fechavam-se-me. Fazia-se-me vontade de ser menos severa para com aquele pobre companheiro de infância; tanto que não me sobressaltei quando senti a sua mão empolgar-me a cintura.

— Como eu te amo! murmurou ele com a boca muito perto de meu rosto.

O seu hálito abrasava-me as faces.

— Não faça assim: pedi, repelindo-o frouxamente.

Mas ele passou-me a outra mão na cinta e puxou-me para si.

Fiz ainda alguma resistência; sentia-me, porém, tão mole, e além disso sabia-me tanto ser abraçada por alguém naquela ocasião, que me deixei levar e caí sobre ele, com a cabeça desfalçada no seu ombro.

Paulo segurou-me o rosto e estonteou-me de beijos. Eram ardentes, vivos, repetidos, como os tiros de uma metralhadora.



As Três Herdeiras

Este filme da Warner focaliza a luta entre o orgulho da velha aristocracia americana e o surto de progresso que impõe reformas às grandes cidades dos Estados Unidos.

Essas duas correntes antagonicas são incarnadas respetivamente por Barbara Stanwyck e George Brent, ambos artistas suficientemente conhecidos.

Secundados por um cast de veteranos como Donald Crisp, Geraldine Fitzgerald e outros, achamos entretanto que a trama poderia ter sido urdida com mais naturalidade, pois sentimos muitas vezes a falsidade de certas situações.

Entretanto a história é bem movimentada e atinge frequentemente alguma intensidade dramática.

A história de um testamento que durante 23 anos mantém as partes interessadas em litigio levam a camara talvez com exagerada frequencia às cenas de tribunais de que vemos abusando os filmes de Hollywood.

Todas as intrigas e complicações são finalmente resolvidas e chega-se ao "happy end" tão apreciado pelos fans do mundo inteiro.



Evelyn seduz o único amor de sua irmã mais moça, provocando um drama na família.



Fiona recusa-se a ceder às tentativas de reconciliação com seu marido.



Mr. Wood, antes de partir para o front, despede-se da criação de sua propriedade em presença de suas três filhas à esquerda.

Fiona conta a suas irmãs a história trágica do seu casamento secreto e efêmero.

ELENCO

Barbara Stanwyck	FIONA GAYLORD
George Brent	CHARLES BARCLAY
Geraldine Fitzgerald	EVELYN GAYLORD
Donald Crisp	RALPH PEDLOCH
Gig Young	GIG YOUNG
Nancy Coleman	SUSANNA GAYLORD
Gene Lockhart	HIRSCHELL GIBBON

Larry Simms, Donald Woods, Grant Mitchel, William T. Orr, Anne Revere e outros.

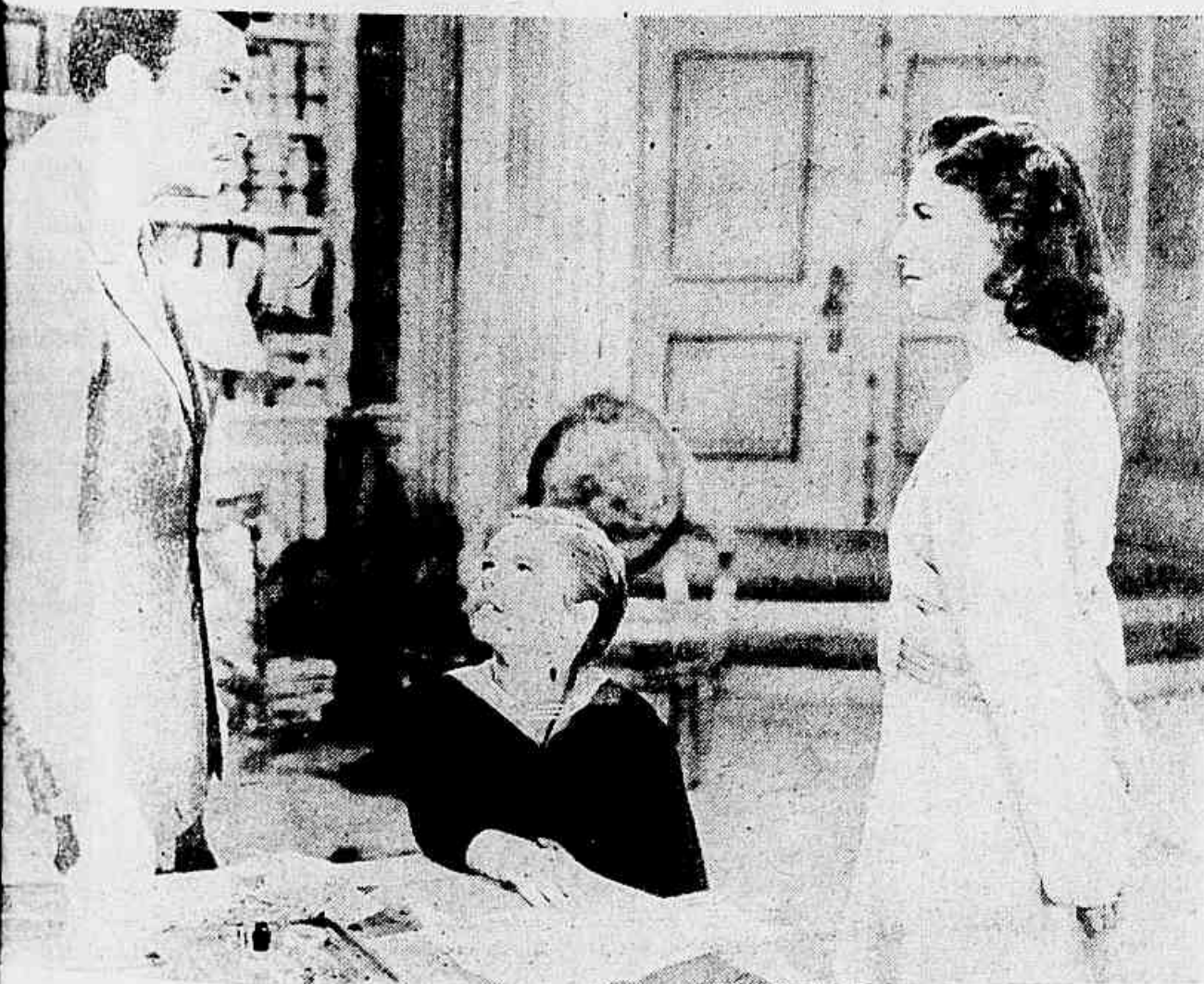
Corre o agitado ano de 1915. Os Alemães desencadeavam a guerra total contra o mundo, afundando indiscriminadamente navios pacíficos e provocando a justa indignação dos povos. Acabava de se verificar o torpedeamento do grande transatlântico "Lusitânia", no qual pereceram inúmeras vítimas entre as quais a formosa senhora Woods, da aristocracia americana.

No primeiro contingente de tropas embarcadas dos Estados Unidos para a Europa segue o Sr. Woods.

Ele, como todos os filhos das nações ultrajadas, levava no coração o desejo de vingar a morte de seres queridos que haviam sido cruelmente imolados pelo inimigo.

Rico proprietário, aristocrata de linhagem, deixa Mr. Woods todos os seus confortos e três filhas estremecidas, entregues aos fiéis servidores de sua propriedade.

Ao despedir-se da sua filha mais velha, Fiona Gaylord (Barbara Stanwyck), que contava apenas 8 anos, fala-lhe na tradição da família. Seus antepassados nunca se desfezeram de suas propriedades, mesmo nas situações mais difíceis, obtendo dela o juramento de que seguirá essa tradição.



Locada entre o amor de seu filho e o orgulho de família, Fiona cede afinal aos apelos do seu coração.



Essas são as três herdeiras que enchem o filme com suas personalidades diferentes e os seus romances. São elas: Nancy Coleman, Barbara Stanwyck e Geraldine Fitzgerald.

A menina assume então a direção da casa e com o correr dos anos revela enorme tenacidade e determinação aliadas a um espírito prático que muitas vezes se confunde com o cinismo. Suas duas irmãs Evelyn (Geraldine Fitzgerald) e Susanna (Nancy Coleman) são obrigadas a reconhecer a autoridade de Fiona. Susanna, a mais docil e ingênua das três, apaixona-se por um artista pobre e original. Um drama surge no seio da família, pois Evelyn resolve seduzir o noivo de sua irmã. Entrementes a história vai ganhando em intensidade, pois as jovens vêm-se obrigadas a comparecer aos tribunais para resolverem um litígio em torno da sua herança. Esta luta durava já 23 anos.

Para entrar na posse de uma herança, Fiona arranjara um estranho casamento com Charles Barclay (George Brent). Esse casamento, que durara apenas cinco horas, deixa como resultados um filho e as mais tremendas complicações.

Charles Barclay não poderia perdoar o procedimento desleal de Fiona. Acontece que, sendo capitalista empreendedor, por coincidência deveria adquirir a propriedade da família da sua esposa para a construção de um arranha-céu.

Trava-se a luta entre o sentimento de mãe e o orgulho de família. Sua propriedade não devia ser vendida em nenhuma hipótese.

O menino vivia em companhia de Fiona ignorando entretanto tratar-se de sua mãe.

Barclay, que apesar de tudo ainda amava Fiona, procura uma fórmula conciliatória, mas sua esposa mostra-se irredutível. Finalmente, a tempestade parece amainar e a situação vai-se aos poucos normalizando.

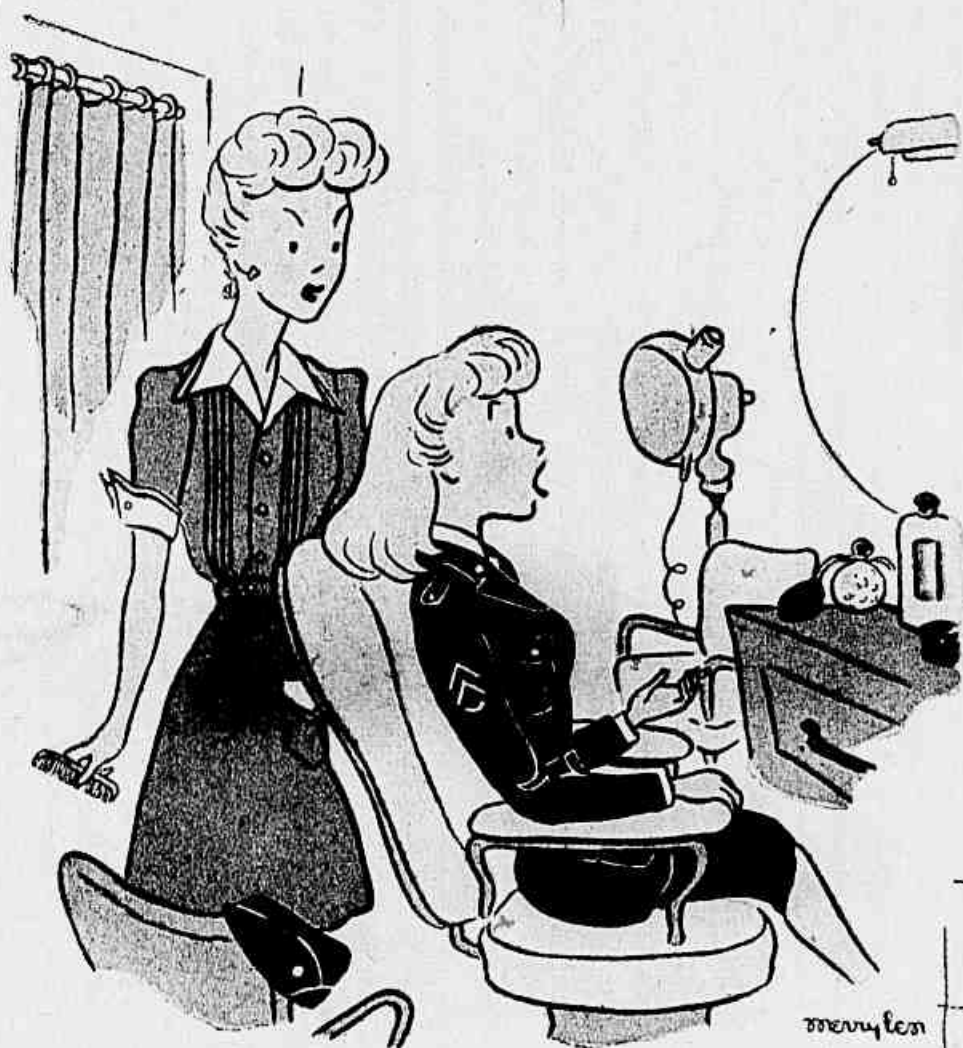
O amor encontra afinal um lugar na estranha natureza daquela criatura e ela cede ao lado bom da sua personalidade. O amor vence o orgulho. Fiona resolve ceder a propriedade e abdicar à companhia do filho reclamado por Barclay.

Toda a complicação é resolvida com a sua volta à companhia do marido e ao lar, que nem chegara a constituir-se, volta a felicidade.

Outros Riram...



— Não se preocupe, que eu ficarei esperando por você.



— Não me faça muito feminina; afinal de contas eu tenho que impôr bastante respeito.



MICHAEL BERRY



GEORGE WOLFE

— Meu calcanhar de Aquiles! Que negocio é este?



LILLIAN TAYLOR

— Passei em tudo, exceto em comportamento, mas também é uma coisa de que não preciso quando sair da escola.

A Testemunha de Acusação

(Novela de
AGATA CHRISTIE
traduzida especialmente
para a
REVISTA DA SEMANA)

Mayherne ajustou o pince-nez e pigarreou, como só ele sabia fazer. Olhou, em seguida, para o homem acusado de homicídio que tinha à sua frente. Mayherne era de complexão franzina, aparentava firmeza e vestia-se discreta, mas corretamente. Seus olhos, cinzentos e penetrantes, indicavam um homem astuto. Aliás, a reputação de Mayherne, como advogado, era das mais invejáveis. Falava ao cliente com voz seca, mas não intimidava.

— Devo, portanto, avisá-lo que o senhor corre grave perigo. É necessária a maior franqueza.

Leonard, que tinha estado a olhar a parede, virou-se para o advogado:

— Eu sei — disse, desencorajado. — O senhor já repetiu isso não sei quantas vezes. Mas o que eu quase não posso acreditar é que eu, eu tenha sido acusado de homicídio. É um crime tão repugnante...

Mayherne não era sentimental: era prático. Voltou a pigarrear, tirou o pince-nez, limpou-o cuidadosamente, e tornou a colocá-lo. Disse, então:

— Sim, sim, meu caro senhor Vole. Vamos fazer o possível para obter a absolvição e obteremos, obteremos. Mas eu preciso saber tudo, preciso saber até que ponto as circunstâncias lhe são desfavoráveis, para então decidir sobre a defesa.

O rapaz olhava-o como si alheio a tudo aquilo. A princípio Mayherne estava convencido de que ele era culpado; agora, começava a duvidar.

— O senhor pensa que eu sou culpado — disse Leonard Vole em voz baixa. — Mas, por Deus, eu juro que não! Não tenho sorte. Todos estão contra mim. Parece até uma rede. E cada esforço que eu faço para libertar-me só serve para prender-me mais firmemente. Mas eu sou inocente, dr. Mayherne, eu sou inocente.

Nada mais natural do que aquele protesto de inocência, Mayherne sabia bem. Entretanto, ficou impressionado. Afinal de contas, bem podia ser sincero.

— Tem razão, senhor Vole — respondeu gravemente — há muito contra o senhor. Entretanto, aceito a sua palavra. Agora vamos aos fatos. Quero que me conte a maneira exata pela qual o senhor conheceu Emily French.

— Foi um dia, em Oxford Street. Vi uma senhora de idade atravessando a rua. Carregava uma porção de embrulhos. No meio da rua, ela deixou-os cair, quis apressar-se, mas vinha um ônibus e ela correu para a calçada, confusa com os gritos do povo. Eu apanhei os embrulhos, limpei a lama da melhor maneira possível, amarrei o barbante de um, e devolvi-os a ela.

— Quer dizer, então, que não salvou a vida dela, como se pensa?

— Nada disso. O que fiz foi um ato de cortezia comuníssimo. Ela ficou muito grata. Disse que eu era mais educado do que a maioria dos moços de hoje. Cumprimentei-a e segui. Não esperava tornar a vê-la, mas a vida tem dessas coincidências... Naquela mesma noite, encontrei-a em casa de um amigo. Ela me reconheceu imediatamente, e pediu que eu lhe fosse apresentado. Soube então que se chamava Emily French e que morava em Cricklewood. Conversei um pouco com ela. Era uma senhora impulsiva. Tinha manias e

fazia amizades depressa. Assim foi comigo por causa de uma coisa simples que qualquer um poderia ter feito. Ao sair, ela convidou-me para visitá-la. Respondi que teria muito prazer. Pediu-me que marcasse um dia. Não tinha muita vontade de ir, mas seria indelicado recusar. Por isso, marquei o sábado seguinte. Depois dela sair, soube que era rica, excêntrica, que vivia sozinha com uma criada e que possuía nada menos de oito gatos.

— Hum! — fez Mayherne. E, em seguida: — Quer dizer que foi então que o senhor soube que ela era rica?

— O senhor está insinuando que eu perguntei? — interrogou Vole, encolerizado, porém Mayherne interrompeu-o com um gesto.

— Tenho que ver o caso com os olhos do promotor. Ninguém poderia supor que Emily French fôsse rica. Ela vivia pobremente e, si não lhe tivessem informado, o senhor muito provavelmente imaginaria que ela nada tinha. Quem foi que disse que ela era muito rica?

— Meu amigo George Harvey, lá mesmo, na festa.

— Será que ele se lembra disso?

— Não sei. Já foi há bastante tempo.

— O senhor deve saber que a acusação vai, em primeiro lugar, tentar provar que o senhor estava mal de finanças. E isso é verdade, não é exato?

Leonard Vole corou e respondeu em voz baixa:

— Sim. Eu estava de muito má sorte naquela época.

— Sei — disse Mayherne novamente.

— Em seguida a acusação salientará que, em más condições de finanças, o senhor conheceu Emily French e tornou-se íntimo dela. Ora, si pudermos retrucar que o senhor não tinha a mínima idéia de que ela era rica e que a visitou por gentileza...

— Foi isso mesmo.

— Não há dúvida. Não contesto. Repito-lhe que estou olhando os fatos com os olhos da acusação. Muito depende da memória do sr. Harvey. É provável que ele se lembre da conversa, ou não? Podia ele ser atrapalhado pelo advogado, e confessar que a conversa ocorreu mais tarde?

Leonard Vole refletiu alguns segundos e respondeu com voz firme, mas rosto pálido:

— Eu não creio que isso seja proveitoso. Várias pessoas ouviram o que ele disse e uma até chegou a brincar comigo por causa da conquista de uma velha rica.

O advogado tratou de esconder o seu desapontamento.

— É uma pena — disse — mas devo louvar-lhe a sinceridade, sr. Vole. E' o senhor que me deve guiar. Sua observação é exata; insistir no argumento seria desastroso. Devemos abandonar essa idéia. Bem, o senhor conheceu Emily French; visitou-a. Tornaram-se íntimos. Por quê? Por quê um rapaz de vinte e três anos, bonito, amante dos esportes, com muitas relações, deu tanta atenção a uma senhora de idade?

Leonard teve um gesto nervoso:

— Não sei... Eu mesmo não sei. Depois da primeira visita, insisti para que eu voltasse. Era difícil recusar. Demonstrava tanta afeição que eu fiquei numa posição embaraçosa. Dr. Mayherne, eu sou um fraco — sou uma dessas pessoas que não sabem dizer "não". E, por mais incrível...

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

vel que possa parecer, depois da segunda ou terceira visita, comecei a gostar dela. Minha mãe morreu quando eu era pequeno. Uma tia me criou, mas ela também morreu quando eu tinha quinze anos incompletos. Si eu lhe disser que gastava das atenções de Emily French, o senhor vai rir.

Mayherne não riu. Em vez disso, tornou a tirar o pince-nez, e limpou-o — o que significava estar refletindo.

— Aceito a sua explicação. Psicologicamente, considero-a muito verossímil. Agora, se o júri a aceitar ou não, é outro caso. Continue a sua história, por favor. Quando foi que Emily French lhe pediu que tratasse de negócios para ela pela primeira vez?

— Depois da minha terceira ou quarta visita. Ela não entendia de negócios e estava preocupada com alguns emprêgos de capital.

Mayherne encarou-o, de repente.

— Cuidado, sr. Vole. A criada, Janet Mackenzie, declara que a patrão era uma boa mulher de negócios e tratava sempre dos seus. Os banqueiros confirmam isso.

— Não sei — afirmou Vole, com sinceridade. — Foi o que ela me disse.

Mayherne contemplou-o alguns instantes em silêncio. Si bem que nada revelasse, aumentou sua fé na inocência de Vole. Tinha experiência de velhas excêntricas e compreendia que Emily French, apaixonada pelo rapaz bonito, procurava pretextos que o fizesse a visitá-la. Que havia de mais natural? Alegria não entender de negócios e pediria auxílio ao rapaz. Era suficientemente inteligente para compreender que tal pedido seria tomado como homenagem à superioridade masculina dele. E Leonard Vole ficara honrado. Talvez também Emily pretendesse fazê-lo saber que era rica. Era mulher de notável firmeza e sempre disposta a pagar pelo que ambicionava. Mayherne fez uma pergunta:

— E o senhor tratou mesmo dos negócios dela?

— Sim.

— Sr. Vole — disse o advogado. — Vou lhe fazer uma pergunta muito séria, à qual é preciso que me responda com toda a sinceridade. O senhor controlava os negócios de uma senhora, uma senhora que lhe tinha dito não entender nada de negócios. O senhor alguma vez abusou da confiança que lhe fôra dedicada, passando para o seu nome valores ou dinheiro? O senhor alguma vez fez transação que lhe fôsse proveitosa, mas inconflável?

E, sem deixar o outro responder:

— Um momento, antes de responder. Há dois caminhos abertos diante de nós. Ou salientamos a sua honestidade demonstrada pela maneira escrupulosa pela qual se desincumbiu da tarefa, e mostramos quão improvável seria que o senhor lançasse mão de meios violentos para apossar-se do dinheiro, ao seu alcance de maneira mais simples, ou, no caso de haver, nos seus negócios, algum que não seja muito honesto, podemos salientar que não havia motivo para o crime, e mostrar que ela era uma fonte proveitosa e que o senhor não lucraria com a sua morte. Percebe a distinção? Agora, refleta antes de responder.

Mas Leonard Vole não refletiu:

— Os negócios que eu fiz para Emily French foram honestos. Qualquer investigação pode ser feita.

— Obrigado — disse Mayherne. — O senhor me tranquiliza. E peço-lhe que repare que, acreditando na sua palavra, rendo tributo à sua inteligência. Seria tolice mentir. Os negócios vão ser examinados.

— Seguramente — disse Vole — o que há em meu favor é a falta de motivo suficientemente forte. Aceitando a hipótese de que eu tenha me tornado amigo de uma senhora rica para obter dinheiro dela — isso é, em suma, o que vão pensar — a morte dela impediria a minha aspiração.

O advogado encarou-o. Tornou a limpar o pince-nez, em seguida, e, somente depois de pô-lo no nariz, falou:

— O senhor não sabe que Emily French deixou um testamento e que o senhor é o seu principal herdeiro?

— O que? — O prisioneiro levantou-se, de repente. Seu espanto era sincero. — Meu Deus! Ela deixou o dinheiro para mim?

Mayherne assentiu. Vole deixou-se cair no banco novamente, e escondeu a cabeça entre as mãos.

— O senhor afirma que não sabia da existência desse testamento?

— Não sabia nada.

— E o que me diz si eu lhe contar que a criada, Janet Mackenzie, jura que o senhor sabia? Que me responderia si eu lhe informasse que a criada asseverou que a patrão lhe disse haver consultado o senhor a respeito?

— Eu responderia que a criada está mentindo. Não. Não diria isso. Janet é velha. Era como um cão fiel. Não gostava de mim. Tinha ciúmes e suspeitava de mim. Talvez Emily French lhe confessasse a sua intenção e a criada ficasse persuadida de que eu a convencera a fazer aquilo.

— O senhor não acredita que ela o odeie bastante para mentir de propósito? Leonard Vole ficou surpreso.

— Não. Por quê ela faria isso?

— Não sei — retrucou Mayherne, pensativo — mas ela não gosta nada do senhor.

O rapaz ficou desanimado.

— Começo a compreender. É terrível. Dirão que a fiz assinar um testamento em meu favor, e, naquela noite, sozinho com ela, eu... E eles a encontraram morta no dia seguinte. Meu Deus! É horrível!

— O senhor se engana quando diz que estava sozinho com Emily French. Janet, como o senhor deve estar lembrado, ia sair naquela noite. Saiu. Mas, por volta das nove e meia, voltou para buscar o molde de uma blusa que prometera a uma amiga. Entrou pela porta dos fundos, subiu, apanhou o molde, e tornou a sair pela mesma porta. Ouviu vozes na sala de estar. E, si bem que não pudesse distinguir o que diziam, jura que uma delas era de Emily French e a outra, de um homem.

— Às nove e meia... Às nove e meia... — Levantou-se de repente. — Mas nesse caso eu estou salvo! Salvo!

— Como, salvo? — perguntou Mayherne, espantado.

— Às nove e meia, eu estava de volta em casa. Minha mulher confirmará isso. Sai da casa de Emily French às cinco para as nove, cheguei em casa às nove e vinte, mais ou menos. Minha mulher estava me esperando. Oh! Graças a Deus! Graças a Deus! Deus abençoou o molde de Janet Mackenzie!

No seu entusiasmo, ele não percebera que a expressão do rosto do advogado ainda era grave. Mas a pergunta que se seguiu obrigou-o a lembrar-se de sua condição.

— Quem, então, matou Emily French?

— Ora, um ladrão, como a princípio se acreditava. Lembra-se de que a janela fôra forçada e a sta. French, assassinada, com uma alavanca de ferro, encontrada ao lado do cadáver? Vários objetos desapareceram. Si não fôsem as suspeitas absurdas da criada e o seu ódio por mim a polícia teria acreditado no que é a verdade.

— Isso não convence, senhor Vole. Os objetos subtraídos eram de pouco valor e provavelmente roubados somente no intuito de fazer passar o crime por um assalto comum. E, quanto à janela, não é absolutamente certo que tenha sido forçada. Pense bem: o senhor afirma que às nove e trinta já não estava lá. Quem foi, nesse caso, o homem que Janet Mackenzie ouviu conversando com Emily French? E' bem pouco provável que a vítima estivesse calmamente conversando com o ladrão.

— E' verdade. — Vole estava, evidentemente, intrigado e desanimado. — Mas, de qualquer maneira — prosseguiu com novo entusiasmo — de qualquer maneira, estou salvo. Tenho um alibi. O senhor deve procurar minha mulher quanto antes.

— Sem dúvida — assentiu o advogado. — Eu já teria falado com sua esposa si ela não estivesse para fora quando o senhor foi preso. Deve chegar hoje à noite. Vou vê-la assim que sair daqui.

Vole concordou. Seu rosto mostrava claramente a sua satisfação.

— Sim, Romaine dir-lhe-á que cheguei às nove e vinte. Que sorte, meu Deus!

— Desculpe a pergunta, sr. Vole, mas o senhor ama a sua esposa?

— Claro.

— E ela o ama?

— Romaine me adora. Ela faria tudo por mim.

Havia entusiasmo na sua voz, mas o advogado não estava satisfeito. Acreditariam no testemunho de uma esposa devotada?

— Ninguém mais o viu voltar às nove e vinte? Uma criada, talvez...

— Não temos criada.

— Encontrou alguém na rua, no caminho de volta?

— Ninguém conhecido.

— Quem, então, pode confirmar o testemunho de sua esposa?

— Ninguém. Mas isso não é necessário, não é verdade?

— Espero que não — replicou rapidamente Mayherne. E depois: — Mais uma pergunta. Emily French sabia que o senhor era casado?

— Sabia.

— Entretanto o senhor nunca levou sua esposa à casa dela. Por quê?

Pela primeira vez a resposta de Vole foi hesitante.

— Não sei bem...

— O senhor sabe que, segundo Janet Mackenzie, a velha pensava que o senhor fôsse solteiro e queria casar-se com o senhor?

Vole riu.

— Isso é absurdo! Ela era quarenta anos mais velha do que eu.

— Casamentos dessa espécie já se realizaram — retrucou o advogado, ríspidamente. — Atenhamo-nos aos fatos, entretanto. Sua esposa não conhecia Emily French?

— Não... — Novamente a nota de embaraço na voz do cliente.

— Francamente — disse o advogado. — Não compreendo a razão da sua atitude.

Vole corou. Teve uma breve hesitação e disse, por fim:

— Vou confessar tudo. Estava mal de finanças, como o senhor sabe. Esperava que Emily French me emprestasse dinheiro. Ela gostava de mim, mas não lhe interessavam as provocações de um jovem casal. Quando percebi que ela acreditava que eu vivia separado de Romaine... Dr. Mayherne, eu queria o dinheiro para Romaine... Não disse nada. Deixei que persistisse o mal entendido. Ela falava em tornar-me seu filho adotivo. Nunca se cogitou de casamento. Isso é invenção de Janet.

— E' só o que tem a dizer?

— Sim. E' só.

"Seria sua imaginação ou havia mesmo hesitação no tom de Vole?" refletiu Mayherne. Levantou-se, afinal, e apertou-lhe a mão.

— Até breve, senhor Vole.

Viu, no rosto do cliente, preocupação e dor. Num impulso, disse:

— Acredito na sua inocência, apesar da série de fatos que depõem contra o senhor. Espero provar que não é culpado, e conseguir a sua absolvição.

Vole sorriu:

— O alibi é seguro. Estava mais animado. Escapou-lhe, de novo, a preocupação do advogado.

— Tudo depende do testemunho de Janet Mackenzie — disse Mayherne. — Ela odeia-o. Isso, ao menos, é evidente.

— Não vejo motivos para isso — protestou o rapaz.

O advogado abanou a cabeça, ao sair.

— Vejamos a sra. Vole — murmurou de si para si. Perturbava-o sobremaneira o rumo que estavam tomando as coisas.

A casa de Vole era pequena e modesta. Estava situada perto de Paddington Green. Mayherne dirigiu-se para lá. Uma mulher alta e de aparência desculhada, evidentemente uma criada por hora, abriu a porta.

— A sra. Vole já voltou?

— Faz uma hora que ela chegou. Mas não sei si querará recebê-lo.

— Queira ter a bondade de lhe entregar meu cartão — replicou Mayherne. — Estou certo de que ela me receberá.

A mulher olhou-o, com ar de dúvida, limpou a mão no avental, e tomou o cartão. Fechou-lhe a porta na cara. Ele ficou esperando na escada. Decorridos alguns minutos, entretanto, ela voltou e a sua atitude mudara um pouco.

— Entre, por favor.

Fê-lo entrar numa pequena sala de estar.

Mayherne, que examinava um quadro, ficou surpreso ao deparar diante de si uma senhora alta e pálida, cuja entrada silenciosa não percebera.

— Dr. Mayherne? O senhor é advogado de meu marido, não é? Vem da prisão? Queira sentar-se.

Antes dela falar, ele não notara que não era inglesa. Agora, observando-a mais detidamente, reparou nas maçãs salientes no preto azulado dos cabelos e no movimento das mãos que eram evidentemente de estrangeira. Uma estranha mulher. Tão

Continua na pag. 39



BRIGAS DE RUA

PRETOS VERSUS BRANCOS

E' muito grande a população negra nos Estados Unidos da America do Norte, a qual vive em certas e determinadas regiões do país. Essa gente quase que constitui uma população á parte, com suas diversões, suas escolas, suas universidades, seus habitos, etc. E, conforme se vê através da imprensa norte-americana e do noticiário em geral, não são raros os atritos entre pretos e brancos — alguns, por vèzes, transformados em incidentes sérios de que resultam não poucas mortes e muita gente ferida.

A policia interfere e, quase sempre, tem que agir severamente para separar os contendores e restabelecer a ordem, seriamente perturbada.

O ultimo conflito de que nos chegou noticia, ocorrido ha pouco, teve lugar em Detroit e assumiu proporções muito graves, de vez que trinta e uma pessoas perderam a vida, ficaram feridas cerca de oitocentas e mil e oitocentas foram presas.



O tumulto explodiu numa noite de domingo: dois transeuntes, um preto e outro branco, tiveram uma alteração numa ponte em Detroit, que leva ao parque de diversões de Belle Isle. Rapidamente, espalhou-se entre os negros o boato de que os brancos haviam assassinado uma mulher negra e seu bebê, lançando-os ao rio.

Depois de assaltarem uma casa de penhores, onde roubaram algumas armas, os pretos invadiram casas comerciais e incendiaram alguns automoveis dirigidos por brancos. Um médico que atendia a um chamado urgente foi morto. A policia, recebida a tiros, revidou e o conflito generalizou-se.

Dos trinta e um mortos, quinze eram pretos. E a policia, impotente para dominar o choque, solicitou a intervenção da força especial que, afinal, fez cessar a luta.

Verdade é que, lá como aqui e em toda parte, muitos feridos — e até mes-



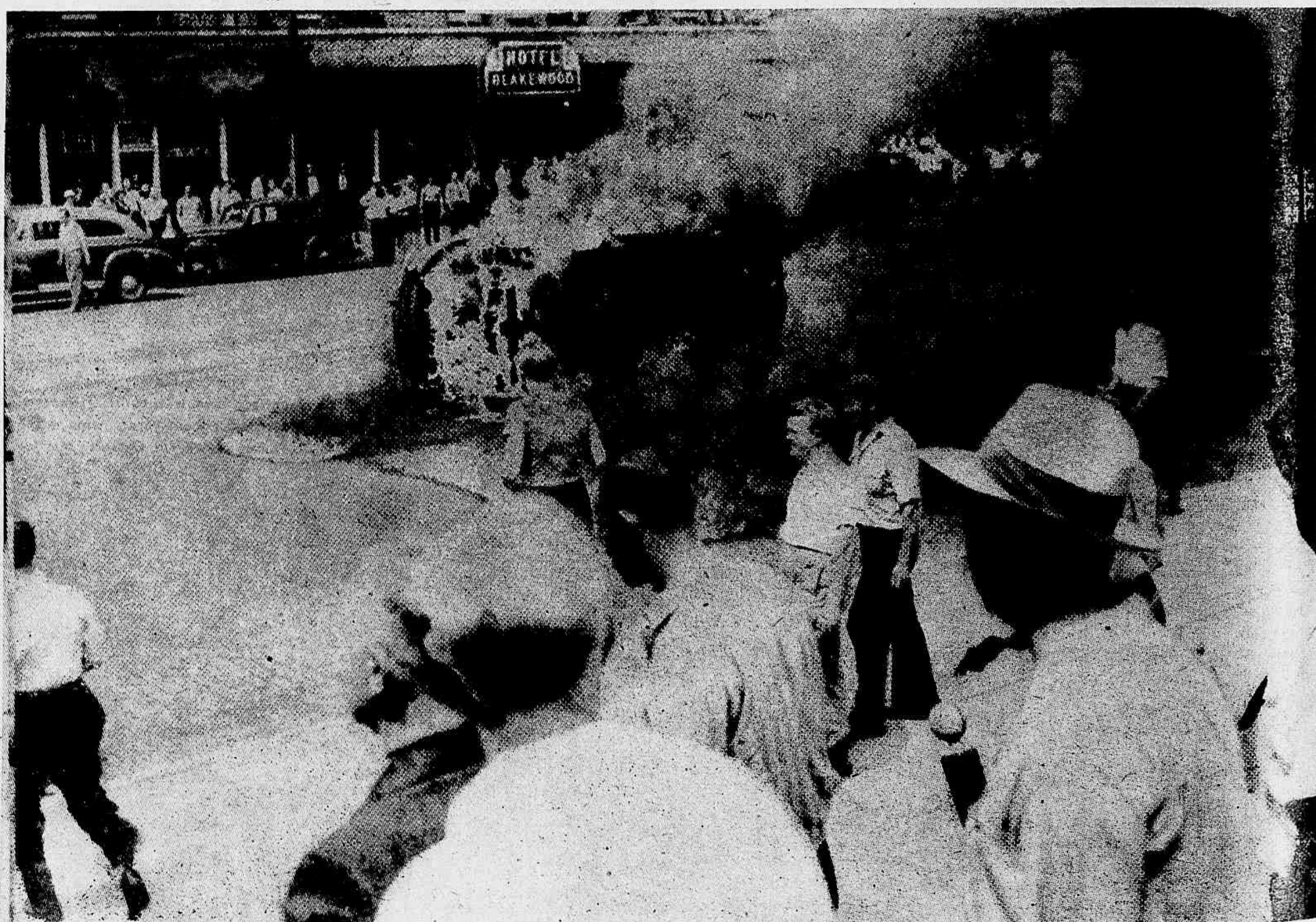
mo mortos — o são sem que se tenham envolvido diretamente no "caso"; a humanidade, toda ela, é curiosa e, nas ci-

dades, maior é sempre o contingente dos que recebem as sobras dos barulhos alheios.

O repórter, que colheu a reportagem de que nos servimos para este registro, teve oportunidade de conver-

sar com duas vítimas que se diziam alheias á lamentável briga.

As gravuras, aqui estampadas dão



uma ideia da extensão que tomou o conflito em casa: ora um grupo de brancos avança sobre um preto; ali é um preto que insiste e revida; depois é o guarda que fica ferido e vai sendo conduzido pelo companheiro.

Veículos incendiados e a dona do botiquim, chorando a destruição do sortimento que enchia as prateleiras, lamenta a perda e nem ao menos identificou o principal responsável pelos danos. Foi o barulho...

A multidão de curiosos — uns torcendo, outros não — completa o quadro.





O JOCKEY CLUB MUNDANO

Nesta pagina reproduzimos alguns instantaneos do grande acontecimento social constituído pelas carreiras realizadas domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, onde uma multidão entusiastica de elegantes aficcionados do turf aplaudio delirantemente os seus favoritos, participantes dos sensacionais pareos programados para aquela tarde.

As fotos nos dão uma idéa do belo desfile de elegancia que teve lugar na "pelouse" do mais belo hipodromo do mundo durante a ultima reunião turfistica do Jockey Club Brasileiro.



UM ENTENDIDO DE CODIGOS TORNOU SEU CAPRICHIO EM NEGOCIO



HENRY LYSING, que é provavelmente o mais famoso entendido de códigos na América, começou o seu trabalho como um capricho e descobriu que a sua mania tornara-se importante não só para ele como para milhares de outras pessoas que começaram a interessar-se pelas suas palestras e os seus artigos publicados.

Atualmente nos CINEACS TRIANON e O. K. a mania de Lysing é levada à tela de uma maneira interessante e informativa. No final de cada capítulo de "O Código Secreto" que nos traz Paul Kelly, Anne Nagel e Clancy Cooper como protagonistas, os CINEACS apresentam um short dirigido por Lysing, "Como escrever e decifrar códigos". Lysing estreitou a série de shorts e trabalhou nos super-seriados como informador técnico. Henry Lysing é um pseudônimo de John L. Nonovic, editor de magazines policiais.

Foi o seu interesse pelo mistério que o levou para o campo dos códigos e como resultado de uma novela que continha um código que era a chave do mistério. Tentando resolver o código, Nonovic descobriu um erro e corrigiu-o. Depois disso tentou fazer outros e assim começou o seu interesse pelo código. Procurou material para códigos e cifras, e viu que a maior parte deste assunto era encontrado em livros militares. Sentindo que era bom de mais para somente ser aproveitado como assunto militar, escreveu vários artigos sobre códigos nos jornais e magazines sob pseudônimo. Em

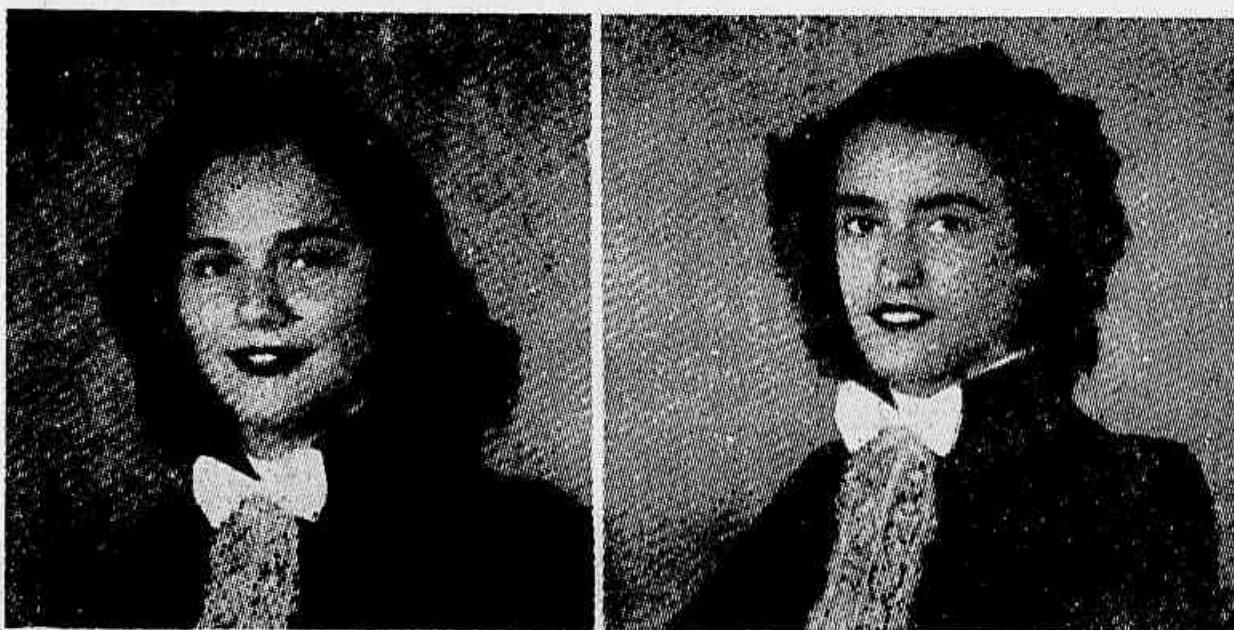


segunda publicou leituras para escolas, escoteiros e organizações; e escreveu livros qual "Como escrever e decifrar códigos" e "Livro de Criptogramas" para espalhar a popularidade do código. O departamento de "Códigos" é dirigido por Henry Lysing e conta com muitos fans em todo o mundo. Lysing ou Nonovic nasceu em Palmerton, Pa., e reside atualmente em Nova York. É graduado pela Universidade de Notre Dame.

FIGURAS E FATOS



CEL. JONAS CORREIA. Chefiando a Delegação Brasileira ao IV Congresso Americano de Professores, esteve em Santiago, Chile, o coronel Professor Jonas Correia, Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal. Acompanhado de sua esposa e filho, o educador patricio visitou ainda a Argentina e o Uruguai. O flagrante acima registra a sua chegada à pátria, e nele se vê o coronel Jonas Correia cercado de amigos, autoridades e auxiliares, no aeroporto "Santos Dumont".



NOVAS DIPLOMADAS. Marina Cerqueira e Margarida Cerqueira de Souza, filhas do casal Cerqueira de Souza, de nossa sociedade, recentemente diplomadas em comercio por uma das escolas desta Capital.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

Dia 5 — Srta. Flora Joviano. Srs. Ministro Pires e Albuquerque, Prof. Barbosa Vianna, Cap. de Mar e Guerra Helio Sayão Bustamante, Roberto Grobe, Prof. Carlos Franco.

Dia 6 — Sras. Corina de Castro Pimentel Medeiros e Maria Calazans de Barros; Srtas. Alzira Motta e Zila Fonseca; Menina Marli Pereira Guimarães; Srs. Antonio da Silva Moutinho, Eugenio de Salles Brancão e Dr. Daniel Araújo Reis.

Dia 7 — Sras. Gulnar Bandeira, Almerinda Correia de Salles e Amelia Saldanha Benfeito; Srs. Antonio Carlos de Andrade e Humberto Rivadavia; Dr. Miguel de Carvalho, Dr. Carlos da Silva Costa, Dr. Guilherme da Silveira, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro; Prof. Velho da Silva, jornalista Flavio Pinho Filho, Dr. Oliveira Flores, Dr. Roberto Duque Estrada, Dr. José Barbosa de Castro,

Dr. Aloisio Thompson Nogueira, Dr. Luiz Felipe de Lacerda Filho, Luiz da Silva Pereira e Alcides Caneca.

Dia 8 — Srna. Albertina Dutra da Fonseca; Srta. Beatriz Porto e Dra. Antonieta Gonçalves de Souza; Sr. Dr. Leopoldo Teixeira Leite.

Dia 9 — Srna. Prof. Clara Maciel Pacheco; Srta. Berenice de Assis Ribeiro; Srs. Antonio Carvalho, Cid Braune e Carlos Lopes de A. Sayão.

Dia 10 — Srna. Lucio Branco Soares; Srta. Risoleta Barbosa; Sr. Dr. Augusto Cesar Lobo.

Dia 11 — Sras. Zeira de Oliveira Gomes, Alda da Fontoura Caravelli e Maria da Penha Madureira Vieira; Srta. Leonor da Silveira e Gilda Dantas; Srs. Alexandre Eseragnolle; Dr. Gildo Amado, Antonio Grimaldes Rodes, Arnaldo Vasconcelles Bittencourt e Cupertino de Gusmão.



DR. ALFREDO FERREIRA LAGE. Flagrante apanhado na residência do Sr. Dr. Alfredo Ferreira Lage, à rua Candido Mendes nesta Capital, no dia 28 do mês p. passado, no momento em que os restos mortaes do ilustre patricio eram levados para Juiz de Fora, Minas. O Dr. Ferreira Lage, figura destacada no nosso meio, era diretor do Museu Mariano Procópio daquela cidade e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

O BRASIL NA GUERRA



FLAGRANTES apanhados no dia 28 do mês p. findo per ocasião do comício que se realizou em frente ao Teatro Municipal, nesta Capital, para comemorar o 2.º aniversário da entrada do Brasil na guerra.

Perante grande massa popular, falaram, entre outros oradores, os Snrs. Oswaldo Aranha, Juarez Távora e Cunha Melo.

Em frente ao Teatro, ornamentando o local de onde falavam os oradores, viam-se retratos dos Snrs. Getúlio Vargas, Roosevelt, Churchill, Stalin e Chiang Kai-Shek.

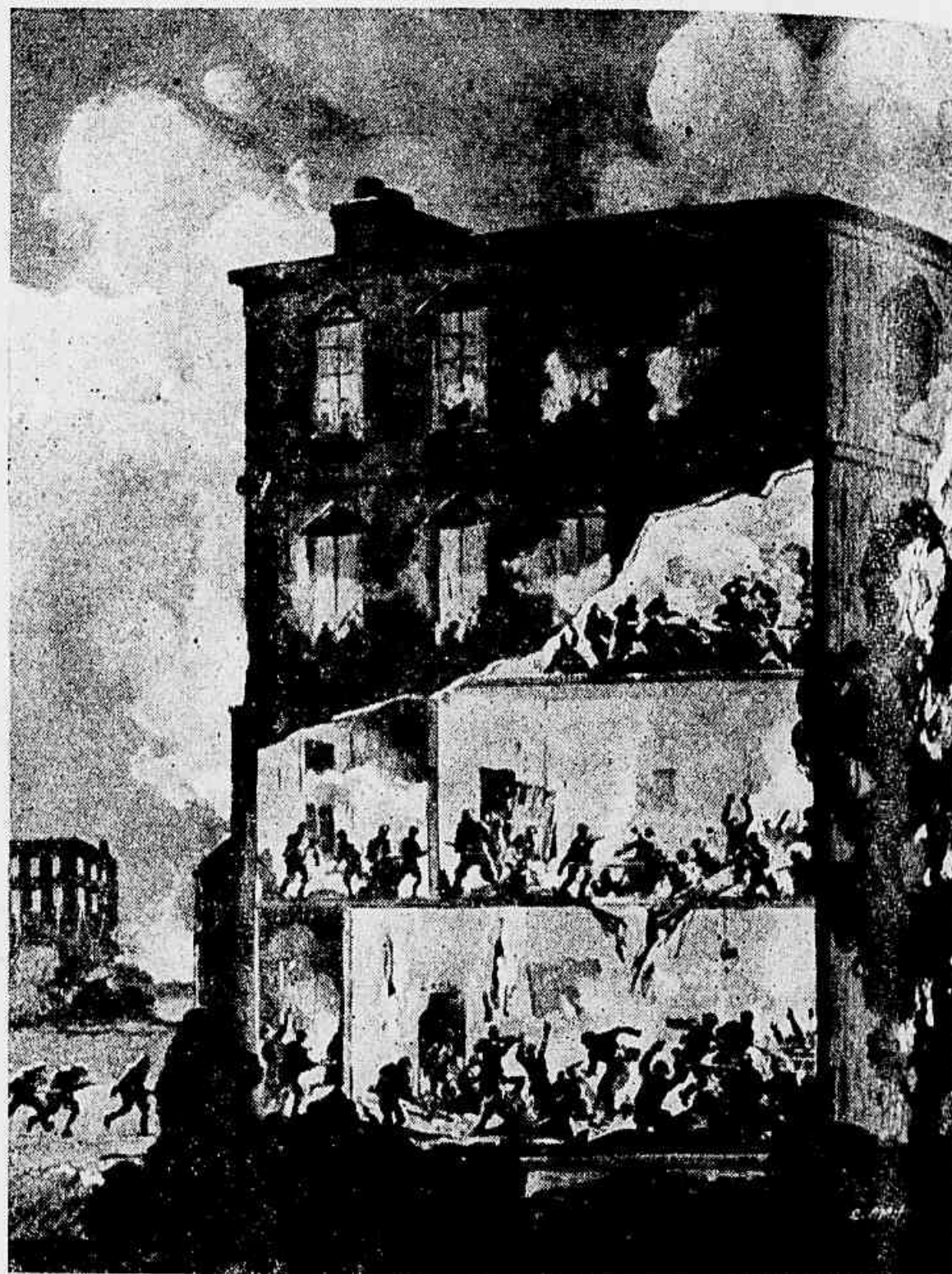


O PRIMEIRO ANIVERSARIO DA



O INFERNO DE STALINGRADO — Na cidade em ruínas, com os edifícios semi-destruídos e o céu encoberto pela fumaça negra dos incêndios, duas mulheres transportam, imperturbáveis, suprimento para os defensores.

Trava-se a luta em todos os pavimentos. Penetrando no pavimento terreo, os Russos o capturam invadindo sucessivamente todos os andares.



FABRICAS
TRANSFORMADAS
EM FORTALEZAS

OS
ALEMÃES
INCENDEIAM
A CIDADE

TANKS ALEMÃES
RECEBIDOS COM
INTENSO FOGO

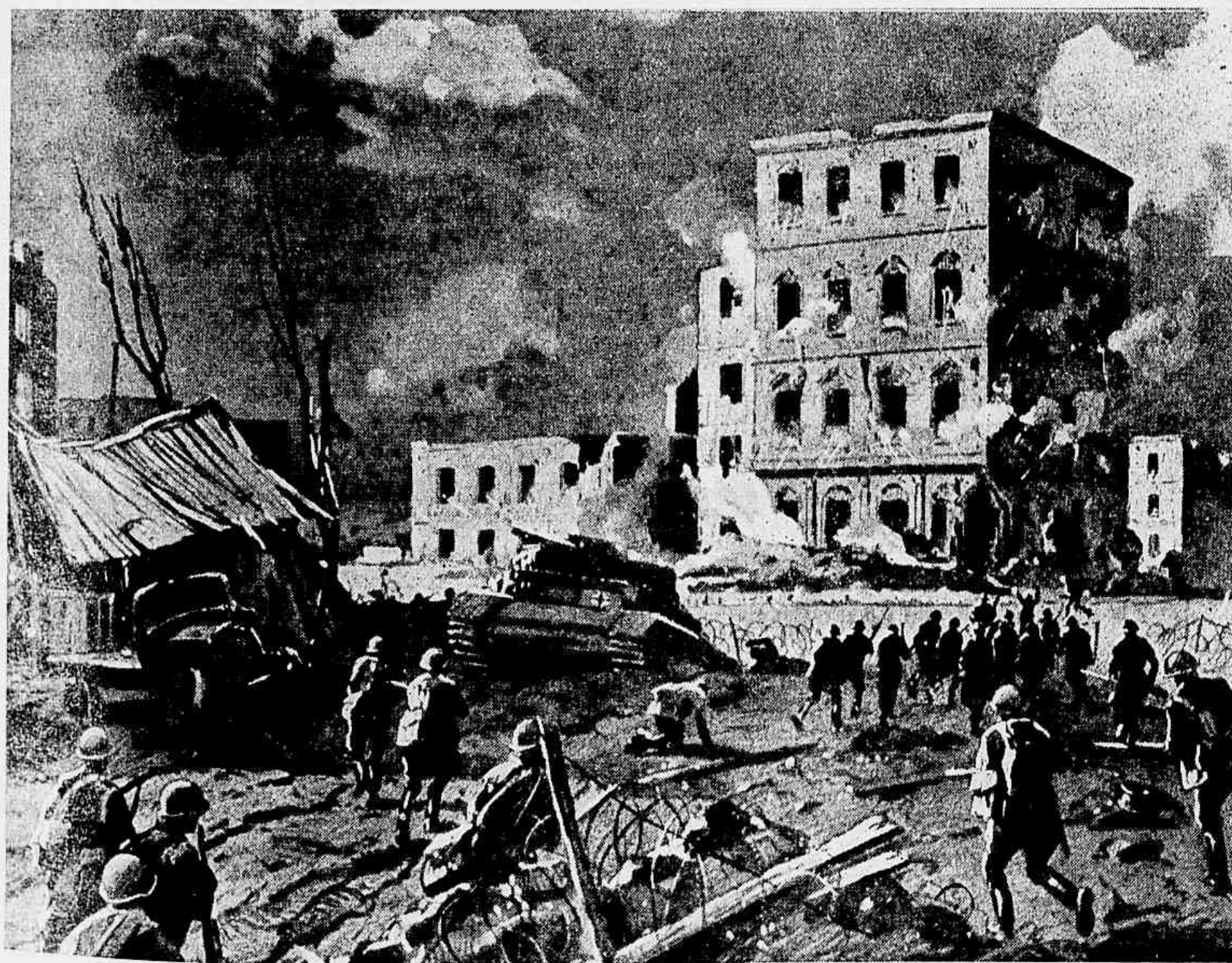
AS RUINAS DOS EDIFICIOS
SERVEM DE BARRICADAS
PARA OS RUSSOS

As grandes fábricas dos subúrbios de Stalingrado são convertidas em verdadeiras fortalezas. A cidade estende-se por muitas milhas à margem direita do Volga; cada cinco milhas de ruas foi organizada como uma fortaleza autônoma, na qual foram acumulados suprimentos para um longo assédio. Os destroços foram se acumulando pouco a pouco, tornando mais fortes os pontos de defesa e mais difícil a sua captura.

LIBERTAÇÃO DE STALINGRADO



A luta no centro da cidade — onde alguns edifícios foram ocupados pelos alemães e outros são ainda mantidos pelos Russos. Os bondes foram virados e transformados em barricadas, que tornaram extremamente difícil o avanço dos tanques inimigos. Em pouco tempo os alemães tiveram impedida a sua liberdade de movimento, de acordo com a tática adotada pelos defensores.



A ÚLTIMA FASE DA DEFESA DE STALINGRADO — A luta tem lugar nos prédios que são defendidos como fortalezas. Este ficou em posse dos alemães. Os Russos avançaram para o ataque e os nazistas respondem atirando de todas as janelas.



QUANDO o mundo numa irrespirável atmosfera de tensão nervosa esperava a cada momento a deflagração da guerra, em 1939, todos conjecturavam como seria esta nova catástrofe.

As imaginações exaltadas pelo nervosismo e inspiradas talvez nas novelas de Wells, perdiam contato com a realidade e as mais absurdas hipóteses eram feitas.

Seria esta uma luta nos moldes da invasão da terra pelos Marcianos, como na fantasia do profeta inglês, ou no estilo das guerras entre os deuses da mitologia. Algo de extra-terreno, de horrível e nunca visto.

Esquecíamos que também o progresso na arte de matar, por mais vertiginoso que fosse, devia seguir um certo ritmo em sua evolução. Acreditávamos que o extraordinário desenvolvimento da técnica faria tabula rasa de todas as virtudes que emprestaram às guerras antigas, um pouco da épico e de heróico. A coragem, o sangue frio e todas as virtudes militares tornar-se-iam impotentes ante a avalanche dos engenhos.

Depois de um período inicial que parecia confirmar essas suposições, começamos a ver que o elemento humano pesava tanto na balança quanto a enxada mecanizada que desabou sobre as populações da Europa.

A fibra e a tenacidade dos homens e das mulheres inglesas durante a *Blitzkrieg* aérea sobre Londres acabaram por vencer a barba nazista, até que os passaros da liberdade pudessem subir aos céus para combater os abutres germanicos.

A fera nazista recuou voltando-se contra o Colosso Russo.

A Europa continental caíra dominada por Hitler que em poucos meses se apossara de todo um continente e traçava os planos para a conquista do mundo.

Suas hordas mecanizadas dentro em pouco se descedentariam nos poços de Petróleo do Cáucaso.

Por onde passaram os tanques não ficou



Barricadas são construídas nas ruas — cada andar e cada quarto ferrosamente defendidos pela infantaria russa, se enquanto os sapadores russos sub-solo os sapadores russos preparam as minas e farão saltar os edifícios quando não for mais possível a sua defesa.

pedra sobre pedra, e o cavalo de Atila, desta vez mecanizado, fazia nova e mais tremenda correria sobre a civilização.

Mas também aqui, nesse mundo desconhecido que é a Rússia, Hitler teria de lutar contra a bravura de um povo que não se dispunha a entregar suas terras.

A batalha de Stalingrado foi uma etapa decisiva na guerra. Depois de resistir a um cerco de três meses os Russos por sua vez cercam e aniquilam um exército de 330.000 homens sob o comando do general Paulus. No fim do combate, a 26 de Fevereiro de 1943, milhares deles tinham

morrido em luta e outros tantos eram aprisionados.

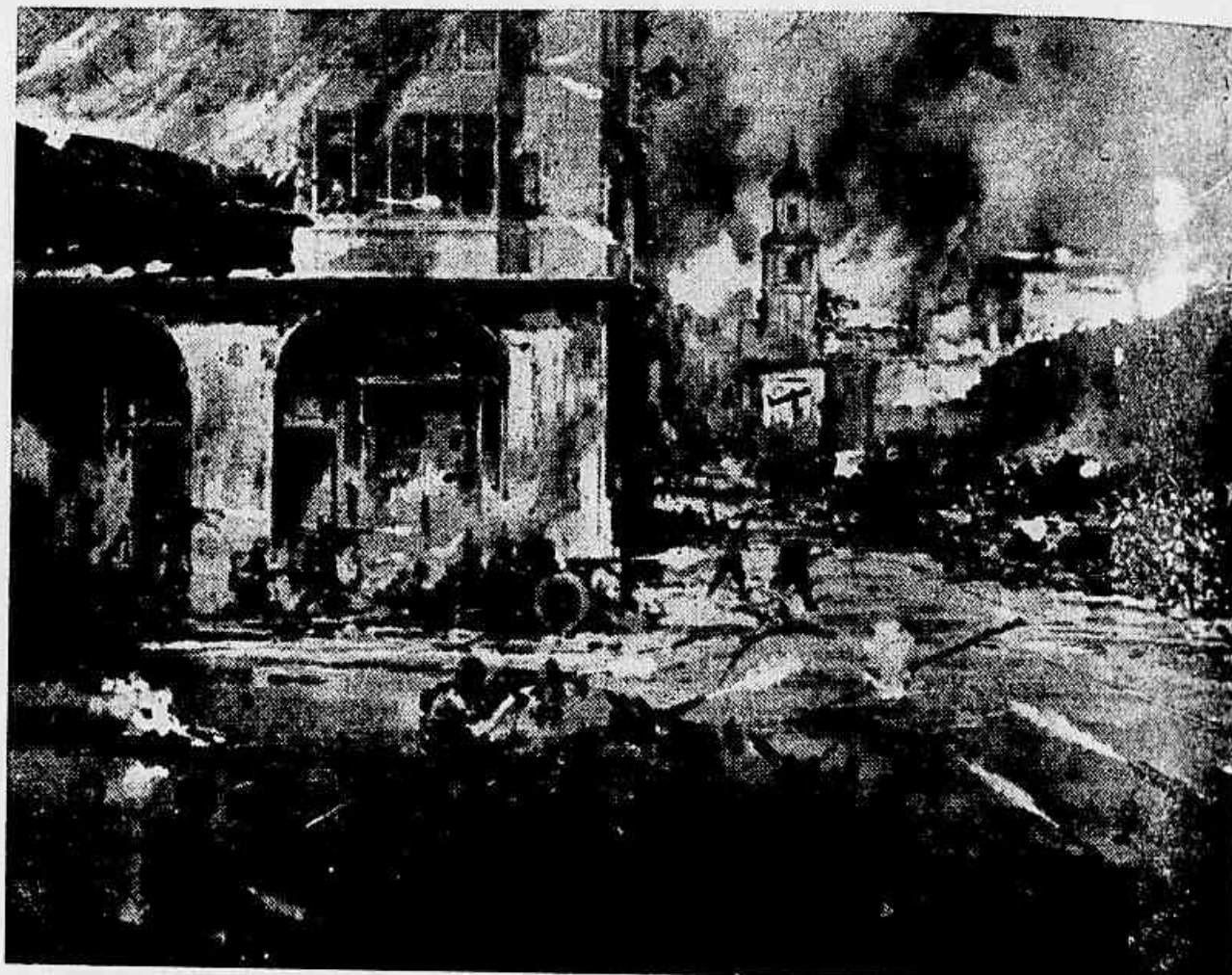
A história da guerra jamais conheceu tão frásante exemplo de cerco e destruição de uma grande tropa perfeitamente equipada com todas as armas modernas.

De rua em rua, de casa em casa, de quarto em quarto travou-se a mais tremenda batalha da história.

Mais uma vez o heroísmo e a energia indomável de um povo venciam a força bruta organizada.

Estava selada a sorte dos exércitos alemães na Rússia.

Era o começo do fim.



No coração da cidade a luta corpo a corpo torna-se desesperada. Cenas como esta eram frequentes quando os Alemães tentaram cortar a cidade em duas partes. Tão grande era o caos que se tornaram impossíveis os movimentos dos tanques nas ruas e os bombardeiros alemães não podiam ser usados na grande confusão. Cada quarteirão tornou-se um campo de batalha e cada edifício um ponto de resistência, enquanto nas ruas ambos os lados usavam furiosamente canhões, rifles e metralhadoras.



O Marechal Paulus, ex-Comandante do Sexto Exército Alemão (à direita), sendo interrogado pelo Coronel-General K. Rokossovsky (à esquerda) e pelo Marechal de Artilharia N. Voronov (ao centro).



Quando cessaram os últimos disparos e o silêncio anunciou a derrota dos invasores, soldados isolados emergiam das ruínas da cidade entregando-se aos vencedores. A cena que reproduzimos tornou-se frequente na luta titânica.



A TRAGÉDIA DE SAN JUAN

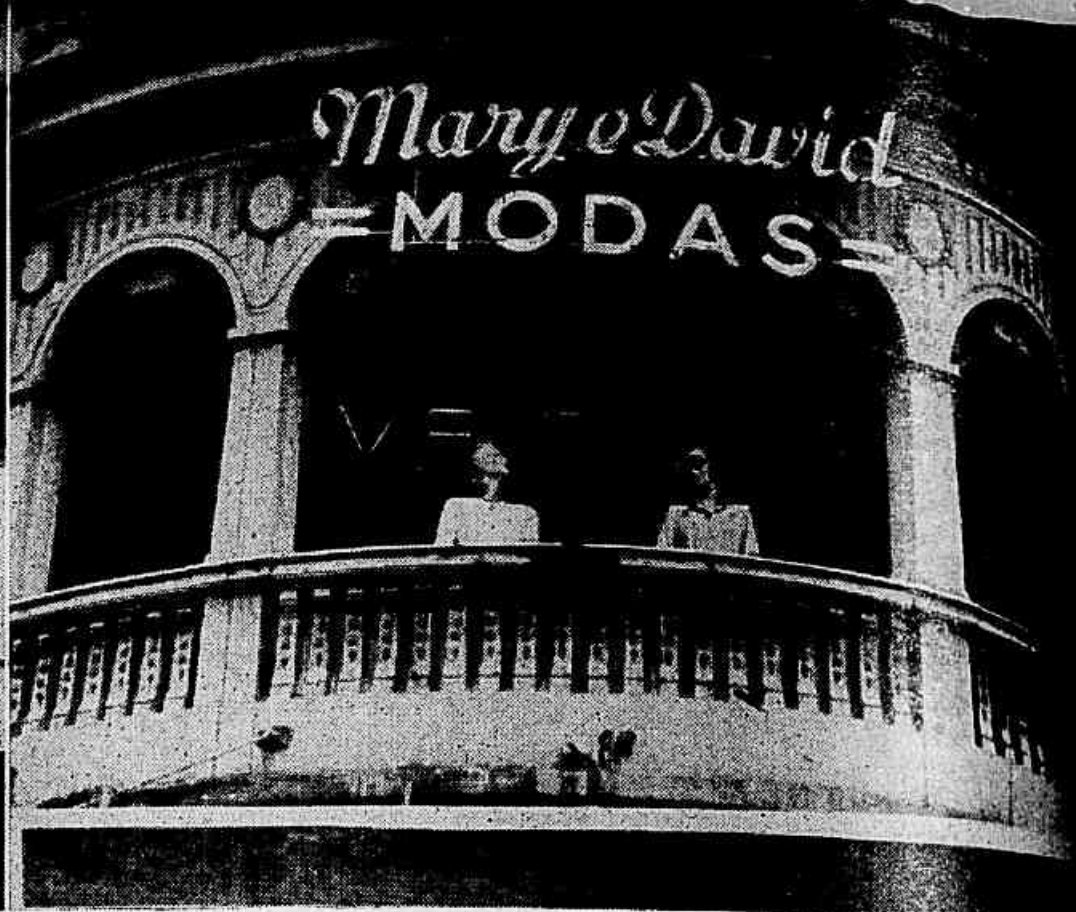
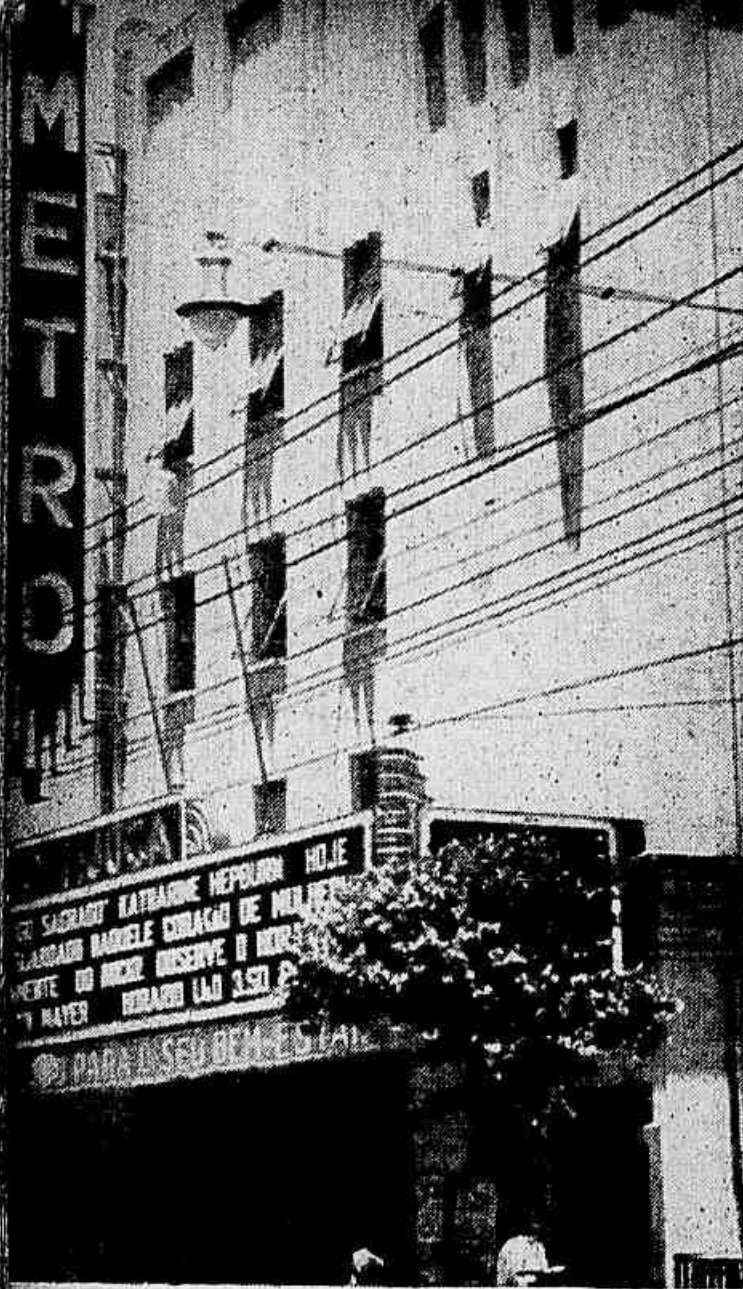


O terremoto que de um momento para outro riscou do mapa a tranquila e próspera cidade de San Juan veio encher de consternação a todos os que souberam da trágica ocorrência.

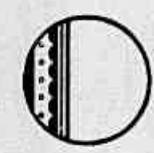
Nossas fotografias mostram alguns aspectos das ruínas a que ficou reduzida. A primitiva cidade fundada pelo capitão Juan Jofré, em 1562, foi trasladada, em virtude das cheias do rio San Juan, mais para o sul. Sua antiga localização é chamada atualmente "Pueblo Viejo". A cidade atual, que tem o mesmo nome da provincia, está situada a 643 metros de altitude e conta 25.000 habitantes, distando apenas 1205 quilômetros de Buenos Aires.

Quasi toda a provincia de San Juan, na zona andina, e na qual está o famoso pico do Aconcagua, um dos mais altos do mundo, é varrida pelo Zonda, vento impetuoso que sopra de oeste a noroeste. Este vento, que se apresenta geralmente das dez horas da manhã ao pôr do sol, dura entretanto às vezes dois dias sem interrupção, derrubando árvores e ocasionando grandes prejuízos. Durante o tempo em que sopra, a temperatura torna-se sufocante, obrigando mesmo a suspensão dos trabalhos de campo.

San Juan fugiu certa vés das águas mas, desgrazadamente, não fugiu do terremoto. (Fotos cedidas pelo Cineac).

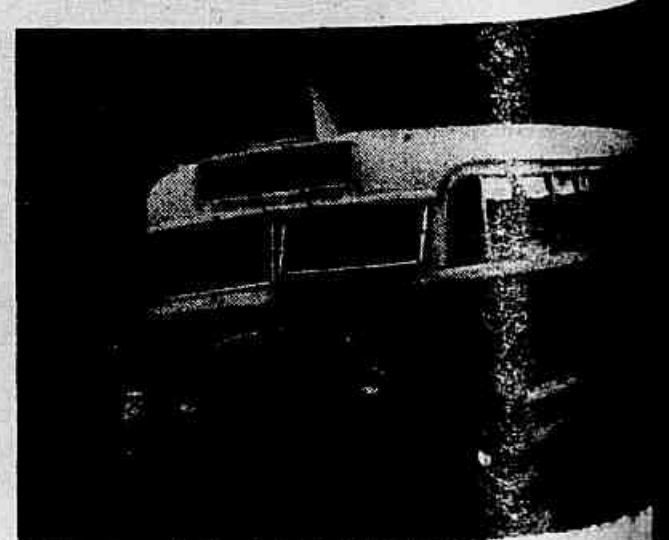
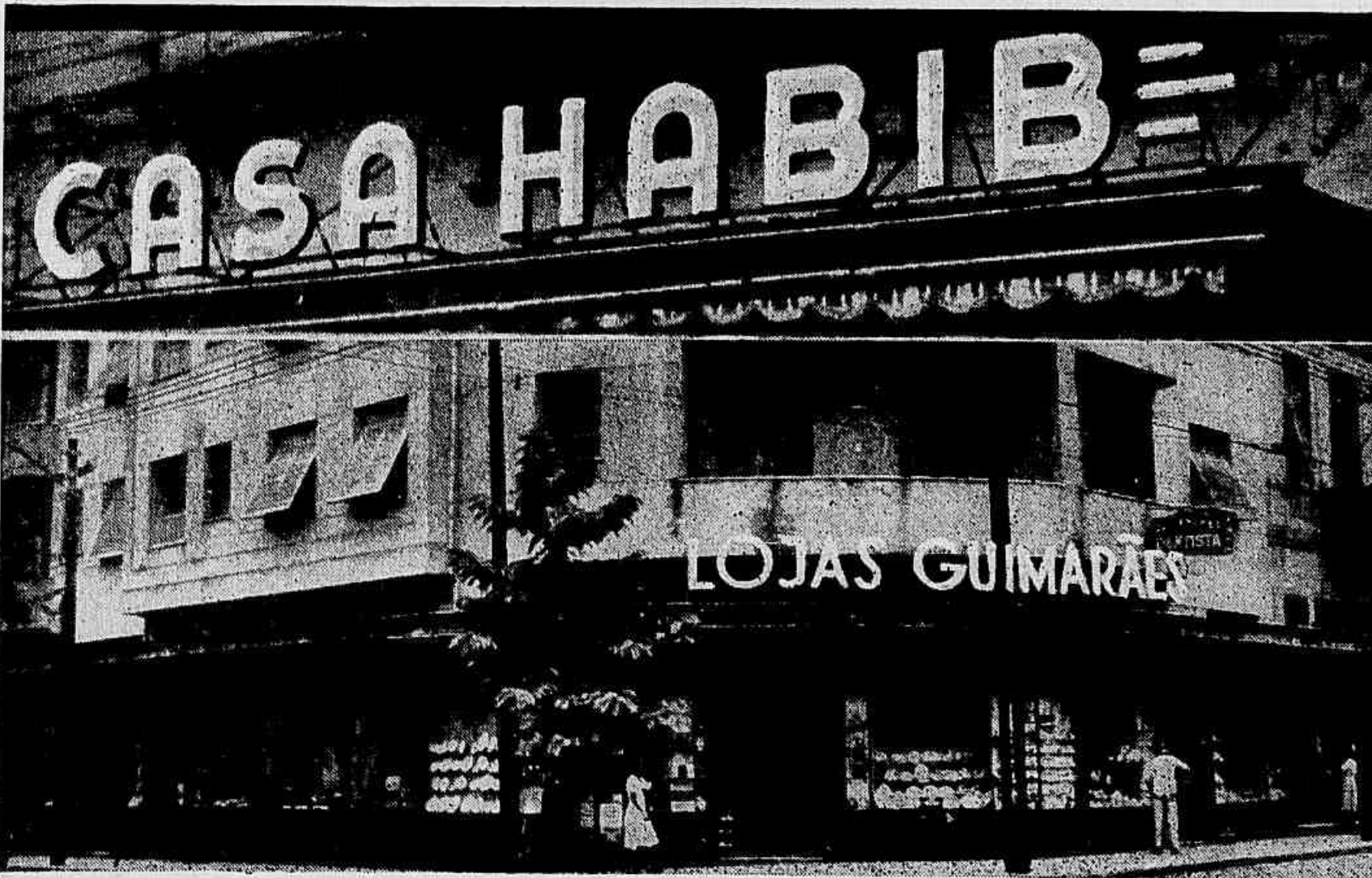


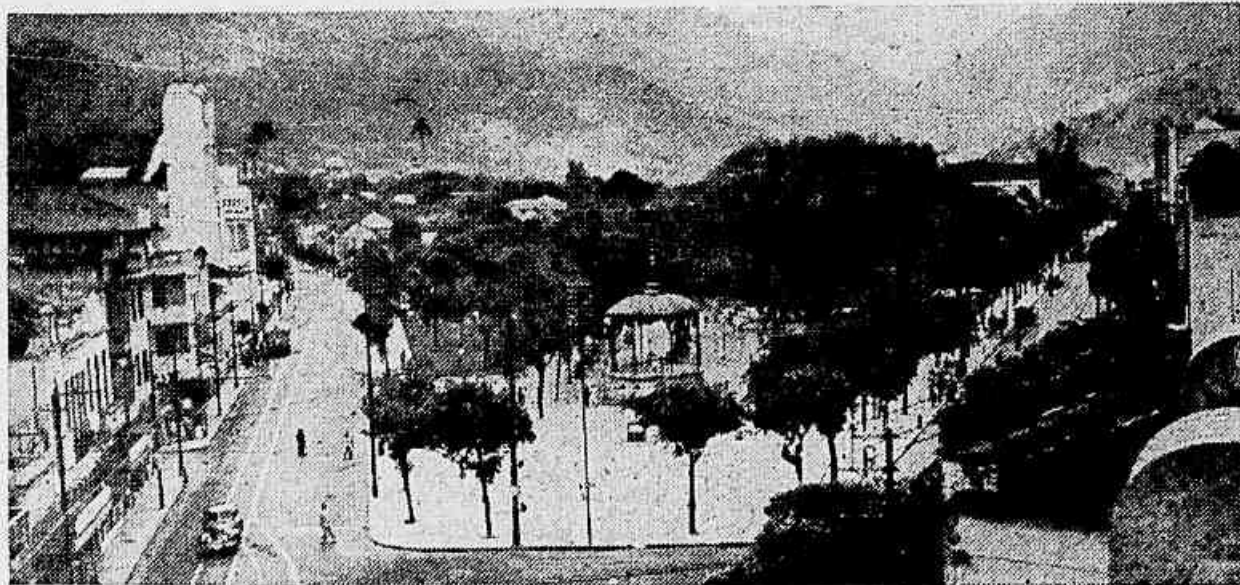
PRAÇA SAENZ PEÑA



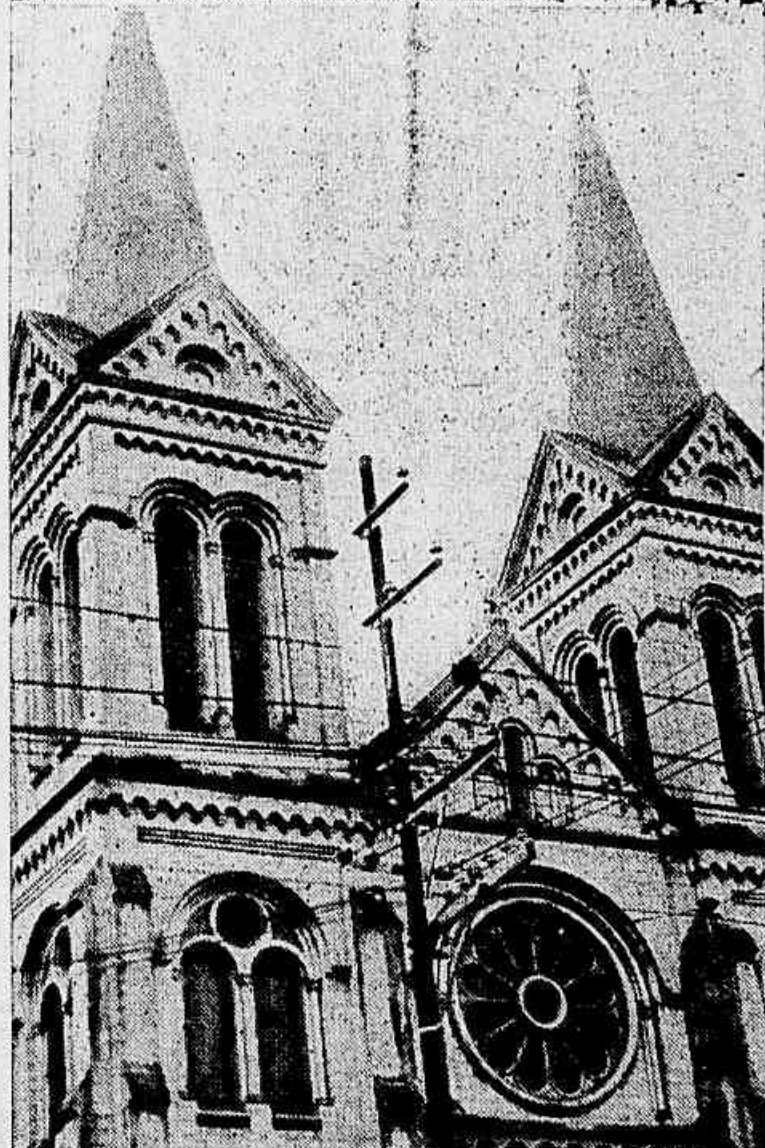
surto de progresso que envolve o Rio de Janeiro na última década, tem se caracterizado de modo flagrante em todos os bairros, através da boa vontade e atenção dispensadas pela Administração Municipal e demais órgãos dos poderes públicos. Se esta verdade é um motivo de orgulho para o carioca, maior orgulho ainda terá o tijuicano, que se poderá ufanar com o desenvolvimento progressivo do seu pitoresco e aristocrático bairro que, a par da beleza arquitetônica de suas mansões e de um moderníssimo comércio, conta também com uma praça que incontestavelmente poderemos chamar de "Cinelândia da Tijuca"—Praça Saenz Peña. Tradicional e histórica, no local em que a vemos hoje, com seu imponente comércio e confortáveis cinemas, viram os

moradores do passado apenas uma chácara com o prolongamento da Rua Desembargador Isidoro e ao centro um casarão, onde famosas e históricas reuniões foram feitas pelos políticos que, no tempo da monarquia, trabalhavam incessantemente pela nossa liberdade republicana. Mais tarde, em 1915, na administração do prefeito Serzedelo Corrêa, este velho prédio foi demolido para dar lugar à praça que recebeu o nome de Saenz Peña em homenagem ao grande vulto argentino que por ocasião de suas visitas ao Brasil já vaticinava os laços de uma duradoura amizade entre o nosso país e a nação irmã, concretizada na sua frase célebre, de poucas palavras e muito sentimento de solidariedade continental: *tudo nos une, nada nos separa*.





A CINELANDIA DA TIJUCA

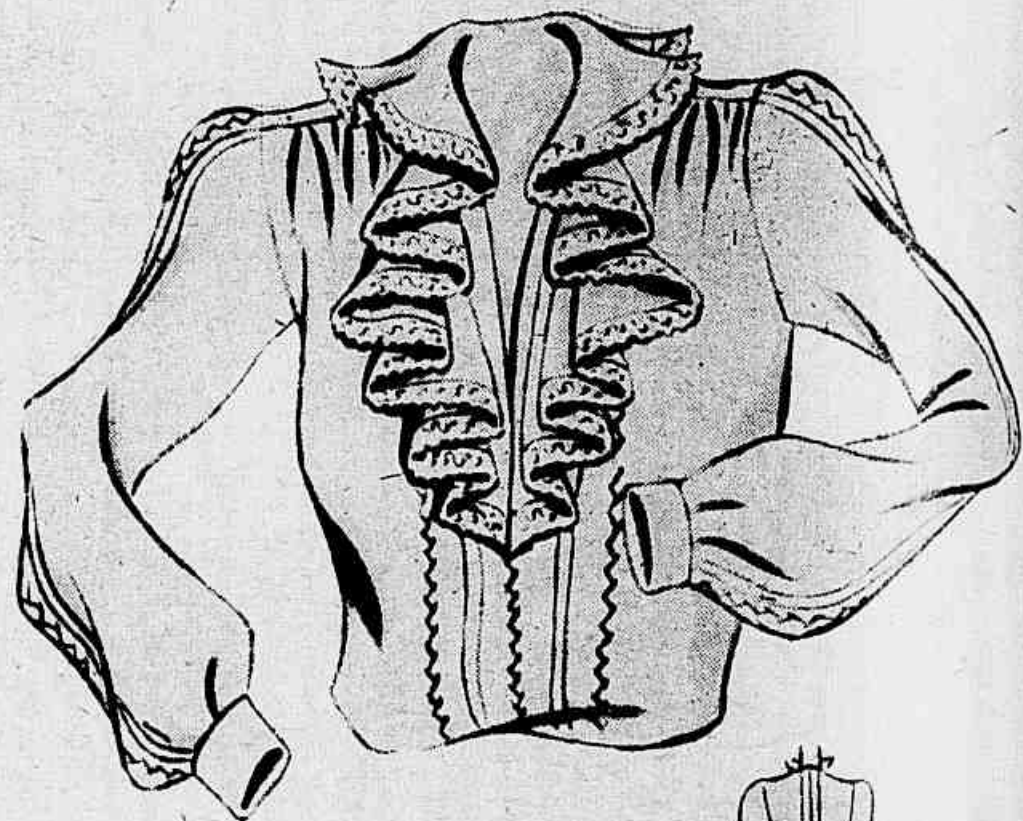


São lindas, alegres porque muito claras e movimentadas as tardes de verão na Praça Saenz Pena. Beleza, graça e elegância tijuicanas desfilam por entre as alamedas. E muita gente fica sob as árvores, outros vão ao cinema, à confeitaria, ao bar, à sorveteria. Um encontro, um abraço, um adeus... Pela manhã, aos domingos, missas na bela e tradicional igreja de S. Afonso; e durante a semana muito movimento porque na praça e imediações o comércio é intenso e completo.

A' noite, iluminação profusa, muita vida até tarde, muito rosto bonito desfilando por todos os lados.



Escolha!



Quatro blusas ligeiras, de fazenda de algodão ou tricoline: 1 em cambraia de linho com bordado de ponto russo nas mangas e frente, e jabot formado da própria gola, que é cortada em godet.



MARIA MONTEZ (Universal).

A MANTILHA

Os grandes costureiros, hoje acantonados na terra do Cinema, estão lançando mão da mantilha como complemento às luxuosas *toilettes* de baile, mesmo as que não são em estilo. Nada mais gracioso, mais evocador, mais romântico que esse quadrado de rendas, atirado com *salero* sobre a cabeça sedutora da mulher. E' o misterio rendilhado, pondo sombras filigranadas no rosto côr de rosa-chá, nos hombros côr de marfim antigo das madrilenas, ou na pele dourada das sevilhanas de olhos noturnos.

Que mundo encantado evoca a mantilha! A Andaluzia, terra dos toureiros, mãe dos cantares, das Zambas gitanas, das alegres panderetas, do canto flamengo sombrio e ardente; a musica comovida das guitarras gemendo sob os laranjeas floridos de Granada, de Cordoba, de Sevilha, as cidades dos Kalifas. Cantos mourescos que distilam ha milênios, o sangue arabe, quente como o simum; sombras encantadas de fantasmas românticos, que ainda deslisam, pelo silencio dos alcazares, mesquitas e rejas floridas de verbenas e cravos, repetindo velhas coplas:

"La pena y la que no es pena,
Todo es pena para mi,
Ayer penaba por verte,
Y hoy peno porque te vi".

"Ni contigo ni sin ti,
Tienen mis males remedio,
Contigo porque me matas,
Y sin ti porque me muero".

Mantilhas negras e espessas que lembram mulheres das montanhas asturianas, berço de reis cristãos, cujos cantares são tristes e efervescidos, mas de dulcíssimos assentos. E assim a mantilha envolve em suas dobras rendadas a Hespanha inteira de *Sanque e Areia*, do *Flor de Mayo* de Blasco Ibanez ou *La Estrella de la Giralda*, ou *Sol luna de Marismas* de José Más: obras fortes, características, magníficas de realidade, vincando a fogo uma Hespanha que morreu com o exílio de Alfonso XIII.

A mantilha hespanhola é uma prenda, quasi uma joia, e ficará muito bem emoldurando o rosto moreno das brasileiras, porque também elas têm a graça saltitante da Juriti, a sedução da Uyara no esconso dos lagos, a languidez das cantigas apaixonadas, dedilhadas ao violão.

"Morena, morena — dos negros cabelos,
Teus olhos morena — são os meus desvelos..."

A mantilha, como o leque, tem a sorte das cousas poeticas, objetos cheio de sortilégio e de magia, sobre os quaes a gente tem vontade de falar, rimando:

"Em noites de clara lua,
Nada encanta, seduz e brilha,
Como teu rosto moreno,
Sob a renda da mantilha."

E assim se apresentará a romanesca mantilha nos salões modernos, nos casinos, no Municipal, dando prestigio à beleza de nossos dias, uma beleza cuja unica e inelutavel característica é seduzir e encantar, no momento fugaz e atropelante de um fox ou de um swing, si é que se póde imaginar uma formosa creatura de mantilha requebrando-se na dansa maluca, que é um símbolo da era que vivemos; uma volta ao cururú dos selvagens, ou ao ritual coreografico dos antropófagos antes do nefando banquete. Vamos decendo uma inpreme ladeira, para labruscas paraens, desertas de encanto, de sonho e de romance; mas como a alma estatica, diante de um mundo extranho e apopletico, sente a necessidade do sonho e da beleza, como calmantes indispensaveis à vida, ela revolve o passado para lançar no presente um pouco do perfume da poesia antiga. Mãos que abrem velhas arcaes tiram delas, como presente aliciador da alma das mulheres, alguns desses objetos que foram o encanto das nossas pulcras avós.

A mantilha talvez seja aceita como um poema dos costureiros à mulher dos nossos dias, e tenha o prestigio raro de fazer ressurgir também a aura da poesia que a envolveu antanho. O leque chegou e venceu, mas na mão utilitaria da mulher moderna ele deixou de ser uma prenda, asa de passaro sobre a qual versavam os aedos, para ser apenas um... ventilador portátil.

Que destino estará reservado à mantilha envolvente, salerosa e evocativa?

"Que Deus te perdoe, Diabo,
Do mal que ao mundo queres
Pois tu és quem põe feitiço
No ardente olhar das mulheres."

Modelos da Semana



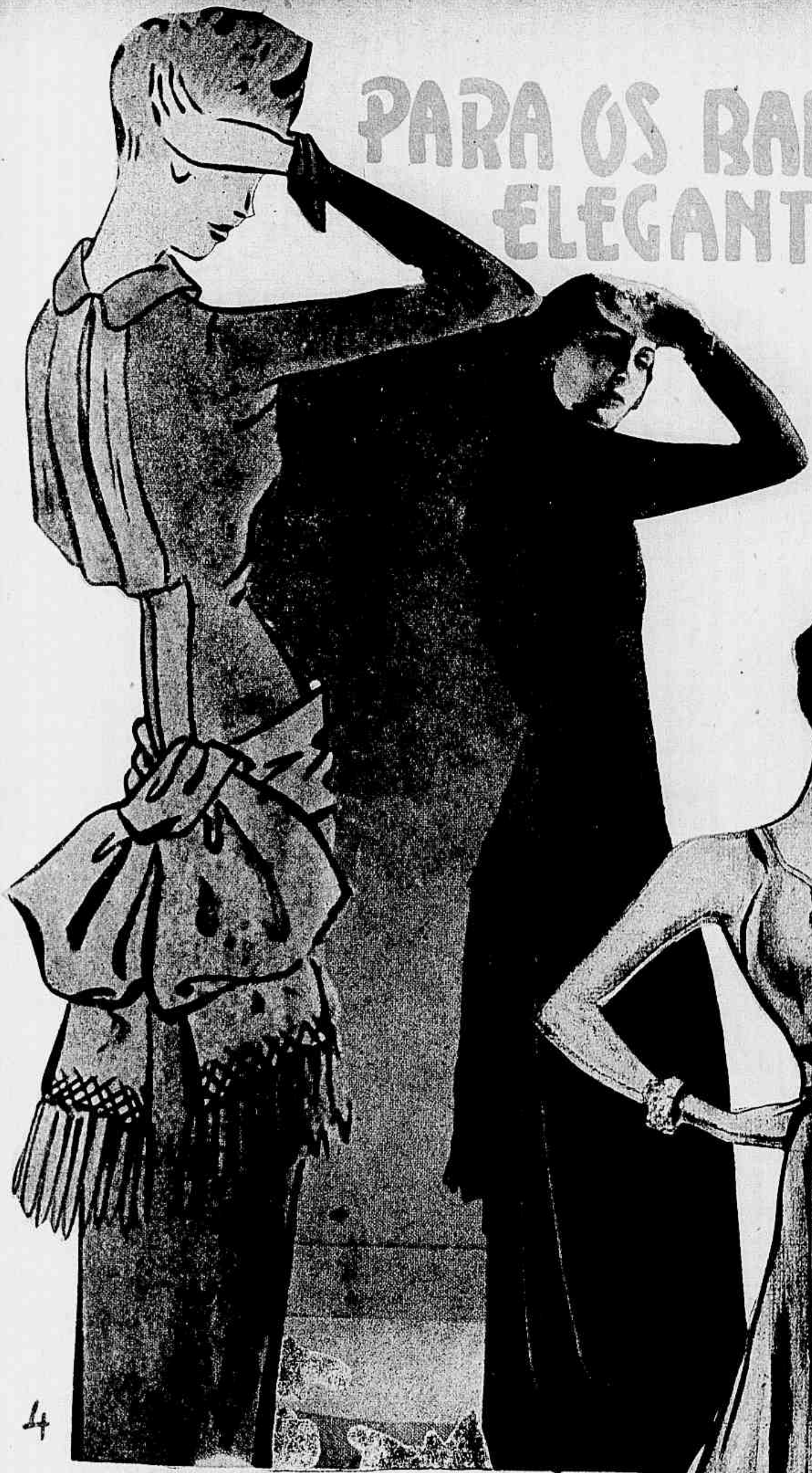
Os vestidos de noite procuram, cada vez mais, inspiração no passado. Os costureiros tratam de estilizar, dando retoques modernos ao gosto da mulher de hoje nos velhos modelos de anos e séculos passados. E' sobretudo nas éras mais românticas que eles buscam inspiração, como se tentassem, desse modo, pôr um pouco de espiritualidade no utilitarismo presente.

1. Original vestido estilizado, em seda azul-verde e verde-rci, com bordados na pala; mantilha da seda do vestido com renda.

2. Vestido de noite inspirado nos modelos do meado do século XIX. Mantilha de renda e filô salpicado de pequenas flores de lantejoulas. A renda preta da saia é de seda e vidrilho.

3. Linda toilette para os bailes de carnaval. Toilette de setim macau, com o corpete de setim "tête de nègre"; uma graciosa mantilha de gaze, com rabiscos em prata e renda antiga na ponta, dão um aspecto encantador á toilette, em estilo antigo.

PARA OS BAILES ELEGANTES DO



4



5



6

CARNAVAL

4 Modelo inspirado nos fins do século passado. Linhas justas, longas, com um grande laço atrás, abaixo das ancas; todo o apanhado da saia é atrás também, e fica sob o laço. É em tafetá chamalote.

5 De linhas mais modernas este vestido é executado em tafetá ou setim branco marfim-velho, com laços de pailleté.

6 Este foi inspirado na Grécia dos tempos do império romano, todo plissado com o casaco justo e liso na blusa, pala plissada, botões, cinto e joias em ouro-velho.

Desfile de modelos



- 1 — Linho rosa: é recortado na blusa formando bolsinhos de fantasia.
- 2 — Shantung branco, saia ampla, bolsos em forma de carteira. Pespontado.
- 3 — Vestido em brim de seda; a blusa e o cinto levam nervuras.
- 4 — Vestido de tussor, gola alfaiate e bolsos pespontados.
- 5 — Vestido de linho bege: partes aplicadas na blusa formam os bolsos, abotoados; pespontos de cordonnet.
- 6 — Vestido em rayon, cintura franzida, recortes formando os bolsos pespontados.
- 7 — Vestido em *pois* de algodão: saia franzida e bolsos de fantasia.
- 8 — Vestido em quadriculado; a blusa cruza, abotoando com botões de cristal.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

inencarelli

MAU HALITO produzido pela fermentação

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito. Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentifrício medicinal, de alto poder germicida — que impede a fermentação e elimina o mau hálito. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições, para completa assepsia da boca.

**2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES**

A TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

(Continuação da pag. 20)

lenta que perturbava. Desde o primeiro momento Mayherne percebeu nela algo de misterioso.

— Sra. Vole — começou. — A senhora deve ser forte.

Parou. Era evidente que Romaine Vole não tinha a mínima intenção de fraquejar. Estava perfeitamente calma e composta.

— Conte-me tudo, por favor. Preciso saber tudo. Não pense em poupar-me. Quero saber o pior. — Hesitou. Repetiu, em seguida, com estranha ênfase: — Quero saber o pior.

Mayherne contou sua entrevista com Leonard Vole. Ela ouviu atentamente.

— Compreendo — disse quando ele acabou. — Leonard quer que eu diga que ele chegou em casa às nove e vinte naquela noite.

— Não é esta a verdade?

— Isso não vem ao caso — replicou ela friamente. — Si eu disser isso ele será absolvido? Acreditar-me-ão?

Mayherne ficou surpreso. Ela percebera logo o ponto importante da questão.

— Isso é que eu quero saber — repetiu ela. — Será suficiente? Há alguém que confirme meu testemunho?

Havia na voz dela uma ansiedade controlada que perturbava.

— Por enquanto, ninguém — confessou, com relutância.

— Compreendo — disse Romaine Vole. Ficou imóvel por alguns segundos. Um sorriso pairou-lhe nos lábios. A sensação de mal-estar crescia no advogado.

— Sra. Vole — começou — eu sei o que a senhora deve estar pensando...

— Sabe? Não creio.

— Num caso como este...

— Num caso como este, eu vou agir sozinho.

Ele olhou-a desanimado.

— Mas, sra. Vole, a senhora está exausta. Amando seu marido como ama...

— Perdão!

A frieza da voz dela sobressaltou-o. Repetiu, hesitante:

— Amando o seu marido...

Romaine Vole sorria ainda, da mesma maneira estranha.

— Ele disse que eu o amava? — perguntou, baixo. — Sim. E' exatamente o que ele faria. Mas, meu Deus, como os homens são idiotas! Idiotas! Idiotas!

Levantou-se de repente. Toda a emoção intensa que controlara aparecia agora no tom da sua voz.

— Mas odeio-o! Quero vê-lo morto! Enforcado!

O advogado recuou diante do ódio que brilhava nos olhos dela. Ela deu um passo em frente e continuou com veemência:

— E ele vai morrer. Voltou, não às nove e vinte, mas às dez e vinte. O senhor diz que ele nega saber do dinheiro que ia herdar. Pois sabia. Sabia e contava com ele. Matou para obtê-lo. Naquela

noite, ao chegar em casa, confessou o que tinha feito. Havia sangue no seu paletó. E si eu contar tudo isso no tribunal?

Seus olhos desafiavam o advogado, que tratou de esconder o seu desânimo no tom indiferente da voz:

— A senhora, como esposa, não pode depor contra o seu marido.

— Ele não é meu marido!

Ela falou tão depressa que ele pensou não ter entendido bem.

— Não é...?

Fez-se completo silêncio.

— Eu era atriz em Viena. Meu marido ainda está vivo. No hospício. Não podíamos casar. Agora, isso me alegra.

O mesmo tom de desafio...

— Podia dizer-me por que odeia Vole tanto assim?

Ela abanou a cabeça e sorriu.

— Queria saber, hein? Mas não saberá. Guardarei o meu segredo.

Mayherne levantou-se, pigarreou seco, e disse:

— Não há motivos para prolongar esta entrevista. Comunicar-me-ei com a senhora depois de ter falado ao meu cliente.

Saiu, mas não pôde esquecer mais a expressão do rosto dela. Isso vai ser um negócio complicado, pensava ao descer a rua. Extraordinária mulher! E perigosa. As mulheres, quando odeiam, são terríveis. Mayherne não acreditava no que Romaine dissera. Nem mesmo admitia a possibilidade dela repetir a sua história à polícia. Mas

esta segunda convicção não era inabalável...

Mayherne não sabia o que fazer. A acusação apresentara provas esmagadoras. Aliás, posto de lado o testemunho de Romaine, quem poderia conversar com Emily French, às nove e meia, si Vole já estava em casa? O único culpado possível era um sobrinho da vítima que já lhe havia extorquido dinheiro várias vezes, mas os esforços para encontrá-lo foram inúteis. Em outros setores, a investigação foi igualmente infrutífera. Ninguém vira Vole ou outra pessoa qualquer entrar ou sair da casa de Emily French.

Foi na véspera do julgamento que chegou uma carta dirigida ao advogado. No correio das seis. Má caligrafia, traçada em papel barato. Um envelope sujo com o selo colocado de lado. Mayherne teve que lê-la duas vezes antes de perceber a significação daquela ortografia plebéia: "Senhor: O senhor é o advogado quem defende o rapaz. Si o senhor quiser ver aquela vienesa sem vergonha desmascarada vem hoje de noite a Shaw's Rents Slepney, 16. Custa duzentos pacotes e pede para falar com Madame Mogson."

Mayherne releu a estranha carta. Podia ser uma brincadeira, era verdade, mas era a única esperança que restava. Sua decisão estava tomada. Er apressado salvar

(Continúa na pag. 45)



**QUINA PETROLEO
ORIENTAL**
PERFUME RIVIERA



Fixa o penteado, dá vida aos cabelos, evitando o embranquecimento prematuro. Extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.

A VENDA EM TODO O BRASIL

Nosso Senhor e São Pedro

de Selma Lagerloff

Era no tempo em que Nosso Senhor e São Pedro acabavam de chegar ao Paraíso, após terem vivido na Terra e atravessado muitos anos de tristeza.

Imaginamos facilmente a alegria de São Pedro. Instalar-se comodamente nas alturas do Céu e contemplar a seus pés o universo inteiro é coisa muito diversa de andar mendigando de porta em porta. Que doçura passear nos jardins do Paraíso, para um homem acostumado a vagarear e que nem mesmo sabia, nas noites de tempestade, si encontraria abrigo, ou si não seria obrigado a esperar o amanhecer sob o vento frio, a chuva e as trevas! No íntimo, São Pedro nunca estivera certo de que tudo acabaria bem. Nunca pudera evitar a dúvida e a inquietação. Já que Nosso Senhor era o senhor do mundo, para que servia a dureza da vida que levavam?

Um dia a existência lhe pareceu mesmo tão penosa que andou perto de desesperar. Nosso Senhor o levava ao pé de uma alta montanha; e eis que se puseram a subí-la, sem que São Pedro compreendesse o que vinham fazer aí. Atravessaram aldeias que se estendiam embaixo da montanha, depois castelos que tinham sido construídos nas suas encostas. Não se detiveram nem nas fazendas dos camponeses, nem nos chalés e deixaram para trás a cabana do último lenhador. Chegados ao limite em que a montanha se erguia nua, sem árvores nem vegetação de qualquer espécie, passaram diante do colmo que construira para si um santo eremita, afim de socorrer os viajantes em perigo. E tinham mergulhado nos imensos campos de neve sob os quais dormem as marmotas; e atingiram, por fim, as selvagens geleiras, erigidas de blocos, onde nenhum animal teria ousado aventurar-se. Aí no alto Nosso Senhor encontrara um pobre passarinho de papo vermelho, morto de frio. Recolhera-o e levava-o consigo, para espanto de São Pedro. E tinham prosseguido, ambos, seu caminho na neve escorregadia. Nunca São Pedro tivera a sensação de estar mais próximo do reino da morte; pois um vento mortalmente gélido e um nevoeiro mortalmente opaco os envolviam; e nada mais se distinguia da natureza animada. Entretanto estavam apenas na metade da montanha.

— Voltemos daqui! — implorara São Pedro.

— Ainda não — respondera Nosso Senhor — quero mostrar-te algo que te dará coragem para suportar todas as penas.

Assim, tinham continuado seu caminho através do nevoeiro, até um grande muro, infinitamente alto que lhes barrava a passagem.

— Este muro — dissera então Nosso Senhor — dá volta à montanha, e não possui nenhuma brecha por onde o possas atravessar. Nenhum ser humano viu jamais e nunca há de ver o que existe por trás dele. E' aí que começa o Paraíso e em todas as suas encostas dormem os mortos felizes.

Mas São Pedro mostrara um rosto incrédulo.

— Por trás desse muro — acrescentara Nosso Senhor — não mais existem trevas nem os ventos gelados como aqui, e sim o verão eternamente verdejante e a claridade do sol e das estrelas.

São Pedro não conseguiu ocultar sua dúvida. Então Nosso Senhor tomou o pássaro que achara sobre a neve e o lançou por cima do muro; e logo São Pedro ouviu-o pipilar e cantar alegremente, e ficou bastante surpreendido. Voltou-se para Nosso Senhor e lhe disse:

— Tornemos a descer à Terra e a suportar tudo que é preciso suportar. Disseste-me a verdade. Há um lugar onde a morte é vencida pela vida.

Haviam descido e retomado sua existência errante e dolorosa. E longos anos se passaram antes que São Pedro revisse o muro do Paraíso. Contentara-se em suspirar pelos maravilhosos países do Além. Mas hoje, não mais precisava suspirar. Chegara. E, da manhã à noite, fontes inextinguíveis jorravam a alegria.

Entretanto, São Pedro não estava no Paraíso há mais de quinze dias quando um anjo aproximou-se do Senhor que se assentava sobre um trono e, após se ter inclinado sete vezes, lhe anunciou que uma grande desgraça devia ter fulminado o Santo, pois não comia nem bebia e seus olhos traziam a marca de várias noites sem dormir.

A esta notícia, Nosso Senhor ergueu-se e partiu em busca de São Pedro. Achou-o, muito distante daí, num canto deserto do Paraíso, estendido no chão, as roupas rasgadas e a cabeça coberta de cinzas.

Nosso Senhor, vendo-o tão acoburnhado, sentou-se a seu lado e falou-lhe como no tempo em que juntos caminhavam através das tristezas do mundo.

— Qual é o motivo de tua dor? — perguntou-lhe.

São Pedro tinha o coração tão pesado que nem podia responder.

A guisa de resposta, São Pedro arrancou sua coroa de ouro e arremessou-a aos pés de Nosso Senhor — o que significava renunciar à sua parte de glória e de esplendor.

Nosso Senhor compreendeu que o desespero roubava a seu servo a posse de, si mesmo, e não manifestou nenhuma cólera.

— Confessa-me o que te atormenta — disse-lhe, sempre com a mesma doçura e numa voz aiada mais terna.

Então São Pedro ergueu-se de um salto, e Nosso Senhor viu que ele não estava apenas desesperado, mas também furioso.

— Quero abandonar teu serviço! — gritou o Santo. — Não ficarei no Paraíso nem mais um dia.

Nosso Senhor tentou acalmá-lo como nos tempos passados.

— Certamente — disse — eu te deixarei partir; mas é preciso que antes me confies a causa de teu descontentamento.

— Esperava ser melhor recompensado, quando sofríamos tantas misérias lá embaixo, no mundo — disse São Pedro.

A amargura transbordava de seu coração. Nosso Senhor o sentiu e não demonstrou cólera alguma.

— Repito-te que és livre de ir aonde quiseses — disse — mas conta-me primeiro o que te aflige.

São Pedro decidiu-se a falar.

— Eu tinha uma mãe velhinha; ela morreu há poucos dias.

— Compreendo agora tua tristeza — disse Nosso Senhor. — Sofres por ela não estar no Paraíso.

— E' isso — respondeu São Pedro, que caiu em prantos e gemidos. — E' isso... acho que bem mereci que ela viesse para cá.

Mas Nosso Senhor, ouvindo estas palavras, afligiu-se também, pois a mãe de São Pedro não era das que podem entrar no Paraíso. Só pensara em juntar dinheiro e, quando os pobres lhe batiam à porta, não conseguiam que lhes desse nem um óbulo,

nem um pedaço de pão. Nosso Senhor julgou bastante penoso ter de dizer a São Pedro que sua mãe fôra muito avarenta para poder gozar da beatitude.

— Como sabes — disse — que tua mãe ficaria contente em morar entre nós?

— E' melhor confessar que recusos satisfazer ao meu pedido! — prorrompeu São Pedro. — Pergunto-te: quem não se contentaria em morar aqui?

— Aquêle que não se alegra com a alegria alheia não saberia contentar-se no Paraíso — respondeu Nosso Senhor.

— Nesse caso — retrucou o Santo — conheço muitos que não se sentem à vontade, aqui.

Nosso Senhor compreendeu que era êle o visado, e deplorou essa dor que cegava São Pedro e o tornava incapaz de controlar sua língua. Esperou um instante que São Pedro lamentasse sua insolência. Mas nada disso aconteceu.

Então, Nosso Senhor chamou um anjo e ordenou-lhe que descesse ao Inferno e lá trouxesse a mãe do Santo.

— Oh! — disse São Pedro — deixa que eu veja!

Nosso Senhor tomou-o pela mão e conduziu-o a um rochedo abrupto que dominava o abismo, e do qual bastava curvar-se para avistar o Inferno.

A princípio, São Pedro distinguia tanto como si olhasse num poço. Um enorme abismo sem fundo cavava-se diante de seus olhos. O primeiro clarão que se destacou dessas trevas foi o anjo. Descia, com as asas largamente abertas, afim de não cair muito depressa.

Entretanto, logo que seu olhar se acostumou à obscuridade, São Pedro começou a se dar conta do prodigioso abismo onde jaziam e rastejavam os condenados. O anjo continuava a aprofundar-se lentamente, lentamente.

— Contanto que possa voltar com minha mãe! — suspirou.

Nosso Senhor olhou São Pedro com seus grandes olhos tristes.

— Não há fardo que meu anjo não levante — disse.

O abismo era tão profundo que nem um raio de sol aí penetrara jamais. Nêle reinava uma noite eterna. Mas o vôo do anjo espargia alguma luz, pois São Pedro distinguia um deserto imenso e negro, erigido de rochedos e pedras pontiagudas, entre as quais cintilavam águas sombrias. E, por toda parte, nesses rochedos nus e nessas pedras, os infelizes viam-se quindados. Haviam subido nelas esperando talvez sair do abismo, e aí ficavam como que petrificados de desespero e horror. Seu número era incontável. Dir-se-ia que o fundo desse abismo era feito de cabeças e corpos. E São Pedro foi dominado por nova angústia.

— Verás que êle não a há de achar! — murmurou ao Senhor.

E Nosso Senhor tornou a olhá-lo com o mesmo olhar triste de há pouco. Bem sabia que o anjo havia de encontrá-la.

O anjo planava, as asas desdobradas, e buscava.

— Súbito, um dos miseráveis o viu, pulou e gritou erguendo os braços:

— Leva-me, leva-me!

Fez-se então um grande movimento na massa. Milhões e milhões de seres surgiram e chamaram o anjo e torceram para êle os braços desesperados. E seus gritos repercutiram até Nosso Senhor e São Pedro, cujo coração estremeceu.

O anjo planava sempre por cima dos condenados e procurava de um lado e de outro, e, à medida que se movimentava, toda a multidão seguia-o como si a varresse um turbilhão tempestuoso.

Finalmente, o anjo descobriu aquela que viera buscar. Dobrou as asas e arremessou-se com a rapidez do raio. E São Pedro soltou um grito de surpresa e alegria, pois viu-o lançar os braços ao corpo de uma velha e levantá-la. E essa velha era sua mãe.

— Bendito sejas que me trazes minha mãe! — exclamou.

Nosso Senhor pôs-lhe docemente a mão sobre a espádua, como para advertir-lhe que não se entregasse tão cedo à alegria.

Mas São Pedro chorava lágrimas doces e não compreendia que coisa alguma pudesse de futuro separá-lo de sua velha mãe. E sua alegria aumentou quando viu que o anjo que a erguera não o fizera bastante depressa para impedir alguns condenados de se agarrarem a ela e de subirem com ela à morada da luz. Eram bem uns dez ou doze, e São Pedro pensou que era uma grande felicidade para sua mãe ajudar tantas pessoas a sair da danação.

O anjo não tentou alijar seu fardo. Não parecia embaraçado com isso e erguia-se rapidamente sem maior esforço do que lhe seria necessário para levar ao Céu um passarinho morto.

Mas eis que a velha começou a se libertar do abraço dos desgraçados que se tinham suspenso a ela. A impiedosa mulher agarrava-lhes as mãos e as abria; e um atrás do outro recaíam no abismo. São Pedro ouvia-lhes as súplicas, que sua mãe não queria escutar, pois ela não admitia que outros pudessem ser salvos. Desembaraçava-se deles e os precipitava nas trevas, e todo o espaço ecoava suas maldições e seus clamores desesperados. E São Pedro gritava a sua mãe que mostrasse um pouco de caridade; mas ela fazia-se surda e se obstinava em sua maldade. E, quanto mais leve se tornava seu fardo, mais o anjo retardava o vôo. Um temor tão grande se apoderou de São Pedro que suas pernas vacilaram e êle caiu de joelhos.

Restava apenas uma infeliz, agarrada à mãe do Santo. Era uma mulher que a segurava pelo pescoço e que a implorava e suplicava, falando-lhe ao ouvido.

Nesse momento, o anjo estava tão alto que São Pedro já estendia os braços para receber sua mãe. Ainda um ou dois impulsos de asas, e ela atingiria o Paraíso.

Mas, súbito, o anjo deteve seu vôo e seu rosto tornou-se sombrio como a noite. A velha agarrara os braços da condenada e forçara-a a soltá-la; e o pobre corpo tornara a tomar no vórtice.

Parecia que o anjo não tinha mais força para mover as asas: baixou os olhos para a mulher e seu olhar era profundamente triste. Seus braços fatigados entreabriam-se e deixaram-na abismar-se, como um peso superior a suas forças. E, com um só bater de asas, arremessou-se para a luz.

São Pedro soluçava, e Nosso Senhor permanecia imóvel a seu lado.

— São Pedro — disse-lhe enfim — nunca poderia pensar que derramasses tantas lágrimas em meu Paraíso.

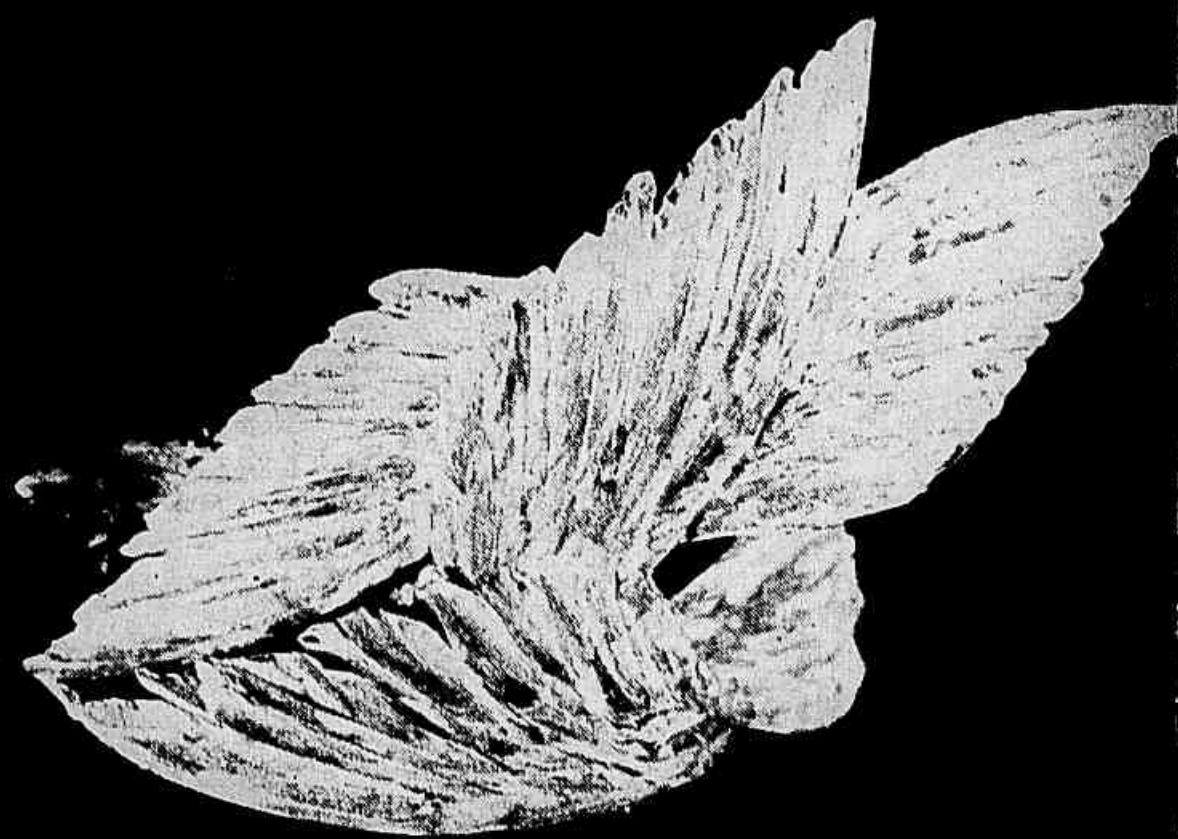
Mas o velho servidor de Deus ergueu a cabeça e respondeu:

— Que significa um Paraíso onde ouço os gemidos dos que me são mais caros e de onde vejo os sofrimentos de meu próximo?

O rosto de Nosso Senhor ensombrecou-se.

— Quero, acaso, outra coisa que não seja preparar a todos um Paraíso de luz e felicidade? — disse. — Não foi porisso que desci até aos homens e lhes ensinei a amarem-se uns aos outros? Enquanto não o fizerem não haverá refúgio contra a tristeza e a dor nem no céu nem na terra.

MODAS EM BLACKOUT



Aproveitando a experiência da "blitzkrieg" aérea em Londres onde se verificou que os acidentes de trânsito durante o "black-out" foram, depois das bombas, a principal causa de mortes e ferimentos, foram tomadas todas as precauções possíveis para eliminar alguns dos perigos resultantes da escuridão. Isto faz parte do esforço nacional contra o que se pode chamar "Sétima Coluna". Esta "Sétima Coluna" é o descuido que trabalha pelo inimigo, resultando em acidentes de toda natureza que entravam os esforços de guerra.

E' pois dever de todos nós combatê-la com o mesmo interesse com que combatemos a "quinta coluna" ou qualquer elemento que possa ajudar o inimigo.

John Frederics, famoso desenhista de chapéus, teve neste trabalho um papel de relêvo, engendrando êstes modelos que são luminosos à noite e claramente visíveis na mais pro-

funda escuridão. Quanto mais intensa é a escuridão, tanto mais visíveis se tornam êstes chapéus. São feitos do material comumente usado, mas tratado por um processo especial. Durante o dia conservam o encanto dos mais lindos ornamentos e, durante a noite, tornam-se mais atraentes do que os comuns.

As fotos que apresentamos mostram uma série dêsses chapéus e acessórios desenhados por Mr. Frederics na sua contribuição para "esmagar a sétima coluna".

Aí os vemos como aparecem durante o dia e o aspecto que apresentam durante um "black-out": a dama permanece invisível, mas seu chapéu e sua bolsa podem ser claramente vistos pelos pedestres e pelos motoristas, na mais profunda escuridão.

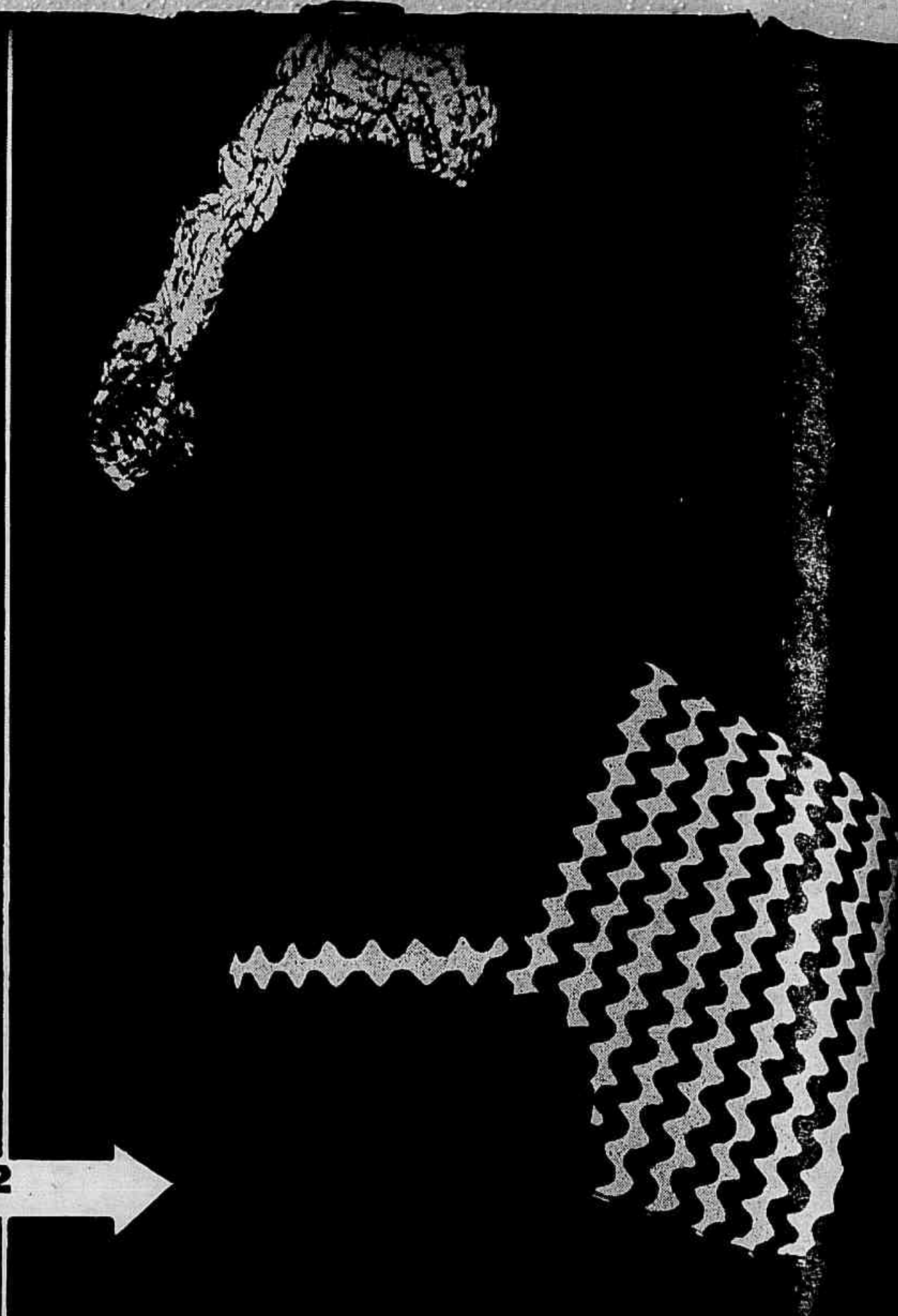
1 PARA A VITÓRIA — Asas para a vitória é o tema dêste chapéu de palha, tão leve e gracioso. As asas têm a graça de um vôo. Eis como aparece durante o dia. Durante a noite tornam-se as asas de um anjo da guarda, protegendo a dona dos acasos do "black-out" e contribuindo para a campanha contra a "sétima coluna".

3 FASCINANTE — E' assim esta interessante criação em algodão, cujo modelo em zig-zag põe em relêvo a fisionomia da senhora ou senhora. E' realmente um modelo fascinador, quando o veludo brilha na escuridão, desempenhando além disso um papel importante na proteção contra os acidentes.

4 ASAS LUMINOSAS — Este modelo é tão útil quanto encantador. Na escuridão produz um efeito originalíssimo. Eis aqui o aspecto dêste chapéu emplumado na escuridão. Bem melhor do que usar uma lanterna, não acham?

2 BOINA E BOLSA — Este conjunto é tão útil como bonito. Desenhado por John Frederics, êste chapéu, a bolsa e o cinto protegem o transeunte contra os possíveis acidentes durante o "black-out". Quando as luzes deixam de brilhar distinguimos ainda perfeitamente a boina e os acessórios. Modelados pela mulher invisível. O efeito, embora fantástico, é sempre eficiente.

5 HALO — Este moderno chapéu em forma de auréola tem um aspecto dramático quando brilha na escuridão. E nenhum chapéu com halo merece mais êste nome que o modelo apresentado aqui, próprio para ser usado durante o "black-out".



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

A' venda em toda parte

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os juristas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

BRINDE DE FESTAS

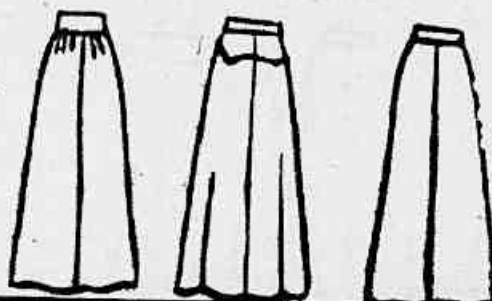
Recebemos da "Panair do Brasil S. A." interessante folhinha para o ano de 1944.

É um trabalho impresso em cores composto de diversos quadros a propósito da evolução da aeronautica, desde o primeiro ensaio feito pelo padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão até os nossos dias.

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a **LUIZ ROMÃO**
AV. TAVARES DE LIRA, 48

Saias e Blusas



1 Saia de flanela, pala em ponta, corte amplo.

2 Saia: panos sobrepostos, bolsos aplicados, com prega embutida.

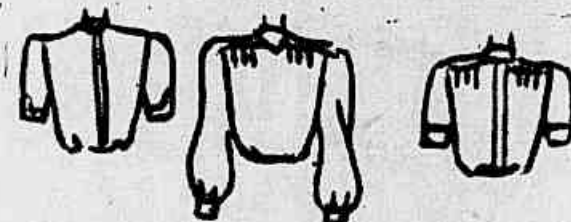
3 Saia com panos sobrepostos e fundas pregas aos lados; bolsos aplicados.

4 Blusa em linon canário, franzidos nos ombros, bordado festonné e bolso embutido com monograma.

5 Blusa com gola chemisier, cortes formando bolsos abotoados; monograma.

6 Blusa toda enfeitada de cordonet, forma original.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA



7 Blusa estampada com grande jabot do mesmo matiz, em godet.

8 Blusa de organdi bordado com badiños franzidos.

9 Blusa em rayon liso com bordados aplicados; do decote alto e franzido sai uma tira formando gravata.

10 Saia de marocain, panos na frente formando pregas.

11 Saia escocesa cortada em vriez; pala formando feitiço na frente.

12 Saia de panos formando pregas fundas, bolsos com pregas pequenas.



A TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

(Continuação da pag. 39)

o seu cliente a todo custo. Teve dificuldade em encontrar a casa, escondida num bôco mal cheiroso. Bateu, e, não obtendo resposta, tornou a bater. Dessa vez ele ouviu um barulho dentro e finalmente abriram uma fresta da porta. Apareceu uma pessoa que ele não pôde distinguir. Ouviu um riso de satisfação e uma voz de mulher que disse: "Veiu, hein?" Era uma mulher, e falava em tom sibilante. (Num trôço ninguém, num é? Bom. Pode entrá.)

O advogado entrou num quarto sujo e mal iluminado. Havia, a um canto, uma cama por fazer, uma mesa e duas cadeiras. Pela primeira vez, Mayherne pôde observar a dona da casa. Era mulher de meia idade, curvada, de cabelos grisalhos, desgrenhados, com o rosto enrolado num chale. Viu-o olhar, curioso, para o chale e levantou-o. Ele recuou involuntariamente. As faces da mulher pareciam massa escarlate informe.

— Tem nôjo de mim, hein? Ih! Ih! Eu já fui bonita, sabe? E não foi lá há muito tempo... Vitriolo (ela dizia vitriôlo)... foi o que ele me jogou...

Uma série de desaforos seguiu-se, a despeito das tentativas de Mayherne para fazê-la calar-se. Parou, por fim, abrindo e fechando as mãos nervosamente.

— Vim aqui para receber informações que podem salvar o meu cliente. Foi, pelo menos, o que sua carta levou-me a acreditar.

Os olhos dela voltaram-se para ele, astuciosos.

— E o dinheiro? — sibilou. — Os duzentos pacotes, que eu disse p'ra você trazê?

— É seu dever fornecer informações. A senhora deve saber muito bem que pode ser obrigada a isso.

— Num 'dianta. Sô uma véia e num sei de nada. Mas, si você me dé duzentos pacotes, eu lhe digo umas coisas...

— Que coisas?

— Serve uma carta? Uma carta daquela zinha? Num interessa como eu ganhei ela. Você num tem nada cum isso. A carta serve. Mas eu quero os duzentos pacotes.

— Dou-lhe dez libras.

— Dez? — gritou a mulher, furiosa.

— Bem, vinte. Não adianta falar mais porque esta é a minha última palavra.

Levantou-se como que para sair. Em seguida, observando-a de perto, tirou o dinheiro da carteira. Eram vinte libras. Pouco, em relação ao que ela pedira, mas a cobiça foi despertada à vista das notas. Cedeu. Tirou de debaixo do colchão um masso de cartas e jogou-o sobre a mesa. Disse que a última é que era importante. Mayherne leu todas, e, quando acabou, releu a última. Eram cartas de amor, escritas por aquela com quem Leonardo vivia e dirigidas a um homem que não era Leonardo Vole. A carta a que se referia a mulher datava do dia da prisão de Leonardo. A mulher ainda o informou que Romaine não estava em casa na hora em que dizia ter chegado o marido. As dez e vinte, ela estava num cinema com o homem a quem eram dirigidas as cartas. Ela, Mayherne, as espionava. Odiava a vienense que lhe roubara o amante: — Eu era bonita. Achei ruim; ele me derramou isso na cara, e ela ri! Diaba! — Perguntou se Romaine seria punida. Mayherne disse que

(Continua na pag. 47)

Números atrasados desta
Revista no Amazonas

Pedir a ALBANO H. MARTINS

Agência Martins — Manaus.

Números atrasados desta
Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128

RECIFE

"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM
É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

Trabalho manual e tricot

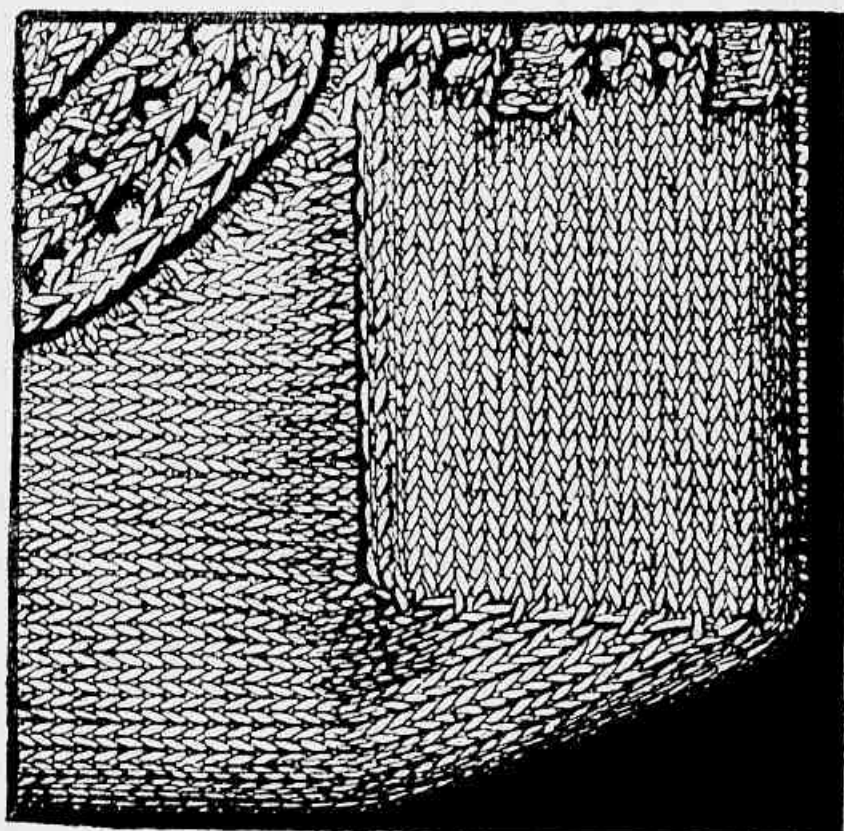


Fig. III

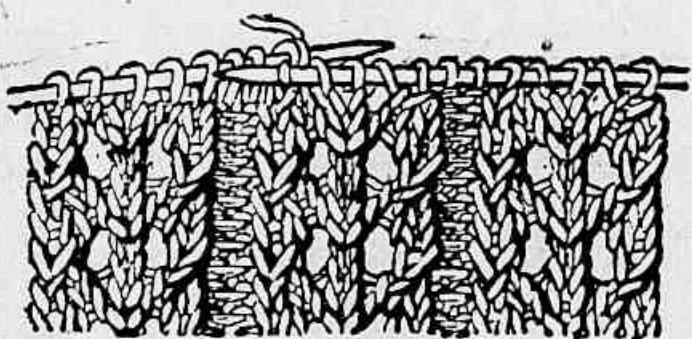


Fig. II

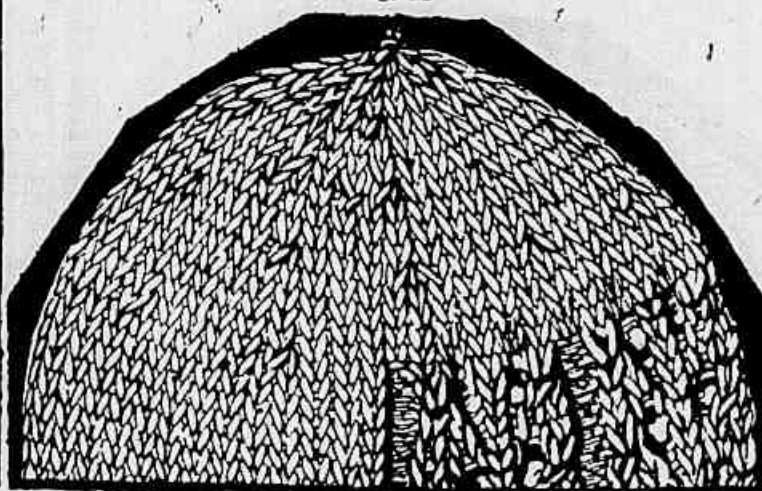


Fig. IV

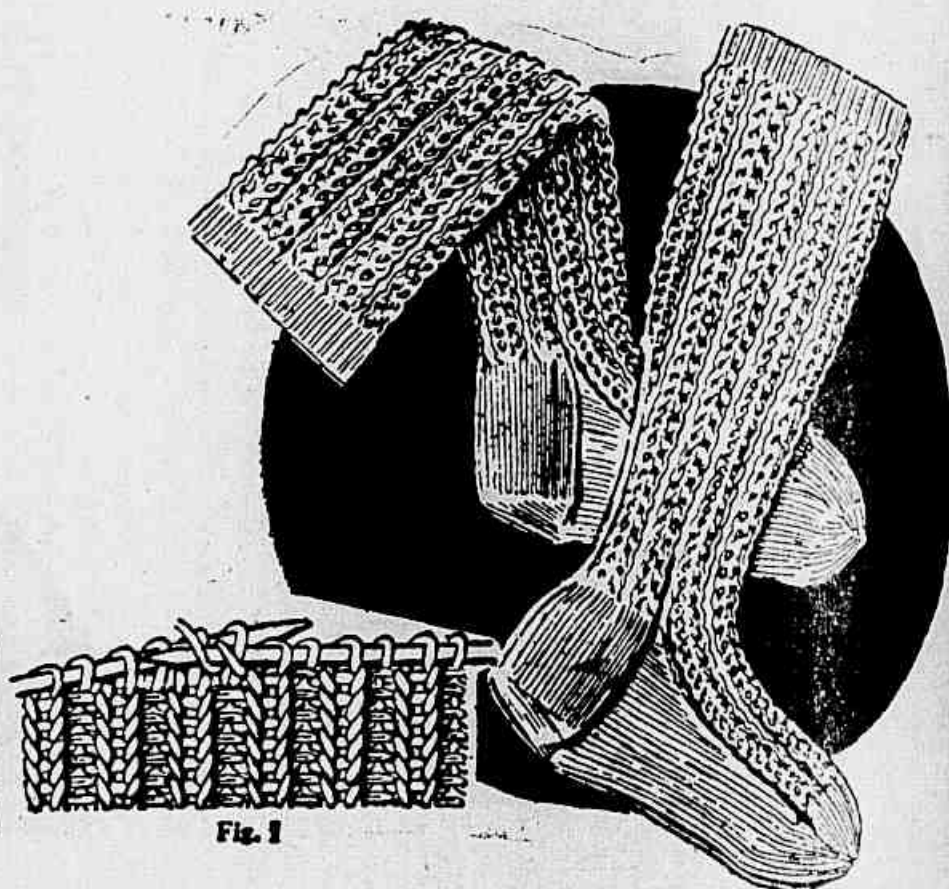


Fig. I

Meias de tricot de lã para criança

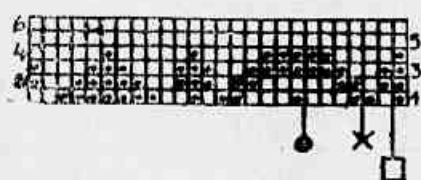
As meias de tricot rendado estão na moda, e além disso são mais práticas, porque deformam-se menos com a lavagem que as outras. Podem ser executadas em lã branca ou em qualquer colorido.

Para uma criança de 3 a 4 anos, são necessárias pouco mais ou menos 50 grs. de lã Zephyr W. M. 5 agulhas de tricot de 1 milímetro e meio de diâmetro.

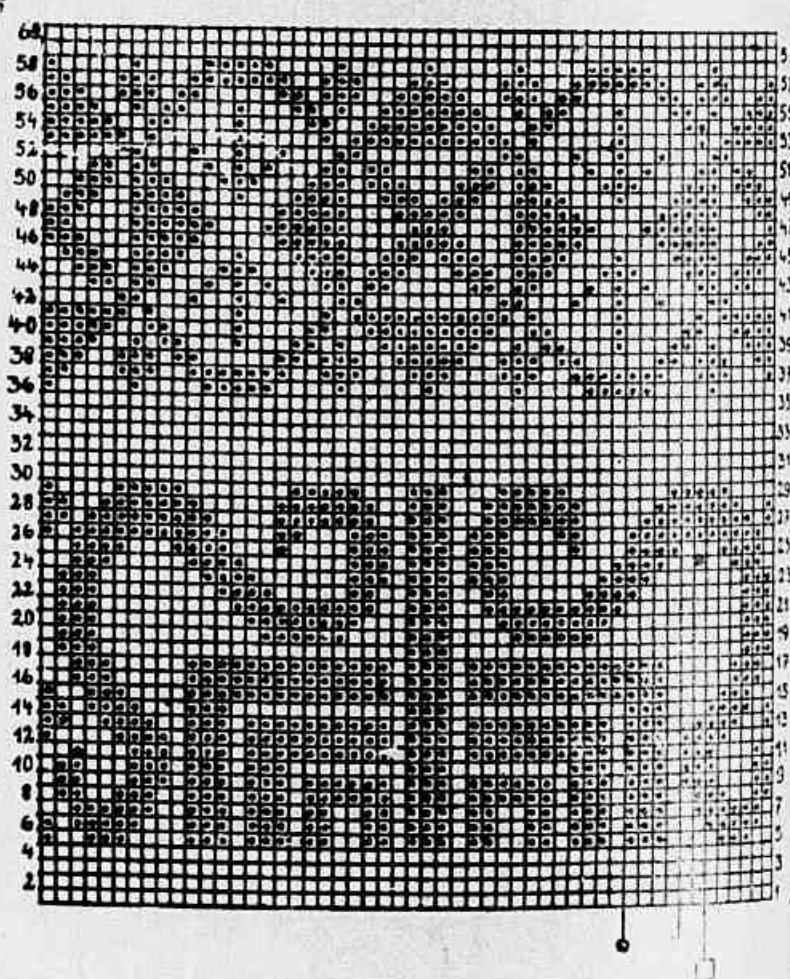
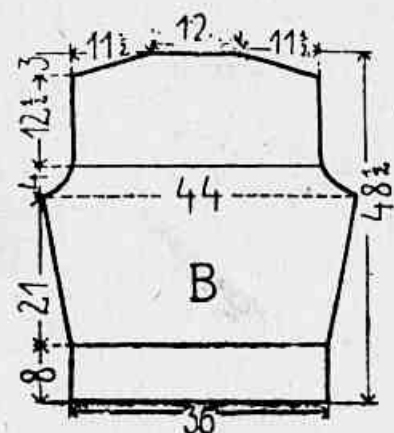
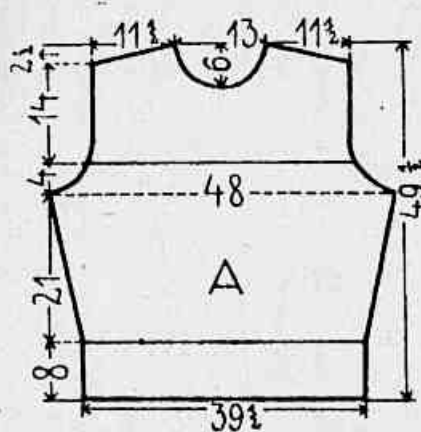
Começar pela parte de cima, pondo na primeira agulha 17 malhas assim como na terceira e 18 malhas na segunda e na quarta, sejam 70 malhas ao todo. Tricotar em redondo com a quinta agulha, fazendo 1 malha pelo direito e 1 malha pelo avesso em toda a volta, fazer a mesma coisa nas carreiras seguintes (fig. 1) — durante 0m,025. Em seguida trabalhar no ponto rendado da seguinte maneira: 1.ª carreira: (x) 2 malhas tomadas juntas ou diminuição, 1 laçada, 1 ponto, 1 laçada, uma diminuição, 2 malhas pelo avesso e recomendar em (x), fazer assim toda a volta. 2.ª carreira: (x) 5 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso e recomendar em (x). 3.ª carreira: como a segunda. 4.ª carreira: como a 1.ª (fig. 2) — Tricotar desta maneira durante 10 centímetros. Depois guardar as 2 malhas pelo avesso lá para o fim da carreira da 4.ª agulha como ponto de costura; suprimir primeiro a laçada de cada lado, no ponto da fig. 2; fazer 6 voltas, diminuir novamente, 6 voltas, etc.; deve-se ter apenas 1 malha pelo direito e 2 malhas pelo avesso no fim da 4.ª agulha para o último desenho, compreendendo o ponto de costura e uma malha pelo direito e 2 malhas pelo avesso no começo da 1.ª agulha da carreira seguinte para o primeiro desenho quando as diminuições estiverem terminadas. Continuar em seguida até medir 28 c. Colocar então a metade das malhas numa agulha com as 2

malhas no ponto de costura no meio, deixar as outras à espera e fazer no ponto de jersey: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso; deve se tricotar só com 2 agulhas, conservando as 2 malhas no ponto de costura pelo avesso quando as outras estão no direito e inversamente, tricotar assim 0m,04. Fechar em seguida o calcanhar começando a carreira pelo avesso, ir até 2 malhas depois do ponto de costura e tomar 2 malhas juntas, fazer 1 malha a mais e virar; voltar pelo direito, ir até 2 malhas depois do ponto de costura, tomar 2 malhas juntas, fazer 1 malha a mais e virar; continuar pelo avesso, e ir até o fim das malhas feitas na penúltima carreira, tomar em seguida a última tricotada na penúltima carreira e a malha seguinte, fazer 1 malha a mais e virar; fazer a mesma coisa pelo direito, etc., até que não restem mais malhas sobre a agulha de cada lado; deve se terminar pelo direito. Apanhar as malhas do lado da tira do calcanhar, retomar as malhas deixadas à espera para a parte de cima do pé, tricotando-se em seguida em volta de novo; as malhas da parte de cima do pé são trabalhadas no ponto da fig. 2 e as dos lados do calcanhar no ponto de jersey (fig. 3); apanhar o mesmo número de malhas no outro lado da tira do calcanhar e diminuir uma malha de cada lado tomando juntas, todas as 2 carreiras, as 2 malhas no ponto de jersey que precedem e que seguem o desenho da parte de cima do pé até que restem apenas 60 malhas ao todo, continuar então sem diminuir até medir 10 c. desde a base do calcanhar. Tricotar então só no ponto de jersey tomando 2 malhas juntas todas as 4 malhas durante uma carreira 4 voltas sem diminuir, 2 malhas tomadas juntas todas as 3 malhas, 3 voltas sem diminuir, 2 malhas tomadas juntas todas as 2 malhas, 2 voltas sem diminuir, 2 malhas tomadas todas; uma malha, 1 volta sem diminuir e constantemente até que restem apenas 2 malhas por agulha; escorege-las numa agulha de bordar para fechar a ponta do pé (fig. 4).

CASACO E CAPUZ EM TRICOT



Modelo de barra mais estreita dos pontos contados.



Cada quadrado representa 1 malha. Ler da direita para a esquerda as carreiras com números ímpares cujos quadrados em aberto serão tricotados com a lã marrom com malhas pelo direito e os marcados com um ponto com a lã amarela com malhas pelo direito. Ler da esquerda para a direita as carreiras de números pares cujos quadrados em aberto serão tricotados com a lã marrom com malhas pelo avesso e os marcados com um ponto com a lã amarela com malhas pelo avesso. — O fio que não está sendo empregado fica sempre por trás do trabalho. — Cada modelo de pontos contados apresenta um desenho.

Os moldes com as suas medidas.

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS EM ESTILOS
RENASCENÇA, COLONIAL,
RÚSTICO, CHIPENDALE E
POSTOS EM AMPLOS
MOSTRUÁRIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza n.º 100/10, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

A TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

(Continuação da página 39)

ela seria presa por falso testemunho. A mulher riu: — E' isso que eu quero! Presa!

Mayherne deixou-a exultante e encaminhou-se para o cinema que ela indicara. Lá, reconheceram Romaine por um retrato. Ela chegara, com um homem, na noite do crime, pouco depois das dez, e saíra por volta das onze. Mayherne ficou satisfeito. O testemunho da principal testemunha da acusação não teria nenhum valor. Era uma série de mentiras. Entretanto, uma coisa o intrigava: o ódio que Romaine voltava a Leonard. O rapaz afirmava não compreender a atitude dela, mas seus protestos soavam falsos. Ele sabia. E entre os dois havia um segredo. O advogado olhou o relógio. O tempo era precioso. Chamou um taxi.

O julgamento de Leonard Vole despertou grande interesse. Em primeiro lugar, o prisioneiro era jovem e bonito e, além do mais, acusado de um crime horrível. Havia, ademais, a testemunha da acusação, Romaine Heilger. Os jornais vinham publicando retratos dela e histórias inventadas sobre sua origem. Começou tudo calmamente. Vieram primeiro os esclarecimentos dos peritos. Foi chamada, a seguir, Janet Mackenzie. O advogado conseguiu fazê-la contradizer-se, algumas vezes, a respeito das relações entre Vole e Emily French; salientou que ela não era capaz de identificar a voz de homem que ouvira na sala e que nada provava que fôsse Vole, e conseguiu mostrar quanto havia de ciúme e antipatia pelo rapaz. Foi chamada a testemunha seguinte.

- Seu nome?
- Romaine Heilger.
- Nacionalidade?
- Austríaca.

— E' verdade que, durante os últimos três anos, viveu com o réu, fazendo-se passar por sua esposa?

Os olhos de Romaine encontraram-se com os de Vole. O rosto dela estava sem expressão.

(Continúa na página 48)

Damos em tamanho natural metade do desenho de uma finíssima gola de acet. de seda, e que pode ser feita também em linho ou cordão. Tire o desenho em papel vegetal riscando forte, grude numa carolina pelo mesmo lado desenhado (para não sujar o acet. de lapis), deixe secar e vá pregando o acet. ao redor do risco; depois diste todo alinhado, corte-se o ajour. Com pouco trabalho e paciência era a leitora amiga uma gola linda, fina e cara.

Juntamos ainda o monograma — J. H. a pedido de uma leitora, que quer para tanto de fronha, uma inicial para lenço, para no próximo numero. Acho que o monograma é como todo discreto, e não muito alto, nem esquisito, claro e bonito. Não acham?

BEATRIZ — Ai está, um bonito monograma para seu vestido de linho. Agradeço sua gentileza; não tenha receio de caclear: é muito mais agradável inserir em nossas paginas coisas que interessem às leitoras de cada secção.

A TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

(Conclusão da página 47)

— Sim.

Prosseguiram as perguntas. Ela afirmou que ele levava uma alavanca de ferro ao sair; que voltara às dez e vinte e confessara haver assassinado Emily French; que seus punhos estavam manchados de sangue e ele os queimara no forno da cozinha; que ele a fizera calar-se por meio de ameaças. Ouvindo a história, o júri, a princípio inclinado a favorecer o réu, voltou-se contra ele. Entretanto, o próprio promotor via-se obrigado a acalmar a fúria da testemunha. Ele teria preferido, mesmo, que ela demonstrasse mais imparcialidade.

Levantou-se o advogado. Perguntou-lhe si a história que contara não era uma série de mentiras; si não era verdade que ela nem em casa se achava às dez e vinte; si ela não estava apaixonada por um outro homem e, querendo ver-se livre do amante, inventara aquela história que podia levá-lo à força por um crime de que era inocente. Tudo isso ela negou e os seus olhos brilhavam, insolentes. Veiu o desenlace surpreendente. O advogado apresentou a carta que foi lida em voz alta:

"Max querido: O destino colocou-o em nossas mãos. Ele foi preso pela morte de uma velha. Imagine! Leonard, que não teria coragem de matar uma mosca! Vingarme-ei, afinal! Collado! Eu vou dizer que ele chegou em casa ensanguentado e que confessou. E ele será enforcado, Max — e, morrendo, saberá que foi Romaine que o levou a isso. E então — felicidade, meu amado! Felicidade, enfim!"

Havia peritos presentes dispostos a jurar que a caligrafia era de Romaine. Mas não foi preciso. Vendo a carta, ela confessou tudo. Leonard tinha chegado em casa às nove e vinte. Ela inventara tudo para matá-lo. Destruído o testemunho de Romaine, a acusação foi por água abaixo. O réu foi absolvido.

Perguntaram a Mayherne si ele já dera os parabéns a Vole. Mas ele nem ouviu. Queria ver Romaine. Ocorreria-lhe, subitamente, ao vê-la confessar, uma semelhança. **Ela abria e fechava as mãos, nervosamente.** Viu-a mais tarde.

— Então o senhor descobriu? — disse ela quando ele disse o que suspeitava. — O rosto? Era fácil. A luz era pouca. Eu tinha bastante "make-up" em casa. E... sou atriz.

— Mas por quê?

— Por que eu aqui sozinha? — Ela sorriu, lembrando-se que repetira as suas próprias palavras, proferidas havia poucos dias.

— Uma farça tão complicada!

— Meu amigo, eu tinha que salvá-lo. O testemunho de uma mulher que o amava não bastaria. Mas eu sei um pouco de psicologia das multidões. Si o testemunho fosse arrancado à força, tornando-se odiosa, o criminoso seria absolvido. Eu sabia.

— E o maço de cartas?

— Uma única, de importância vital, pareceria falsificada.

— E o homem chamado Max?

— Nunca existiu.

— Eu ainda creio que, agindo com simplicidade, poderia salvá-lo.

— Não ousei arriscar. O senhor pensava que ele era inocente...

— E a senhora sabia? Compreendo.

— Meu caríssimo dr. Mayherne — disse Romaine — o senhor não compreende nada. Eu sabia que ele era culpado!

Modelos diversos



- 1 Vestido de linho; a blusa é com ilhós enfiadas por fita formando laços. Saia franzida com bolsos pespontados.
- 2 Brim de seda branco; saia drapeada, bolero vermelho com tiras brancas.
- 3 Interessante vestido quadriculado com "broderie" inglesa.
- 4 Lindo vestido em linho de duas cores; recorte aplicado fingindo laço.
- 5 Em shantung também de duas cores e pespontado; gola alfaiate.

Continuamos a oferecer às nossas leitoras modelos para o verão. Roupas para a praia, os mergulhos nas piscinas, os banhos de mar, os passeios pelas cidades serranas, os chás elegantes em casa de alguma amiga.

Para o Verão *



1 Conjunto para praia, composto de um bolero, com bolsos aplicados, nos quais se vê, em um quadro esboços de palmeiras, que pôde ser feito com fazenda aplicada, ou do mesmo estampado da blusa; e o short igual.

2 Vestido de shantung liso e estampado, completamente abotoado na frente e pespontado. As luvas e o chapéu são das mesmas fazendas.

3 Vestido de linho branco, para praia, cruzado na frente como robe; bordados de flexas.

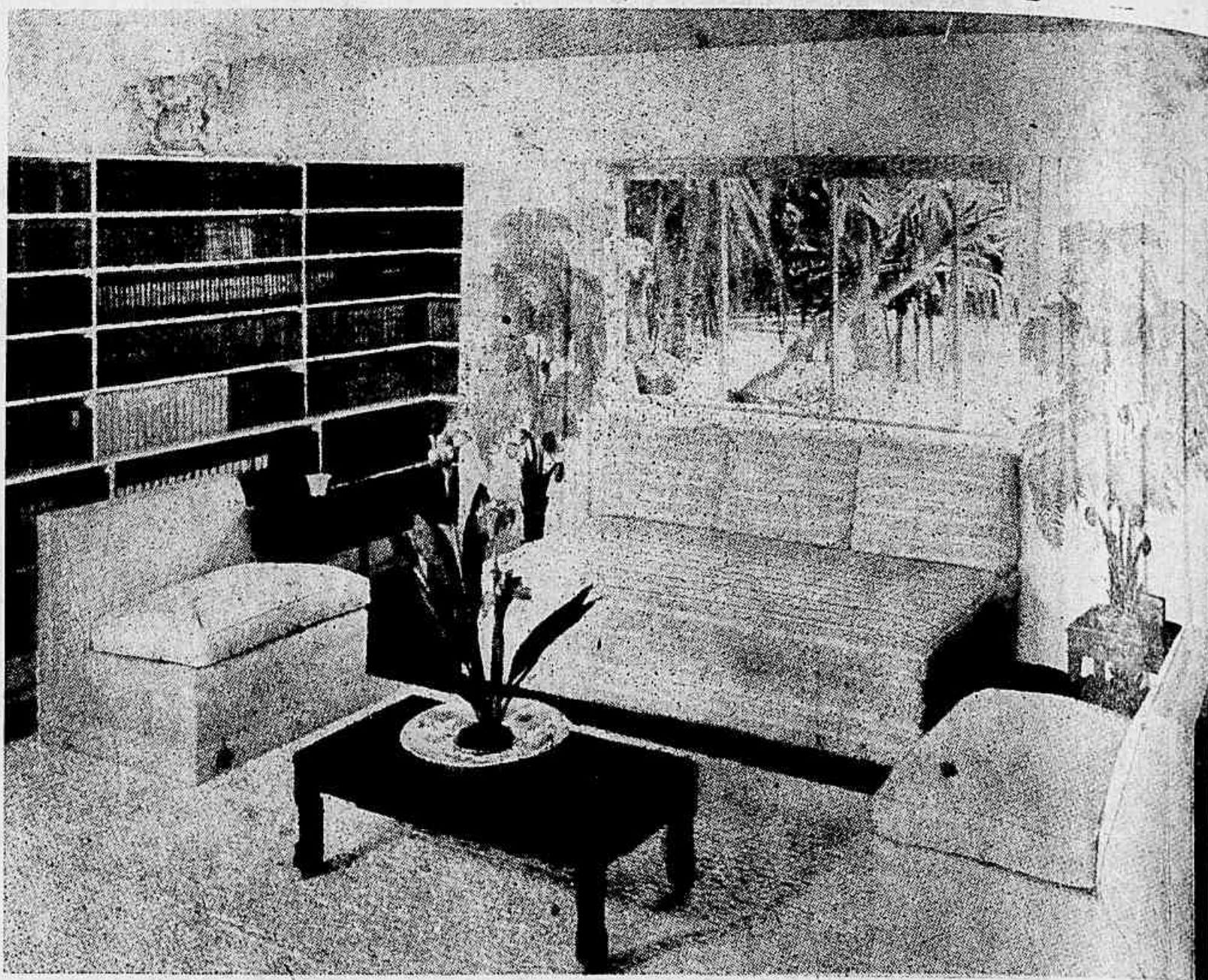
4 Conjunto de praia, em branco e quadriculado, bolsos em forma de coração.

5 Trez peças para praia, calça escura, paletó claro e a blusa em côr viva. O casaco leva vivos da fazenda da calça.

O Lar

Hoje damos três ambientes elegantes, e confortáveis, e um detalhe de sala de jantar de efeito brilhante.

A casa moderna, sem estilo determinado, dá preferência a moveis confortáveis e de cores diferentes, harmonizando-se entre si: maior quantidade de moveis para as diversas utilidades e, quase sempre, substituída por um ou dois moveis práticos e adaptáveis a diversas aplicações: as estantes e prateleiras em madeira, vidro ou espelho são preferidas porque ocupam pouco espaço e dão ao ambiente um aspecto simples e bonito. Os detalhes, como a combinação de varias cores, também preocupam os decoradores de ambientes modernos: tapetes, cortinas, jarros, cristais, ferro são notas de bom gosto no complemento do ambiente e dos objetos. Com a falta de tempo das donas de casa, hoje em dia, inventaram-se as flores de louça, vidro, galalite e madrepérolas, que substituem as flores naturais, como centros de mesa e enfeites de cantes, e são preferíveis às flores de papel ou pano, de mau gosto hoje, a não ser que sejam de manufatura perfeita ou original.



Aqui temos um lado da biblioteca da senhora e sr. Harton Singer, em linhas modernas, e confortável, com duas estantes embutidas. As cores predominantes são uma combinação de verde-lima e amarelo-limão e branco; a forma das luzes é bizarra: tulipas de cristal; o jarro do meio da mesa também tem lírios em cristal colorido. A cortina amarelo-limão tem um desenho de samambaias verde-lima; mesinhas e mesa de centro em habana. Toda a decoração é feita em linhas retas.

DETALHE DA SALA DE JANTAR: Sobre o vidro da mesa, cristais e flores, o grande lustre de cristal combina com os candelabros; as prateleiras de vidro, com pratas e cristais, dão um ar de "fêrie" quando as luzes se acendem.



SALA-TERRAÇO da mesma residência do casal Harton Singer: a madeira amarela imita bambú fino em talas acobreadas de amarelo esverdeado ou verde-lima; as outras poltronas em madeira branca com estofa amarelo-limão; há em todos os moveis desenhos de peixes. O tapete sobre mosaico amarelo é uma esteira. Há uma grande profusão de plantas diversas, todas de abundante folhagem. É um ambiente tropical de beleza rara e fresca: um recanto dos mais agradáveis para a hora do chá.



Para satisfazer o pedido de um leitor, damos aqui a sugestão para um confortável e elegante *living-room* combinado com a sala de jantar, da qual o separa uma cortina de *reps* amarelo suave; o divan amplo é de couro terracota, está colocado entre uma estante alta e estreita embutida na parede, e um móvel baixo com estante para livros, *abat-jour* e *bibelots*; duas poltronas menores e uma bem ampla e toda acolchoada; ao centro: mesinha baixa e ainda com lugar para livros. Sobre o chão grande tapete em cor terracota; sobre ele um menor cinza, azul e terracota combinadas; as paredes em azul-cinza. A sala de jantar tem as cadeiras forradas de azul ultramar e cortinas cor terracota; acessórios amarelos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

